



ATOS DO CONSELHO SUPERIOR DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

I. Carta do Reitor Maior

Centenário da Basílica — Exposição Salesiana e Concurso "M. A. 68" — Apêlo para a América Latina — 9 de junho — Nossos Encontros Continentais — Um grave dever: informar — Um precioso ensinamento: saber ouvir — A função das novas estruturas — Nossa missão hoje — Trabalhem para a juventude pobre — Função pastoral da nossa escola — Um problema vivo e delicado: Unidade na pluralidade — Critério-guia — Distinção essencial-acessório — As "experiências" — O Ano da Fé nos leve a uma vida de fé — Alimentemos a nossa fé — Como os leigos nos querem.

II. Disposições e normas

- "Rendiconto" administrativo — Práticas para construção e Práticas econômicas.

III. Comunicações

Nomeação de Bispos — Nomeação de Inspetor — Conselheiros Regionais.

IV. Atividades do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral

V. Documentos

Carta de S. Emcia. o Cardeal A. J. Cicognani, Secretário de Estado de SS. Paulo VI, ao Reitor Maior por ocasião do Centenário da Consagração da Basílica de Maria Auxiliadora — Profissão de Fé pronunciada por SS. Paulo VI no encerramento do "Ano da Fé" — Mensagem de SS. Paulo VI aos Sacerdotes no encerramento do "Ano da Fé".

VI. Necrologia. (2.º elencos de 1968)

I. CARTA DO REITOR MAIOR

Turim, julho de 1968

Caríssimos irmãos e filhos

Escrevo estas linhas no fim do mês de junho. Êste mês foi de algum modo uma coroa feliz de um conjunto de iniciativas e acontecimentos que caracterizaram êste primeiro semestre de 1968 e foram motivo de particular incidência e de fecunda satisfação para tôda a nossa família.

A abertura do Centenário da Basílica com tôdas as manifestações que se seguiram: os três grandes Encontros Continentais de Inspetores e o solene encerramento do Ano da Fé.

Meu propósito é dizer-vos uma palavra a respeito dêstes grandes e consoladores acontecimentos que a Divina Providência nos fêz viver.

Entretanto, antes de entrar nestes argumentos, desejo agradecer, muitíssimo sensibilizado, a quantos, de tantas maneiras diferentes, no dia do meu onomástico quiseram manifestar afeto a êste que representa D. Bosco, exprimindo sua fidelidade ao Pai Comum, seu empenho na renovação, palmilhando os caminhos traçados pela Igreja e pela Congregação.

Na impossibilidade de fazer chegar a cada um, diretamente, a expressão de meu vivo reconhecimento, estas páginas levem a cada um a expressão de meu coração agradecido. Penso que ninguém ficará admirado se afirmo que com

muitíssimo agrado recebi os augúrios dos irmãos da Checoslováquia, de Cuba, da Hungria, do Vietnam. Os motivos, bem os podeis compreender.

Um irmão me escrevia por ocasião dessa data: “Sabemos que há um preço para o resgate e o seu trabalho é um consumir-se diàriamente. O senhor é o nosso holocausto. Muito obrigado pela coragem que nos infunde nestes dias difíceis”.

Não estou para analisar as afirmações que brotam do coração do bom irmão, mas faço questão de pôr em evidência a sensibilidade dêste nosso filho que sente o “preço do resgate que o Superior deve pagar por todos”.

Pois bem, não me parece possa encontrar palavras mais adequadas para exprimir o meu reconhecimento senão confirmando a minha vontade de “pagar êste resgate” sem regateios, para o bem de nossa diletta Congregação, de cada um de vós, da Igreja, da qual todos somos e queremos ser filhos e servos tanto mais fiéis, quanto mais difíceis se tornam os tempos. E vós, irmãos e filhos caríssimos, ajudai-me a carregar a cruz, tornando-a menos pesada com a vossa oração constante, com a vossa generosa colaboração e com a vossa cordial fidelidade a D. Bosco, não em abstrato, mas com a voluntária docilidade às diretrizes de quem tem o mandato de o representar e interpretar.

Ajudai-me a servir humildemente à Congregação e a vós, para que juntos possamos servir à Igreja e a Jesus Cristo.

Centenário da Basílica:

Enquanto vos escrevo sinto ainda na retina e no coração o espetáculo de fé mariana que vivemos naqueles meses e que terminou no dia 9 de junho, data centenária da Consagração da Basílica de Maria Auxiliadora.

Desde a última semana de abril, que assinalou a abertura das manifestações, foi um suceder-se cada vez mais intenso de peregrinações — Salesianos, Filhas de Maria Au-

xiliadora, jovens, cooperadores, ex-alunos, fiéis, paróquias, etc, — que no espaço de cinqüenta dias atingiram o número de quase quinhentas. A festa de Maria Auxiliadora teve a presença de milhares de fiéis ao lado de Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora que vieram prestar homenagem à Santíssima Virgem.

A participação devota e piedosa da Santa Missa e da Eucaristia, foi característica de tôdas as manifestações das massas de jovens e milhares de homens e mulheres.

A procissão do dia 24 de maio, apresentou o espetáculo de uma verdadeira enchente de povo que espontâneamente, com edificante e fervorosa oração, se associava ao clero e às organizações religiosas que desfilavam.

Exposição Salesiana e Concurso “M.A.-68”.

Mas, como é do conhecimento de todos, surgiram outras iniciativas para celebrar êste centenário. A Exposição permanente Salesiana, inaugurada com a presença de muitas autoridades e de todos os Inspetores que haviam participado do Encontro de Como, é uma realização que está merecendo apreço e suscitando grande interêsse do público, de jornalistas, educadores e de tantos jovens.

Não é êste o lugar para descrevê-la. Mas, certamente, através das impressões anotadas pelos visitantes, em fôlhas adrede preparadas, podemos concluir que a iniciativa serve eficazmente não só para levar ao conhecimento do grande público a nossa missão na Igreja e no mundo de hoje, mas desperta o interêsse de tantos jovens dispostos a assumir compromissos nobres e concretos.

Através destas páginas desejo exprimir o agradecimento sincero, não sòmente meu mas de tôda a Congregação aos irmãos e às Filhas de Maria Auxiliadora que se prodigalizaram para que esta iniciativa saísse a contento. Faço-o de modo particular ao Pe. Michel Mouillard que foi a alma da Exposição.

Todos trabalharam com inteligência e com amor para esta realização, e a visita à Exposição será sempre uma feliz complementação da visita ao Santuário.

Outra iniciativa foi o Concurso “M.A. 68”. Este despertou vivo e frutuoso interesse no meio de milhares de meninos e meninas de todos os continentes.

Onde se trabalhou seriamente, onde a idéia foi entendida, apreciada e devidamente traduzida em prática, os jovens corresponderam com vibrante entusiasmo. Era impressionante ver meninos e meninas estudantes de todos os graus; jovens com seus vinte anos, mostrar tanto conhecimento da história e da doutrina mariana. Foi igualmente motivo de encantamento apreciar pinturas, esculturas, fotografias; ouvir poesias, cantos de inspiração mariana, tudo composto por jovens e com notável bom gosto.

Aguardando o ensejo de premiar, no dia da Imaculada Conceição os vencedores nacionais que para cá virão de diversos países, com prazer dirijo meu elogio aos Salesianos e às Filhas de Maria Auxiliadora que deram eficaz contribuição ao desenvolvimento e ao bom êxito do Concurso.

Gostaria de acrescentar um pormenor. A experiência dêste Concurso demonstra que, onde se trabalha com necessária sensibilidade da alma moderna e especialmente quando se acredita na própria missão, que é especialmente espiritual, então, ainda hoje, se consegue interessar — e com resultado — a juventude, para os problemas e argumentos como o abordado pelo Concurso “M.A. 68”.

Apêlo para a América Latina

Uma palavra sobre o apêlo lançado para a América Latina, por ocasião do Centenário. Chegaram outros oferecimentos e sempre acompanhados de sentimentos de generosa e humilde disponibilidade. A todos a gratidão não tanto de minha parte, quanto da Congregação e de modo

especial dos Irmãos da América Latina que terão o conforto desta ajuda.

Por estes dias serão dadas respostas definitivas a cada um dos candidatos, ao mesmo tempo que com os Superiores Regionais vão sendo estudadas as regiões e obras onde a ajuda é mais urgente e produtiva. Entrementes se está elaborando um programa de preparação e de ambientação para o trabalho que os irmãos deverão desenvolver nessas regiões.

9 DE JUNHO

Deixai que vos diga agora uma palavra a respeito do dia do aniversário da Basílica.

O dia 9 de junho Sua Excelência o Cardeal Traglia, chanceler da Sagrada Congregação dos Ritos, na presença de todas as autoridades máximas e numerosas representações da nossa Congregação celebrou com os Superiores a Santa Missa que a televisão transmitiu. No período da tarde fez a comemoração da data centenária da Basílica, evocando a sua história e pondo em relêvo o bem que se irradia — de mil maneiras — no templo que o amor de Dom Bosco ergueu à sua celeste inspiradora.

O Te Deum que cantamos formando todos — salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, jovens, cooperadores, ex-alunos e fiéis — uma só e vibrante voz, exprimia sentimentos não só dos privilegiados presentes, mas de todos vós, de toda a nossa família. Eu diria que naquele momento tive a sensação que também o nosso Pai, com tantos e tantos salesianos que durante os cem anos passaram pela querida Basílica, estivesse unido ao nosso canto de agradecimento ao Senhor e de louvor à Celeste Padroeira nossa por todas as graças distribuídas às almas nestes cem anos da casa que construiu para si.

Naqueles momentos de emoção pensava também no Santo Padre Paulo VI. Ele sempre bom e amável com a

nossa humilde Congregação como no seu tempo seu predecessor Pio IX o fôra com o nosso Pai, quis fazer-se presente às nossas comemorações centenárias com uma carta de seu secretário de estado cujo texto na íntegra é reproduzido em outra parte dêstes “Atos”.

Aqui desejo sublinhar um pensamento que deve servir para tornar fecundo de frutos duradouros e atuais o nosso Centenário. Na carta lemos: A Celebração do Centenário... “exprime o empenho dêsse Instituto em revigorar-se nas fontes da própria espiritualidade, de manter-se fiel às suas genuínas tradições e sobretudo firmar os vínculos da própria ligação com Maria para com a qual a Congregação Salesiana inteira se sente devedora na sua existência e na sua pujante vitalidade”.

Êste é o convite que devemos recolher do Sumo Pontífice e do nosso Pai mesmo; a nossa família com todos os seus membros — a exemplo do Pai — antes de deixar-se envolver por certas idéias eversivas e corrosivas, que correm aqui e acolá com relação à devoção mariana, sintá-se e se demonstre uma família sincera e autenticamente Mariana.

Concluo: estimo pensar que êste ano mariano concretizado através de tantas iniciativas, não se apagará, traduzindo-se nas nossas Inspetorias numa devoção mariana vivida e atuada de acôrdo com a melhor tradição da nossa família e no espírito das normas conciliares.

Os nossos encontros continentais

Desejo agora entreter-me convosco sôbre os três encontros continentais que à distância de sômente três anos do Capítulo Geral, viram reunidos todos os Inspetores da Congregação com um bom número de irmãos e peritos e com muitos Superiores do Conselho.

Êstes encontros serviram antes de tudo para verificar, por assim dizer, quanto e como se trabalhou nas diversas

Inspetorias para executar as deliberações do Capítulo Geral e difundir-lhes e beber-lhes o espírito.

As deliberações do Capítulo Geral de fato são de grandíssima importância e não devemos resignar-vos a vê-las reduzidas a documentos para arquivos.

É tarefa e responsabilidade dos Superiores nos vários níveis e juntamente com cada um dos irmãos esforçar-se eficazmente para a sua atuação. São oportunas as palavras do nosso Pai o qual a quem se queixava dos tempos tristes fazia notar que era preferível ocupar o tempo na ação e na ação conjunta.

Ora, a ação a que todos estamos convidados pelos últimos encontros continentais é justamente esta: tornar operante a soma de idéias, de orientações e de normas que nos deixou o XIX Capítulo Geral. De fato verificou-se que em certas regiões, especialmente, falta ainda muito não só para pôr em ato mas ainda para conhecer e em seguida assimilar o Capítulo Geral.

Mas êsses encontros também serviram para que nos déssemos conta da situação de muitas regiões, onde desenvolvemos as nossas atividades apostólicas. Não nos iludamos: realmente os momentos da vida da Igreja são críticos e os reflexos são sensíveis também na nossa Congregação. Pois bem, em um clima leal, de família, guiados por sincero amor à Congregação, procuremos com sadio realismo examinar nestas situações, valores positivos e negativos, falhas, perigos, remédios sempre à luz do Capítulo Geral e do Concílio.

Foram dias de intenso trabalho, de discussões densas, mas também de oração fervorosa, comunitária, especialmente na concelebração e na reza do Santo Breviário. As conclusões que vos foram comunicadas são resultado daqueles dias. Entretanto não chegam a dar uma idéia adequada de todo o trabalho realizado. Por isso necessitam de uma leitura atenta e se recomendou insistentemente aos Inspetores

de completá-las, comentá-las explicando amplamente o material rico de conteúdo nos Atos dos respectivos Encontros.

Um grande dever: informar

A êste propósito desejo exprimir um certo mêdo que eu sinto reforçado por notícias que por vêzes chegaram a meu conhecimento.

Afirmou-se que, em certas regiões da Congregação, os Atos do Concílio assim como os do nosso Capítulo Geral dão impressão que ainda não chegaram, ou que às vêzes são abafados ou reduzidos ou ainda, mais grave, algumas vêzes ficam letra morta.

O mesmo se pode dizer dos Atos do Conselho Superior, dos documentos das Conferências Inspetoriais, das Conferências Episcopais e da Santa Sé.

Se essas afirmações correspondem à verdade, certamente é muito triste e prejudicial, e teríamos uma explicação para certos desnorteamentos e arbitrariedades, para certos estados de desconfiança e de frustração, que certamente não são elementos construtivos na vida da Congregação exatamente nestes momentos que requerem uma ação decidida, bem sintonizada com as orientações dadas por quem tem o dever e o direito de dá-las.

Lembro, pois, a todos quantos têm responsabilidade de govêrno, a obrigação de levar ao conhecimento tempestivo e adequado dos documentos que chegam da Santa Sé, da Hierarquia, do Conselho Superior, etc... De outra forma, como se poderia criar aquela sensibilidade e por conseguinte aquela mentalidade tão necessárias para se chegar a uma atuação convicta e cordial de tais documentos que tendem todos, embora de modo diverso, a renovar — ordenadamente — a nossa vida cristã, religiosa e salesiana?

É dessa circulação capilar das idéias animadoras, contidas nesses documentos, que os irmãos buscarão luz e

impulso para serem operadores da verdadeira e autêntica renovação, que a Igreja e a Congregação exigem.

Inspetores e Diretores — em virtude do mandato de magistério próprio de seu ofício — são os transmissores naturais e ao mesmo tempo os comentadores e vivificadores e especialmente os executores.

Essa transmissão, pois, deve ser feita sempre solícita e fielmente sem parênteses nem sublinhações; em suma, integralmente, do modo mais eficaz e produtivo.

Nestes momentos de confusão, intemperança e arbitrariedades, a falta de uma tempestiva e adequada informação, exata e autorizada, o silêncio dos superiores e especialmente uma certa inércia na atuação daquilo que os documentos contêm, poderiam tornar-se, ao menos objetivamente, uma convivência com as situações deploráveis, cujas conseqüências não é difícil medir.

Devemos todos juntos agir para que o Concílio, o Capítulo Geral, os Encontros não fiquem material arquivado, nem se reduzam a palavras e só palavras, mas, em nossas mãos, sejam instrumentos vivos e eficazes para uma verdadeira renovação.

Precioso ensinamento: saber ouvir

Desejo agora pôr em evidência um ensinamento utilíssimo e precioso que emana dos três encontros.

Quem governa uma comunidade, quer em nível mundial, como regional ou local, sai sempre lucrando ouvindo o pensamento, o ponto de vista, a experiência de outros que não sejam só os Superiores responsáveis do mesmo govêrno.

Tive a oportunidade de verificar isso e fazê-lo notar aos participantes dêsses Encontros onde todos, Superiores e não Superiores, fomos ao mesmo tempo mestres e discípulos, com imensa vantagem recíproca. De fato, tantas situações, tantos problemas e tantas soluções puderam emergir dessa

fraterna colaboração e tudo num clima de franqueza e respeito na busca apaixonada e serena dos interesses da Congregação, na convicção comum que superiores e irmãos somente com a condição de se integrarem com humildade e amor conseguirão os fins comuns da vocação comum e de sua missão.

Neste ponto surge espontânea a pergunta: Tamanho exemplo e essas realidades vividas felizmente e com tanta vantagem e satisfação nos encontros continentais, como são praticados no âmbito das nossas várias comunidades?

Trata-se, aliás, de um princípio bem definido pelo decreto "Perfectae Caritatis", que encontramos nas deliberações do Capítulo Geral e é repetidamente reafirmado por mim.

"Os Superiores escutem, pois, de boa vontade os confrades o promovam igualmente sua cooperação para o bem do Instituto e da Igreja, mantendo-se no entanto a sua autoridade de decidir e prescrever o que deve ser feito".

"Os Capítulos e Conselhos executem com fidelidade a tarefa que lhes é confiada no govêrno e exprimam, cada qual a seu modo, a participação e o interêsse de todos os confrades pelo bem da comunidade tôda" (P.C., 14).

Trata-se, pois, de promover a união de todos os membros da comunidade para o bem do Instituto e da Igreja. Uma tarefa pois de vital interêsse. Compreendem-se as palavras que lemos a êsse respeito entre as conclusões do Encontro de BANGALORE. Elas dizem: "Nesta perspectiva os "rendicontos" e freqüentes colóquios pessoais, a efetiva valorização e o reto funcionamento do Conselho de Ação, a reunião dos diversos conselhos particulares (como o Conselho dos Professôres, o grupo dos Irmãos adidos à paróquia e ao Oratório, os dirigentes e assistentes das oficinas, os assistentes com os Conselheiros e Catequistas, os dirigentes e assistentes de associações, o pessoal leigo, etc.) adquirem particular relêvo e se tornam obrigações preeminentes que não admitem derrogações e são explicitamente reafirmados pelo XIX Capítulo Geral (A.C.G., 38-51)".

Trata-se, pois, de obrigações preeminentes dos irmãos responsáveis, as quais ninguém pode derrogar, seja pequena ou grande a comunidade, sejam simples ou complexas as atividades que nelas se desenvolvem.

Naturalmente, é necessário superar tantas dificuldades de ordem diversa, antes, diria que o segrêdo psicológico, humano, técnico, para um govêrno eficaz num clima de serenidade é colocado na efetiva valorização dos irmãos, através dos vários instrumentos acima mencionados.

Quem quisesse persistir na ignorância dessas realidades chegaria a assumir uma pesada responsabilidade diante da Congregação, que deve avançar rapidamente e não ser atravancada no processo de renovação, pedido antes de tudo pelo Concílio, pelos seus verdadeiros e vitais interêsses! Esse método e estilo de govêrno é justamente um dos aspectos sem dúvida não secundário da nossa renovação.

Função das novas estruturas

Nos três Encontros se fêz também um exame do funcionamento das estruturas deliberadas pelo XIX Capítulo Geral.

Embora a distância do capítulo não seja muito grande, todavia já se fizeram importantes e úteis observações.

A criação de Superiores Regionais aparece substancialmente muito positiva. Reconhece-se que justamente devido à presença de tais Superiores, o contato entre periferia e centro é muito mais intenso e profícuo. O próximo Capítulo Geral, utilizando a experiência em marcha, estará em condições de trazer a esta instituição retoques e melhoramentos que ajudarão a torná-la mais funcional e eficiente definindo-lhe mais claramente as tarefas.

Também a nova figura do Vigário Inspetorial que aparece ao lado do Inspetor é decididamente positiva e atende

a evidentes exigências do govêrno de uma Inspetoria nos tempos que correm.

Para os Conselhos Inspetoriais reconhece-se com cada vez maior evidência que o Inspetor necessita ao menos de algumas pessoas capazes, ricas de prestígio e de experiência, que lhe estejam habitualmente ao lado para fazer do Conselho um centro propulsor, dinâmico, de guia esclarecido de tôda a Inspetoria.

Nesta perspectiva sejam inseridos os Delegados Inspetoriais, primeiro entre todos os delegados da Pastoral Juvenil. Embora reconhecendo as dificuldades e situações particulares de algumas Inspetorias, a experiência dêsses órgãos demonstram quanta riqueza de iniciativas, de idéias e realizações surgiram nas Inspetorias pela presença dêsses delegados, pôsto que sejam pessoas capazes, preparadas, ativas e zelosas. Êles, sob a dependência do Inspetor, são de precioso serviço nas casas aos irmãos, que em caso contrário sentiriam falta de idéias, de guia, de coordenação e estímulo.

Ê necessário ver e saber ver com vistas amplas; é necessário ao mesmo tempo ter claro o sentido das proporções. Em síntese, devemos falar francamente e persuadir-nos desta realidade: é muito mais rendoso para atividades de uma Inspetoria dispor dêsses homens — entende-se preparados e capazes — do que terem êles alguma atividade local a mais. Compreendo perfeitamente como disse acima, as dificuldades especialmente em certas Inspetorias, mas se entrarmos nessa ordem de idéias, se nos damos conta da validade dessa valorização, as dificuldades serão superadas ainda que o problema deva ser levado em base de dimensionamento das obras. Reconheço que, seja para os Conselhos Inspetoriais, seja para os delegados assim como os deseja o Capítulo Geral, há muito caminho a andar, mas a experiência, na sua totalidade positiva de quem levou as coisas a sério e o propósito sincero expresso pelos participantes do Encontro de querer providenciar eficazmente, faz

nascer em nós a confiança num futuro próximo: o caminho está traçado e aparece sempre mais evidente e bom.

Resta-nos ainda uma palavra a respeito do Vigário da casa.

Reconheceu-se de um lado a necessidade de sua presença eficiente, mas ao mesmo tempo se declarou sinceramente que com relação a êsse ponto estamos bastante longe da meta.

O problema é importante e está intimamente ligado à figura e à função do Diretor, o qual tem responsabilidades essencialmente religiosas, espirituais e educativas. Não deve ser um dirigente da organização, mas o animador da comunidade tanto religiosa como educadora. Por isto o problema deve ser retomado no próximo Capítulo Geral. Entretanto continuam válidos os critérios e as orientações do XIX Capítulo Geral.

Antes, porém, de passar a outro argumento parece-me oportuno fazer ainda uma observação.

Poderá parecer a alguém que estejamos dando excessiva importância às estruturas e que elas sejam quase fim a si mesmas. Está claro que as estruturas não são nem podem ser fim a si mesmas; mas, como as estruturas de ferro e cimento nas construções, também as nossas são “sustentadoras”; ...mas... de quê?

Falando sem metáfora: Olhando um pouco para dentro das coisas, ninguém pensa nas estruturas senão como uma função instrumental. Para o Capítulo Geral que as quis e para nós que as devemos realizar, as estruturas têm uma função de serviço essencial, de um potenciamento fundamental da vida religiosa e apostólica da Congregação, reconhecendo que isso nem sempre aparece evidente a todos. Em síntese, o Capítulo Geral, os Superiores insistem sôbre êsse ponto porque o vêem estritamente ligado com a vida religiosa da nossa comunidade e com a fecundidade do apostolado. Pensemos, por exemplo, no Vigário Inspeitoral. Êle como se faz notar em diversos lugares, tem o papel de ali-

viar e integrar o Inspetor para que êste possa estar habitualmente disponível para todos os interesses religioso-apos-tólico-humanos dos salesianos, (pensemos tão somente no papel importantíssimo das visitas que exigem tanto tempo e tranqüilidade).

Para concluir: realizamos com sacrifício de tôda espécie — e não último o econômico — os três Encontros Continentais. O trabalho, no seu conjunto, foi bom: os participantes saíram cheios de boa vontade. Mas não basta. Reconhece-se que uma parte não pequena da atuação das importantes conclusões dos Encontros está ligada precisamente ao funcionamento das estruturas. Existam pois elas e não só de nome. Sejam eficientes e funcionem. Com coragem procure-se superar as dificuldades mas não se pare diante delas. O interesse e a vida da Congregação o exigem.

A nossa missão hoje

Em todos os Encontros foi tratado longamente não só o tema da Pastoral Juvenil, mas êste tema esteve presente e é continuamente trazido à baila, em tôdas as fases dos trabalhos como problema central do carisma salesiano, e na busca não fácil do caminho para a nossa renovação.

Uma verificação emergiu clara, documentada pelos fatos em tôda a parte, no Oriente, no Ocidente e ainda mais acentuada na América Latina. Nunca como hoje a nossa missão — que é essencialmente juvenil — se apresentou tão atual, antes, tão urgentemente invocada.

Pensemos brevemente nas notícias muitas vêzes dramáticas, inquietantes, que neste ano apareceram em todos os continentes.

Os jovens com a sua mentalidade tão contraditória, muitas vêzes tão diversa e antitética à nossa, com seus protestos que tomam formas as mais desconcertantes, mas que muitas vêzes contêm germes de positiva autenticidade, manifestando também uma busca sincera de valores e empe-

nhos, se tornaram um centro enorme e vivo de interêsse por parte de todos os responsáveis da política, da indústria, da economia, do progresso social do mundo.

É muito significativo, por exemplo, o fato que no govêrno de muitos países e de grandes cidades há um secretariado, uma pasta, que se ocupa dos problemas da juventude.

Também o Santo Padre — mais de uma vez — demonstrou todo cordial interêsse da Igreja por estas massas de jovens que sacodem a calma da geração adulta. Pois bem, diante desta realidade mundial, quando se pensa, por exemplo, que nos próximos 30 anos, só na América Latina mais de 200.000.000 de jovens pobres e subdesenvolvidos pedirão auxílio, formação, promoção, ou exigirão com a revolução em marcha o reconhecimento concreto de seus direitos; como podemos não pensar que a nossa missão, entendida como Dom Bosco aconselhou, é atual não só, mas realmente providencial no mundo de hoje? Ocorrem-nos as palavras que o Santo Padre um dia dirigia a homens de negócios: “Se não ajudais hoje a êsses jovens, amanhã êles irão exigir com armas na mão.” A palavra do Santo Padre é ainda mais verdadeira para nós.

Se não nos ocuparmos por todos os meios disponíveis, e, se fôr o caso, com formas novas e corajosas, e com inteligente e concreto programa, dessa juventude, nós corremos o perigo de perder para a Igreja e para uma sociedade organizada, tantas falanges de jovens. Vale a pena ler a êsse respeito as conclusões de Caracas onde o problema foi mais acentuadamente pôsto em relêvo.

Trabalhemos para a juventude pobre

Mas se é verdade que nesses últimos Encontros houve um reconhecimento da atualidade da nossa vocação enquanto ela é para a juventude, ao mesmo tempo foi sublinhado que a nossa vocação é autêntica não só à medida em que ela é juvenil, mas igualmente popular.

No Encontro de Bangalore e Caracas assim como no de Como, se fêz notar claramente, embora com palavras diferentes, que a Congregação viverá o seu carisma na medida em que fôr vocação para os pobres. Constatou-se também com satisfação que em muitas regiões do mundo, a nossa Congregação trabalha generosamente em prol das classes pobres. Mas temos muito que fazer ainda.

“É preciso que voltemos corajosamente ao trabalho entre a juventude pobre e abandonada nos lugares em que êsse testemunho se haja obscurecido e a imagem da Congregação se haja deformado”. “O nosso testemunho coletivo de pobreza encontra sua expressão mais salesiana na nossa preferência, de fato, pela juventude pobre” (Conclusões de Caracas).

Certamente a esfera da atividade salesiana é vasta, complexa e variada, mas existe um evidente elemento fundamental na aspiração carismática de Dom Bosco: a posição de privilégio pela juventude pobre.

Pois bem, estas verdades não podem imobilizar-se tão só em verificações platônicas e agradáveis, mas devem ser traduzidas em realidades concretas. Sòmente assim nós seremos sinal mais claro do Cristo pobre e da fidelidade a Dom Bosco, isto é, se “todos no mundo puderem constatar que o primeiro lugar na nossa obra é destinado à juventude que nos diversos países é considerada pobre e abandonada” (Conclusão de Bangalore).

Função Pastoral de nossa escola

Outra sincera advertência foi formulada nos três Encontros. A nossa missão juvenil-popular para atingir suas finalidades supremas deve ser eficazmente *pastoral*: isto vale para tôdas as nossas atividades e de modo particular para a escola. Está claro que não se trata de abandonar as escolas. A Igreja, o Concílio, o Capítulo Geral, a Hierarquia mesma, têm falado claramente a êsse respeito. Na mensagem recentíssima do Papa Paulo VI aos sacerdotes lemos: “Eis: as

missões, a juventude, a *escola*, os doentes, e, com mais premente apêlo, hoje, o mundo do trabalho constituem uma urgência contínua sôbre o coração sacerdotal”; vê-se daqui que o Santo Padre põe ao lado das missões, do mundo do trabalho, o apostolado da escola. O problema, portanto, não é o de abandonar a escola, mas outro.

A Conferência de Caracas tem palavras corajosas a êsse respeito. “Tendo presente a atual situação da Congregação na América Latina e guiados por um sadio realismo, vemos que é necessário comprometer-nos a fundo para realizar, a qualquer prêço, a pastoralização de nossa escola... A urgência dessa pastoralização aparece ainda mais premente se pesarmos as graves palavras do Capítulo Geral, que chegam até à perspectiva de fecharmos obras não vitais, isto é, as incapazes de realizar uma pastoral que eduque e forme cristãmente através da escola”.

Convido a todos a meditem estas afirmações e tirar delas, de acôrdo com o pôsto de responsabilidade que cada um ocupa, as necessárias conseqüências mesmo que custe sacrificio de qualquer forma. Como escrevi na carta de apresentação das conclusões de Caracas, é necessário talvez uma corajosa guinada “sterzata”. É necessária fazê-la para responder de fato àquilo que a Igreja e Dom Bosco mesmo nos pedem em nome desta juventude: torná-la cristã e cristã para os nossos tempos.

As conclusões do *ridimensionamento*, quando fruto dessa serena e corajosa tomada de consciência, poderão ser de grande auxílio na perspectiva pastoral da nossa escola que é a sua razão de ser. Isso poderá servir para devolver confiança e ânimo a muitos irmãos que trabalham neste vasto setor de nossa atividade.

Um problema vivo e delicado: Unidade na pluralidade

Mais de uma vez nos três encontros, se falou de um problema que hoje se torna cada vez mais vivo: da Unidade da

Congregação na pluralidade. Parece-me útil e interessante, antes, necessário trazer o que foi dito e acentuado nos Encontros.

A fórmula é — ao menos parece — feliz quando afirma duas exigências, que ninguém hoje poderia negar sem colocar-se em contraste com os documentos conciliares e com a realidade. A fórmula não somente afirma que as duas exigências devem coexistir, mas também que devem compenetrar-se de tal maneira que a Unidade fique, se afirme e opere também na pluralidade.

A exigência da unidade nasce na unicidade do “carisma” do fundador que cada Congregação deve conservar vivo e vital, e prolongá-lo através dos tempos para oferecê-lo como “espiritualidade” e como “trabalho apostólico específico” a serviço da Igreja em determinado tempo e lugar.

“Aut sint ut sunt, aut non sint.”

O Concílio nos convida a voltar às fontes e estas evidentemente se encontram no fundador que é um só (P.C. 2). Para nós se chama Dom Bosco.

Do outro lado a exigência da pluralidade nasce fundamentalmente do motivo hoje dominante da “encarnação” que se aplica a todo apostolado eclesial (Cfr. P.C. 2-3, 8, 18. Cfr. “Ad Gentes” e “Institutionis Sacerdotalis” passim). Encarnar-se pressupõe conhecimento, estima e respeito pelas culturas, mentalidades e situações locais a fim de prestar o nosso serviço de acôrdo com as exigências e necessidades locais.

Aceito o princípio, a questão teoricamente é de fácil colocação e solução, mas na prática não é igualmente fácil a sua plena harmonização. E se no passado não faltaram exageros na interpretação da Unidade a ponto de concebê-la e reduzi-la à uniformidade sacrificando-lhe as articulações, também, evidentemente, necessárias, hoje se pode correr o risco de cair no defeito oposto, isto é, comprometer a unidade por uma acentuação irritante e descontrolada da pluralidade.

E o êrro seria mais deletério porque a reconquista da Unidade comprometida, está provado históricamente, foi sempre mais árdua e lenta que não a reconquista do sentido do pluralismo.

Critério-guia

In essentia unitas. É pacífico que o carisma do fundador não deve admitir alterações naquilo que constitui sua essência. Mas, de nôvo, na problemática da vida concreta surge a pergunta fundamental: em que consiste essa essência? qual a zona de demarcação entre o essencial — e portanto o *unum* que devemos afirmar e conservar — e o acessório, que se pode reduzir a situações particulares de tempo e lugar, em que o Carisma se encarnou no passado, mas que pode e deve ser regulado pelo princípio do pluralismo?

Também aqui é necessário uma observação histórica e psicológica. Há *mentalidades* e *tempos* que por sua natureza tendem a alargar desmedidamente a esfera do domínio do essencial. E assim se tende a fazer entrar no Carisma do Fundador cada sua atuação e afirmação, “sic et simpliciter”, como se todos os santos fundadores estivessem, em todo momento e em tôda ocasião, definindo o seu espírito. Além do mais, assim se lhes negaria o merecimento de terem sido homens do seu tempo e, portanto, capazes de captar os sinais dos tempos e responder a êles de modo concreto com soluções apropriadas.

Mas há também *mentalidades* e *tempos* (é o nosso caso) em que a tendência é oposta, isto é, ampliar ao máximo o campo do acessório. Na base de análises irritantes, inspiradas por uma crítica não sempre controlada e equilibrada, tende-se a reduzir o essencial do carisma do fundador a um esqueleto já incapaz de operar como coisa viva. À fôrça de fazer passar como acessório e ligado ao tempo um elemen-

to após outro, uma regra após outra, uma tradição após outra... arriscamo-nos a ficar de mãos vazias.

Distinção essencial — acessório

De quanto foi dito aparece claro que uma Congregação que queira afirmar a unidade na pluralidade não pode deixar ao critério particular de cada um fixar os limites entre o essencial e o acessório. Como explica a PC, é esta a tarefa principal dos Capítulos Gerais, aos quais têm direito e dever de dar a sua contribuição todos os membros da Congregação. O XIX Capítulo Geral, com seu conteúdo riquíssimo e com as estruturas criadas para os vários níveis, trouxe a afirmação de unidade e de atuações articuladas.

Fora dessa posição, existe a arbitrariedade. Mesmo quando ditada por intenções subjetivamente boas, só serviria para comprometer a vida mesma da Congregação. Com isso, é claro, que não se quer dogmatizar e considerar obra perfeita e definitiva a do XIX Capítulo Geral. Pelo contrário! Mas os complementos, os aperfeiçoamentos, as modificações, as adaptações, que a história impõe precisamente aos fins da vitalidade do carisma do Fundador, não podem ser arbitrariamente antecipados, não estando ninguém autorizado a considerar-se a voz e o pensamento da Congregação em matéria tão delicada.

As “Experiências”

Nêste contexto devem ser consideradas as “experiências”. O Concílio frequentemente a elas se refere. O mesmo faz o Capítulo Geral falando de “Experimentações”.

Num mundo em rápida transformação é óbvio que não se possa ter para cada caso uma legislação mais adequada, estruturas já bem definidas, homens plenamente qualificados para enfrentar problemas sempre novos. Não só, mas tantas vezes, — talvez na maior parte dos casos — o caminho a encetar não se apresenta claro e está longe de não

oferecer incertezas. São todos motivos que hoje nos levam a falar muitas vezes em “experiências”, “experimentações”, etc..

Parece que a êsse respeito devemos ter presente alguns critérios:

a) *Fins que se propõem as experiências*

Experimentar um determinado caminho para realizar um potenciamento de nossa vida religiosa ou da formação do salesiano ou da nossa pastoral em resposta ao espírito e às deliberações conciliares e capitulares.

b) *Limites*

As experimentações são, pois, meios e, como tais, não devem e não podem estar em contraste com a finalidade para cuja consecução se realizam.

Não têm por isso em si mesmas o poder de auto-justificar-se; o juízo de valor sôbre estas experimentações lhes advém dos objetivos a cujos serviços foram postas. Tais objetivos são precisados e indicados na sede competente (Concílio, Constituições, Capítulo Geral etc.) e não podem ser obliterados ou pior contraditos.

c) *Setores das “experiências”*

Podem ser: a Vida Religiosa, as Formas de Apostolado.

É evidente que os dois campos têm particulares exigências próprias, derivadas de sua natureza peculiar. Uma experimentação num setor não pode ser avaliada com critérios próprios de outra, embora sejam incontestáveis as relações contínuas e as influências dos dois campos.

d) *Autorização para as “experiências”*

É da competência da *autoridade* à qual se pede e da qual depende, — de acôrdo com as Constituições, e, para novas estruturas, de acôrdo com o Capítulo Geral — a atuação do fim particular para cuja consecução se quer a experiência.

Está claro que tal autoridade para dar ou negar a sua autorização não se baseará sobre o seu próprio critério pessoal e exclusivo, mas chegará à conclusão através de um estudo atento, diálogo e um sentido de responsabilidade.

e) *As condições*

Uma experimentação, por definição, é um dado totalmente concreto. É óbvio, pois, que seja condicionada a fatores concretos, isto é, pessoas (disponibilidade, proporção adequada, etc...), ambiente socio-cultural, situação religiosa local etc.

A experiência, além disso, deve ser controlada à medida que se realiza e deve ser submetida periodicamente à revisão crítica dos Conselhos competentes nos vários níveis para medir-lhe objetivamente a validade, levar a ela os retoques necessários, para conseguir aquêlê enriquecimento da formação da vida religiosa e aquêlê potenciamento apostólico a que todos devemos tender.

Por aquilo que acabamos de dizer, aparece claro como se deve proceder com sabedoria, prudência e de acôrdo com as normas que desejam ser, uma ajuda e uma garantia e não uma remora injustificada, para que tais eventuais experiências não degenerem e se tornem fatores negativos, ao invés de real enriquecimento.

Sòmente agindo assim a Congregação poderá experimentar os benefícios das disposições e do espírito, provenientes do Concílio e do Capítulo Geral, e aquilo que todos temos a peito: o verdadeiro bem da Congregação.

O ano da Fé nos leve a uma vida de fé

No início desta minha carta me referia ao coroamento de um período de grandes acontecimentos. Exatamente no dia 30 de junho concluia-se o Ano da Fé. Na véspera daquele domingo, Pedro, na pessoa do seu Sucessor Paulo VI, repe-

tia diante do mundo a sua profissão de fé. Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo.

O ano não podia fechar-se de maneira mais significativa e apropriada. A profissão de Fé pronunciada por Paulo VI não foi um número de uma solene cerimônia papal, mas uma solene e clara resposta ao bombardeio de “idéias novas” tão violentas e prolongadas que provocaram um desconcerto também em certos pastores de almas e alguns teólogos de profissão.

Nós, enquanto recolhemos com reconhecimento e confiança a palavra que nos vem da cátedra de Pedro, queremos certamente fazer tesouro de toda a riqueza e luz que adveio às nossas almas durante o ano da Fé.

Queremos dar ao ano da fé, agora já passado, uma projeção na nossa vida e nas nossas atividades, que somente da fé podem tirar inspiração, sentido e valor.

Muito oportunas neste momento, são as palavras de Jean Guitton: “A Igreja se sustenta tão somente sobre a fé. Sem a fé a caridade não é fraternidade humana. A caridade não passa de uma caridade humana. Sem a fé, que seria dos Sacramentos? Símbolos mágicos! Que seria a oração? Uma palavra vã! E a liturgia? Uma representação sacra! E a Confissão? Psicanálise! O Catecismo? Uma coletânea de normas morais e de absurdos! O Evangelho? Um venerável mito! Sem a fé o que seria do ecumenismo? Piedosa comédia, porque não nos podemos unir a não ser numa fé comum”.

Estas palavras merecem refletidas. Mas queremos acrescentar alguma coisa que nos toca muito de perto.

Sem a fé, de fato, tudo na Igreja e no âmbito da nossa vida religiosa, se tornaria incompreensível ou perderia o seu significado genuíno. Que sentido teria sem a fé a vida da Graça, os Sacramentos e a Liturgia? Como poderíamos viver com alegria os nossos votos se a fé não os iluminasse diante dos nossos olhos e não no-los mostrasse como instrumento da mais viva imitação de Cristo e de plena disponibilidade ao serviço do Pai e dos Irmãos?

Como diz São Paulo, sem a fé seríamos os mais miseráveis dos homens. Mas o compromisso que a fé exige de nós não é somente uma adesão de ordem intelectual a Deus e às verdades por Ele reveladas. Trata-se de um compromisso que invade toda a pessoa: inteligência, vontade, sentimento. Portanto, um compromisso vital, existencial.

“Crer implica entrar na escola de Cristo com o pensamento, com o coração, com o sentimento do justo e do injusto, com tudo aquilo de que a vida humana está entrelaçada” (Guardini).

Podemos dizer que estamos animados de verdadeiro espírito de fé somente quando o nosso juízo a respeito das realidades terrestres e dos acontecimentos da nossa vida e os motivos inspiradores das nossas ações os haurimos da meditação da palavra de Deus e dos ensinamentos de Cristo e da Igreja, constantemente presentes em nós. O exemplo de nosso Pai seja para nós luz e força. Dêle escreveu o padre Céria: “As verdades da fé, D. Bosco foi sempre ávido de conhecê-las, firme em acreditá-las, fervoroso em professá-las, zeloso em inculcá-las, forte em defendê-las”.

Alimentemos a nossa fé

Surge natural a pergunta: Como alimentamos a nossa fé?

Quais são as leituras realmente espirituais — sólidas e seguras — que enriquecem, consolidam a nossa fé e confortam a nossa alma? Certo, não poderão nutri-la — a nossa pobre alma — as páginas de certas revistas que recolhem os devaneios de escritores mais ricos de presunção que de verdadeira doutrina, ou aquelas em que tudo se coloca em discussão, desde a autoridade do Papa, até as mesmas normas da moral. Os documentos do magistério pontifício e eclesiástico são certamente alimento substancioso, seguro e que responde às exigências dos tempos.

Quero acreditar que em todas as casas cheguem essas publicações. Lembro que o *Osservatore Romano* publica a edição semanal em várias línguas. Lá se encontra o ensina-

mento do Papa e da hierarquia continuamente atualizado. Tôdas as casas deveriam recebê-lo.

Convém reconhecer, com honesta coragem: pode perder-se a fé mesmo sendo religiosos, sendo sacerdotes (e disso temos dolorosos exemplos). E, então, como defender-se dêste perigo? Do outro lado, se a fé, para ser verdadeira, deve envolver tôda a vida, como se alimenta sem a meditação, na qual a verdade se aprofunda, se assimila, se transforma em convicção, em estilo de vida, em ação?

Por isso, gostaria de interrogar a cada um de vós, com carinho paterno: como vai a tua meditação? ela anima o teu dia? a tua atividade?

Ouçamos também as perguntas sentidas que o Papa Paulo VI nos apresenta a nós sacerdotes, apóstolos: “Como arde em nós a lâmpada da contemplação? Como nos deixamos atrair por êsse íntimo ponto focal da nossa personalidade, afastando-nos, por alguns momentos, da pressão de ocupações exteriores para um colóquio interior? Temos conservado o gôsto pela oração pessoal, pela meditação? Pelo breviário? Como poderemos dar à nossa atividade o seu máximo rendimento se não sabemos haurir da fonte interior, do colóquio com Deus, as melhores energias que sòmente Ele pode dar? (Mensagem de Paulo VI aos sacerdotes).

Sem a meditação, sem a leitura espiritual, sem a leitura meditada e metódica da Sagrada Escritura, como se sustenta a alma religiosa e sacerdotal no meio de assaltos de tôda a espécie que lhe advêm de tôda parte? Sem verdadeira meditação animadora da fé viva e operosa a mesma Eucaristia se reduz a uma representação exterior.

A experiência de cada dia confirma sempre mais dolorosamente que sem a meditação (tôda aquela riqueza de fé e caridade que esta palavra implica) se processa o esvaziamento da alma e advêm o laicismo prático, o trabalho pelo trabalho ou por outras finalidades secundárias, o endurecimento da consciência fácil a compromissos e concessões, o apostolado desloca-se para atividade social: então o religioso

assim esvaziado torna-se também aos olhos dos homens não portador, doador e revelador de Cristo, mas coisa bem diferente: Um organizador de bonitas festas, um professor até mesmo de religião, um ministro do culto ou um diretor de obras sociais... Com que conseqüências para êle e — não menos — para as almas?

Como os leigos nos querem

Permiti destacar alguns pensamentos de uma carta que um jovem enviou ao Diretor de uma das nossas Revistas. É o estilo áspero e amargo próprio do jovem de hoje, mas nela se descobre o desejo ardente de encontrar no sacerdote, no apóstolo, o homem que, vivendo a sua fé, revele às almas o dom de Deus. É matéria para um frutuoso exame de consciência para todos, não somente para os sacerdotes, que nos ajudará exatamente a viver a nossa fé como apóstolos.

“Não basta “agir” como sacerdote; é necessário “ser” sacerdote”.

“Não encontrei coisa mais odiosa que ver um homem trair a própria missão; e hoje neste período de grande confusão de idéias, para o sacerdote esta é uma tentação. A tentação de descer do sobrenatural e reduzir-se ao humano com tôdas as suas conseqüências”. “Para fazer-se compreender dos contemporâneos, isto leva vários sacerdotes à falência, à desintegração, ao abandono da posição de testemunhas do sobrenatural. Para nós, vós sois mais do que simples homens. Diante dos nossos olhos vós sois os guardas de “alguma coisa que garante”, que liberta, que dá alegria, paz, serenidade. Vós nos falais em nome de Cristo, por isso vos ouvimos, vos escutamos. É incômoda a posição de testemunhas de um crucificado, mas esta é a vossa missão. Vós a escolhestes “livremente”.

“Às vêzes diante de alguns sacerdotes tive a sensação de encontrar-me frente à frente com renunciatários, com insatisfeitos com a vida. Tive a sensação que também nos sacerdotes se tenha subvertida a hierarquia de valores”.

“Hoje, muitas vêzes o sacerdote procura a máquina em si mesma. Em casa possui todo o confôrto possível: Televisão, alta fidelidade, gravador, geladeira. . . Aos nossos olhos essas coisas parecem muitas vêzes sòmente como uma evasão da verdadeira vida, talvez uma “alienação” afetiva, uma fuga. Não digo que deveis reduzir-vos à miséria, não. Mas ao menos mostrai-nos que não são essas as preocupações primeiras de um homem”.

“Tende piedade de nós. . . não temos necessidade que aumenteis a confusão de nossas idéias já por si tão pouco claras. De vós esperamos mais do que um maço de cigarros ou semelhantes paliativos. De vós esperamos o Cristo, esperamos a Deus. Vós nô-lo deveis dar com a vossa vida”.

Na recente mensagem de Paulo VI aos sacerdotes parecemos encontrar uma resposta à invocação dêsses jovens. . . “Ê, portanto, para um aprofundamento da própria fé que a situação atual deve levar o sacerdote, isto é, para uma consciência sempre mais clara de quem êle é, e de que podêres está revestido, de que missão encarregado”.

Caríssimos irmãos e filhos, nas palavras dêste jovem de vinte anos podemos reconhecer o grito de milhares e milhares de jovens de hoje.

Recolhamo-lo! Vivamos a nossa fé alimentando-a e defendendo-a cotidianamente. Sejamos dela sinais límpidos e eficazes difusores, especialmente no mundo juvenil que olha para nós com olhos de viva esperança.

O Senhor nos abençoe a todos, nos dê fôrça e coragem para sermos todos os dias filhos dignos da Igreja e de Dom Bosco.

A todos e a cada um a minha saudação afetuosa.

Rezai por mim. Eu vos asseguro a minha constante lembrança “in fractione panis”.

Vosso afeiçoadíssimo em Jesus Cristo,

Sac. Luís Ricceri
Reitor Maior

CONCLUSÕES APROVADAS

na reunião dos Inspetores Salesianos da Ásia.

Bangalore, 20-26 de fevereiro de 1968.

RENOVAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA

I — Exigência de compromisso e aprofundamento

Uma autêntica renovação da vida religiosa não pode fundamentar-se a não ser no aprofundamento sério e pessoal do significado e do valor da nossa consagração religiosa. (P.C. 1,1) — (A.C.G. p. 89).

Por isso se reconhece que é particularmente urgente pôr em ato algumas iniciativas expressamente exigidas pelo 19.º Capítulo Geral, recomendadas muitas vezes pelo Reitor Maior e pelos Superiores. *É necessário oferecer aos irmãos a possibilidade de estudar, aprofundar e meditar os documentos do Concílio em geral e a doutrina sobre a vida religiosa em particular.* Por isso:

1 — Tenha a biblioteca das casas um número suficiente de cópias dos Documentos e uma boa seleção e comentários a estes documentos.

O Diretor do Estudantado Teológico de Bangalore assume o compromisso de preparar uma bibliografia cuidadosa e explicada — em língua inglesa e italiana — que oriente neste sentido os Inspetores e Diretores do Oriente.

2 — Faça-se conhecer aos irmãos os Documentos Pontifícios e os discursos do Papa que freqüentemente são interpretações autorizadas e comentários sábios de pontos de doutrina ou posições conciliares. Em nenhuma casa falte a assinatura do Osservatore Romano, edição semanal em língua inglesa.

3 — Organizem-se em âmbito inspetorial e interinspetorial cursos de atualização teológica, religiosa e pastoral com fundamento nos Documentos Conciliares e nos Atos do 19.º Capítulo Geral. Para atualização conciliar se facilite também aos irmãos a participação a conferências de cursos organizados pela autoridade eclesiástica local ou por outras instituições culturais católicas. Para os cursos organizados por nós pode-se usar com vantagem a série de gravações preparadas ad hoc nos EUA.

4 — Promovam-se cursos de atualização para os pregadores de Retiros Espirituais tendo como relatores salesianos ou não salesia-

nos de competência específica, para que a sua pregação consiga um verdadeiro enriquecimento e uma alimentação sólida para a vida espiritual e a ação apostólica dos irmãos.

5 — Para ajudar os Diretores a orientar os irmãos na escolha do livro pessoal para meditação e na escolha do texto para leitura espiritual da comunidade, prepare-se uma bibliografia com critérios que correspondam às exigências de compromisso e aprofundamento de que se tratou na relação. Dom Le Groi se compromete a elaborar essa bibliografia em língua inglesa e italiana.

6 — Fique inserido no plano quinquenal de qualificação a especialização de um irmão particularmente idôneo, em Teologia Ascética Espiritual que poderá prestar serviços preciosos à Inspeção.

7 — Faça-se preceder a profissão perpétua dos irmãos um curso de algumas semanas. (A. C. G. 298).

8 — Para o exame de consciência, que, segundo a norma do Capítulo Geral deve fazer-se no fim da leitura espiritual, dê-se o tempo necessário para que seja sério e vantajoso.

9 — Os retiros trimestrais, realizados pelos irmãos com empenho e satisfação, sejam continuados, superando eventuais dificuldades e obstáculos. Evite-se, porém, que se desvie de sua finalidade principal que é a de oferecer a cada salesiano uma parada operosa para dedicar-se a um exame sério da própria vida espiritual, religiosa e apostólica; a um colóquio mais íntimo com Deus, a uma renovação dos próprios compromissos de consagrado. Também o retiro mensal seja sempre realizado de acordo com as normas do Capítulo Geral.

10 — Sustentáculo da vida religiosa da comunidade é o Diretor, a cuja figura, o Capítulo Geral dedicou páginas de particular interesse:

“O Diretor, sobretudo nas obras absorventes, em casa ou fora, fique livre de ocupações e de cargos, que possam comprometer o dever fundamental de coordenador e orientador, sobretudo no campo espiritual e formativo, e não assumam incumbências administrativas diretas (como Prefeito), escolares (como Diretor Escolar ou professor regular), disciplinares (como Conselheiro) e pastorais de particular responsabilidade (como Pároco). (A. C. G., pág. 42-43).

É necessária uma ação mais constante e concreta para chegar ao que determina o C. Geral: devemos confessar que aquilo que resta por fazer neste campo, é mais do que aquilo que já se fez. Condição indispensável para isto é que cada diretor tenha consciência que o seu ofício primordial é de “pastor” da comunidade religiosa. Entrementes propõe-se ao Reitor Maior estudar a possibilidade de próximo realizar-se para os diretores do Oriente — divididos em dois

ou mais grupos — um curso de exercícios espirituais seguido de três dias de estudo com a participação de um dos membros do Capítulo Superior e com pregadores particularmente preparados.

II — Vida de piedade litúrgica e devocional

Sem espírito de piedade não se sustenta a vida religiosa e as comunidades salesianas não podem ser como o Capítulo Geral as define — “comunidades de fé, de culto, de ação apostólica” (A. C. G. págs. 76-105). Por isso:

1 — Continue-se a aprofundar e a cuidar com particular interesse o gosto litúrgico dos irmãos, e da comunidade. Se a liturgia é o “ápice para o qual tende a ação da Igreja e a fonte da qual nasce toda a sua virtude” (*Const. Lit.* 7), ela deve ser o centro da formação e da vida cristã e religiosa. Cada ano, seja programada alguma iniciativa de âmbito local e inspetorial, para a formação litúrgica dos irmãos.

2 — A concelebração como expressão máxima e sinal de comunidade de fé e de culto seja sempre compreendida, realizada e vivida.

Os inspetores e diretores se esforcem por realizar com coragem e ao mesmo tempo com ponderação aquelas modificações de horário, de disposição da casa, da posição dos altares etc. que tornem a concelebração agradável aos irmãos, decorosa e significativa no seu desenvolvimento litúrgico.

3 — A vida espiritual da comunidade deve ser programada ao ritmo do ciclo litúrgico que será assim habitual e constante ponto de partida e de referência para as várias formas de instrução dadas à comunidade (boas noites, inclusive).

4 — A vida religiosa não pode sustentar-se sem uma revisão pessoal e contínua, e uma séria meditação das verdades, que dá sentido e valoriza a consagração total a Deus, a conformação a Cristo, o testemunho dos votos. O uso do livro pessoal para meditação, sãbiamente introduzido pelo Capítulo Geral, quer justamente ajudar nesta reflexão pessoal. Não basta insistir sobre o dever da meditação como se o dever se esgote em fazer meditação. É necessário empenhar os irmãos e ajudá-los a fazê-la bem. Diretores e confessores lembrem que esta é uma meta a ter presente na sua missão de guiar e dirigir as almas religiosas no “rendiconto” e no Sacramento da Penitência.

5 — Verifica-se com alegria que a característica da devoção Mariana do Rosário é florescente. Ocorre entretanto aprofundar as con-

vicções sôbre o valor desta prática da qual a vida salesiana de tantos irmãos tirou, no passado e ainda hoje pode tirar, vitais energias morais, espirituais e apostólicas.

III — Vida consagrada

O estado religioso é assim delineado pelo Vaticano II: em seguida a um *chamamento divino* que prolonga o chamamento à fé e por meio de uma *livre resposta* dada sob o impulso do amor do Espírito Santo, o religioso realiza uma *consagração* mais íntima e mais plena de si mesmo, a Cristo e ao Pai para servi-los e glorificá-los na Igreja (L. G. 42 ss.).

O religioso, portanto, quer realizar de maneira eminente, a consagração batismal nas suas três dimensões:

— *Pessoal — mística*, através de uma íntima união e mais plena conformação ao Cristo.

— *Eclesial*, entrando mais profundamente no mistério da Igreja, e assembléia unificada em Cristo.

— *Apostólica*, participando mais ativamente da missão desta Igreja (A. C. G. pág. 81 ss).

Neste sentido os religiosos são “sinais” eficazes de Cristo na sua santidade, nas suas atividades de caridade, na sua potência e graça (L. G. 44-46).

Para “ser” testemunho, o religioso se compromete com a profissão pública a praticar os três conselhos evangélicos, que têm assim um altíssimo valor positivo enquanto permitem à pessoa humana reproduzir o testemunho que foi próprio da Pessoa divina encarnada.

A) O testemunho da pobreza.

O mundo atual com seu paradoxo de civilização do bem-estar e da miséria e a Igreja que no Concílio tomou a mais viva consciência de ser Igreja dos pobres, têm a urgente necessidade dêste nosso forte testemunho, para o qual aliás Dom Bosco teve particular sensibilidade. Para tal fim:

1 — Ocorre que a pobreza seja — ou se torne — um compromisso pessoal de cada irmão (P. C. 13).

Para a maior parte do povo a pobreza não é senão uma realidade econômica e social suportada, não escolhida, e por isso sem valor espí-

ritual em si mesma. A pobreza religiosa é voluntária, para colocar-se no seguimento de Cristo e não tem nada que ver com a mentalidade legalista dos religiosos que desde que pediram licença pensam estar tranquilos, também quanto a dispensas e comodidades não necessárias. O mesmo religioso é o primeiro verdadeiro responsável de sua pobreza: ele deve julgar em primeira instância, à luz do Espírito Santo, se convém ou não pedir a autorização.

Tudo isso queria dizer Dom Bosco quando afirmava que “a pobreza, para praticar-se, é necessário possuí-la no coração”.

2 — Manifeste-se no trabalho uma expressão autêntica e insubstituível de pobreza (P.C. 13,3). Pobre não é tanto aquele que veste roupas rasgadas, ou come a sopa numa tigela; é aquele que deve ganhar o próprio pão com o suor de sua fronte, dia por dia, num esforço duro e na esperança .

3 — O pobre tem uma consciência sentida do custo das coisas, em dinheiro e em trabalho. Ocorre infundir essa consciência em cada irmão, interessando-o mediante informações em família do andamento econômico da casa.

4 — Particular sentido de pobreza se exige no uso do tempo livre, (férias, viagens, diversões, etc.) e nos meios de transporte.

5 — O religioso encontra-se muitas vezes, na necessidade ou possibilidade de administrar ou usar dinheiro a título diverso, motivos ocasionais ou de ofício, motivos apostólicos ou de beneficência, de propaganda ou de organização, em casa ou fora... Qualquer que seja o título, é obrigação estrita considerar-se não dono, mas administrador responsável do dinheiro da Providência. Por isso:

— Usá-lo tão somente para fins e limites que estejam dentro do seu trabalho. Para qualquer outro uso é necessária uma permissão explícita.

— Ter anotações adequadas e exatas e apresentá-las periodicamente ao superior responsável, que tem o dever de verificar.

— Respeitar as intenções do doador quando se trata de dinheiro proveniente de beneficência.

— Avaliar as próprias exigências pessoais com o mesmo critério com que se providencia às dos irmãos que não têm cargos administrativos.

6 — É necessário também que os Institutos religiosos procurem dar um testemunho como que coletivo de pobreza (P.C. 13). O Concílio usa fórmulas que nos revelam o seu realismo. Sabe que quando uma

instituição toma determinadas dimensões — um grande hospital, um grande colégio ou uma escola profissional ou tipografia moderna — não poderá facilmente dar testemunho de pobreza: os meios institucionais são pesados, a matéria é densa, e não se encontra um saída fácil. Nestes casos ocorre, segundo o Concílio, encontrar um “estilo” em função da finalidade e *também* em função dos lugares, da civilização, climas, raças, circunstâncias. Mas sempre e onde quer que seja é necessário evitar um contra-sinal de pobreza que poderia resultar do luxo mesmo que fôsse aparente. (Perfectae Caritatis, 13).

7 — O testemunho coletivo de pobreza que o Concílio exige é sempre obrigatório na alimentação, no teor de vida, na construção dos ambientes destinados à comunidade religiosa.

8 — Nosso testemunho coletivo de pobreza encontra finalmente sua expressão mais salesiana na nossa preferência — *de facto* — para a juventude pobre. Certamente a missão Salesiana é vasta, complexa e variada, mas há um movimento de fundo e esta inspiração carismática em Dom Bosco: uma posição de privilégio para a juventude pobre.

A nossa fidelidade a êste carisma do fundador depende do sentido que damos à pobreza (A. C. G. pág. 96). Vivemos certamente, mais como pobres e seremos sinal mais patente de Cristo pobre se nos diversos países em que trabalhamos todos pudermos verificar que o primeiro lugar das nossas obras é destinado à juventude que naqueles países é considerada pobre e abandonada.

A revisão das obras tenha presente êste testemunho vital de fidelidade a Dom Bosco.

B) *O testemunho da castidade.*

Ê o testemunho que hoje deve ter presente dois obstáculos:

— Num plano *existencial* é necessário viver esta virgindade num mundo totalmente pagão. O erotismo e a liberdade sexual se alastram nos costumes, na imprensa, no cinema, nas canções, na publicidade, tanto assim que se fala de uma civilização afrodisíaca.

— Num plano *lógico* do pensamento, esta virgindade é contestada por inúmeras razões e por pessoas de todos os ambientes. Não é compreendida.

Ê nosso dever portanto, dar testemunho de que a nossa castidade é, como afirma o Concílio “uma libertação para melhor amar”.

Aquí está o valor positivo da virgindade consagrada: ela é totalmente justificada pelo amor e orientada para o amor. Fora disto,

tudo se torna obscuro para os outros, e insuportável para nós. Nesta perspectiva:

1 — Cada salesiano deve tomar consciência da missão específica que o Senhor nos pede: levar ao mundo a mensagem da pureza, sendo esta nota fundamental do nosso espírito e uma exigência pedagógica do nosso apostolado juvenil.

2 — A mensagem da pureza perde todo ou em grande parte o seu valor se não é transmitida com plenitude de alegria, com serenidade e generosidade.

Por isso em toda fase da formação salesiana acentue-se o conhecimento e a estima dos valores positivos da virgindade e não a ignorância e a inibição (*Optatam Totius* 10) e não sejam admitidos senão aqueles que tenham conseguido uma “conveniente maturidade psicológica e afetiva”.

3 — A castidade deve tornar o salesiano disponível para um amor mais profundo e mais extenso aos membros da comunidade. Ela ajuda a constituir comunidades de caridade, porque é criadora fraterna e ao mesmo tempo é sustentáculo válido do clima de sadia e verdadeira amizade e atenciosa delicadeza que reina numa comunidade e que preserva da busca de compensações afetivas externas (P.C. 12).

4 — Da virgindade consagrada emane para o salesiano o desejo e a capacidade de amar os jovens com autêntica paternidade espiritual.

A verdadeira castidade nunca estancou as fontes vivas do afeto, antes, purificando-as, as torna mais fortes. A castidade dá ao salesiano um coração de pai para seus meninos e não um coração de professor ou de superintendente, nem um coração de funcionário da educação, mas o entusiasmo, a força, a ternura e, antes ou depois, as alegrias de um coração de pai para seus meninos.

E se Dom Bosco nos quer totalmente puros é porque ele nos quer totalmente pais, que amem e façam sentir aos jovens que os amam e os formem para a castidade e para o amor. Isto não é realizável sem prejuízo para nós e para eles, se a nossa castidade não é, como diz o Concílio, madura e realmente integrada na nossa personalidade (P.C. 17).

5 — O desprezo e o descuido dos meios tradicionais de defesa são sinais perigosos de desnorteamento e não podem justificar-se com apêlo ao Concílio que no decreto “*Perfectae Caritatis*” recomenda a fé em tudo aquilo que Nosso Senhor disse com relação à virgindade: a *confiança* no auxílio de Deus mediante a oração e os sacramentos,

a *prudência* para rejeitar tudo aquilo que põe em perigo a castidade, e finalmente a *mortificação*, e guarda dos sentidos, sem descuidar os *meios naturais*, necessários à saúde mental e física.

6 — Os valores positivos acima recordados e as evocações do Concílio para os meios tradicionais de defesa da castidade, devem ser considerados particularmente no apostolado e em tôda atividade no mundo feminino. Se semelhante apostolado entra na nossa missão ou porque diretamente nos foi atribuído pela obediência, ou porque ligado ao nosso ofício, seja aceito sem particulares complexos e será para nós de enriquecimento psicológico, espiritual e de edificação para as almas.

Mas êle não seja particularmente procurado, descuidando o dever de ofício ou apostolado no meio dos jovens. Não seja levado além dos limites do tempo e das categorias confiadas pela obediência. E finalmente, não seja realizado de maneira contrastante com a prudência e de tal modo que suscite perigos objetivos ou impressões menos boas em pessoas maduras ou equilibradas.

C) *Testemunho da Obediência*

A virtude da obediência no plano natural luta tanto para fazer-se estimada que se confunde muitas vèzes com atitudes que são dela uma verdadeira caricatura ou a sua negação. Para a maior parte do povo, a obediência é própria das crianças. Ao contrário, o ato de obediência longe de exigir uma psicologia de menores, é um ato eminentemente livre que de algum modo não pode brotar senão de uma psicologia evoluida e madura, equanto se trata de dizer “sim” interiormente — e por isso com responsável conhecimento — a uma ordem reconhecida aceitável e aceita na prática.

Essa virtude de adulto foi o fundamento da vida de Cristo que disse ser sua comida a vontade do Pai e que justamente através desta virtude trouxe ao mundo a salvação, assim como pela desobediência entrara no mundo o pecado (Rom. 5-19). Ao Cristo obediente quer conformar-se o religioso, e tal conformação não pode realizar-se senão através de uma obediência adulta, livre e responsável (P.C. 14). Por isso:

1 — o significado e o valor da obediência adulta, livre e responsável esteja presente a todo irmão nos três momentos em que se cumpre a obediência, isto é

— *na busca* da vontade de Deus numa situação particular. O religioso tem obrigação de apresentar aos Superiores suas idéias, seus

projetos, suas aspirações, suas considerações sôbre aquilo que lhe é proposto, disposto desde já a fazer sua a decisão do Superior;

— *na aceitação da ordem.* O religioso age como adulto, livre e responsável se fizer sua a ordem do Superior enquanto vê nela o seu encontro com a Verdade, com a Vontade de Deus e a sua participação na obediência salvífica de Cristo “feito obediente até a morte e morte de cruz” (Fíl. 2,8);

— *na execução da ordem* para agir como adulto responsável deverá empenhar-se com tôdas as energias da inteligência e da vontade, com todos os seus dons de natureza e de graça, consciente que em cada caso êle opera “*in aedificationem Corporis Christi*”.

2 — O exercício da autoridade por parte de cada superior deve ser tal que torne possível ao Irmão uma obediência de adulto, livre e responsável. É necessário portanto que êle *no primeiro momento (da busca)* se mostre disposto a dialogar e seja capaz de iniciar o diálogo e conduzi-lo na humilde consciência que não se trata tanto de fazer executar a própria vontade quanto procurar a vontade de Deus, e que por isso lhe é indispensável a colaboração do Irmão a quem aquela vontade vai ser aplicada. É necessário ainda *no segundo momento (da aceitação)*, que o Superior se mostre pai, especialmente se a ordem é crucificante, mas sem concessões culposas e suavemente forte para ajudar o Irmão, a aceitar a vontade de Deus a seu respeito. Enfim, *no terceiro tempo (da execução)* o Superior respeitará a personalidade do Irmão deixando-lhe a justa autonomia e liberdade de iniciativa de acôrdo com a idade, os dotes, o officio e a natureza do trabalho. Para isso é válida a fórmula feliz: “É necessário ter obediência na iniciativa e iniciativa na obediência”.

3 — O Superior assume estas atitudes não só com cada um dos Irmãos mas com a comunidade como tal.

A sua autoridade exige que êle tenha presente dois polos: o serviço do Pai e o serviço dos Irmãos para que êstes executem a vontade do Pai manifestada na missão que a Igreja, a Congregação, a Regra, os Superiores e os tempos confiaram à Comunidade. Para êste dúplice serviço que deve prestar, o Superior seja “homo Dei” para merecer escutar e saber compreender a voz de Deus. Seja o “homem do diálogo” e por isso do escutar e da disponibilidade, para estar em condições de compreender e valorizar a comunidade dos irmãos.

Nesta perspectiva os “rendicontos” e os colóquios pessoais frequentes, a efetiva valorização e o reto funcionamento do Conselho de Ação, a reunião dos diversos conselhos particulares (como o Conselho dos Professôres, o grupo de Irmãos adidos à Paróquia e ao Oratório, os Dirigentes e assistentes de oficinas, os assistentes com os Conselheiros e Catequistas, os dirigentes e assistentes de associações, o

pessoal leigo etc.) adquirem particular relêvo e se tornam obrigações preminentes que não admitem derrogações e são explicitamente reafirmados pelo *Capítulo Geral* 19.º (A. C. G. — págs. 39-51).

4 — A arte do diálogo se é difícil para o Superior não é fácil para os Irmãos. Todos estamos expostos à tentação de considerar diálogo somente aquêle que termina com a aceitação da própria opinião e achamos falta de diálogo quando isso não acontece. O individualismo é o perigo sempre à espreita. A arte do diálogo requer humildade, sinceridade e estima de cada irmão com a persuasão que cada pessoa humana é portadora de valores seus próprios e capaz de enriquecer-se e enriquecer.

E é necessário que todos nós aprendamos esta arte porque cada Irmão é chamado por sua vez a dialogar com outros Irmãos, com os jovens, com as almas.

Hoje, em todo setor do nosso trabalho não temos outra escolha: ou o *diálogo* ou o *diafragma* que impede tôda colaboração, desperdiça energias, divide fôrças, diminui possibilidades e a incidência do nosso trabalho de apostolado.

5 — Todo diálogo e todo exercício de autoridade têm numa Congregação religiosa, uma norma constante de referência e um ponto garantido de encontro na Regra e neste sentido o Diretor deve ser o primeiro a obedecer na comunidade. Esta sua obediência será o melhor fundamento do exercício de sua autoridade, sobretudo quando o seu dever lhe exigir intervir para chamar a atenção e corrigir.

O diálogo, do outro lado, não se destina a deslocar a regra, nem descuidá-la ou torcê-la, mas a buscar o caminho melhor e colocar em ato as condições mais idôneas para que cada um e a comunidade sejam fiéis a D. Bosco que fala através da Regra.

6 — O fruto mais belo da obediência é a paz: “oboedientia et pax” foi o programa que acompanhou o Papa João na sua longa vida. Os Irmãos habitualmente e radicalmente descontentes reflipam sôbre os motivos dêste seu estado e meditem esta profunda verdade contida nos atos do Cap. Geral: “O Salesiano para quem Cristo e o seu Pai já não fôssem mais os grandes presentes na sua vida, teria perdido a fonte da verdadeira alegria e da generosidade sobrenatural (A. C. G., pág. 92).

Os Superiores ajudem com compreensão e caridade êstes irmãos, a superarem as suas crises.

Se isso se revelasse impossível convidem-nos a procurar e os assistam para que encontrem uma solução diferente.

Mas a fé nos dá a certeza e a esperança, faz-nos crer que todos no amor de Cristo encontraremos o segrêdo e a fôrça para uma alegre fidelidade ao chamado do Pai.

IV — Presença do Salesiano no mundo

O Religioso por sua natureza renuncia ao mundo e vive somente para Deus (P.C., 5). Por outro lado a orientação do Concílio tende a tornar sempre mais eficaz e perceptível o testemunho e a ação do religioso no mundo (L.G. 44, P.C. 5 e 8).

Disso resulta um inevitável sentido de tensão no esforço obrigatório de salvar a um tempo a extra-mundandade natural do religioso e o testemunho eficaz em meio ao mundo. Para isso:

1 — Tenha-se presente esta recomendação do Reitor Maior: “É ponto urgente na formação dos Irmãos aquilo que chamo de educação para auto-determinação responsável. É uma fato esse que requer muita inteligência, muita atenção, muita sabedoria, muita prudência, muita coragem, idéias claras. Auto-determinação responsável: trata-se, isto é, de integrar na vida de cada salesiano, determinados princípios, para que eles, os salesianos, comparem sempre de acordo com estes princípios, mesmo em situações em que não estejam protegidos pelo horário ou vida de comunidade. A auto-determinação responsável como resultado de princípios. Isto por que? Porque é necessário que nós os eduquemos neste sentido hoje. Amanhã mais ainda. Por que a vida, o mesmo apostolado que se vai desenvolvendo, que vai tomando certas formas exige uma presença maior no mundo e vai multiplicando as ocasiões para a auto-determinação” (Boa noite do Reitor Maior do dia 24-2-68).

2 — Para as formas de apostolado que exigem particular presença no mundo, recordem-se e se pratiquem as diretivas do 19.º Capítulo Geral.

“O exercício e tais formas de apostolado não podem ser deixados à livre iniciativa dos Irmãos, mas sim da Congregação. Deve desenvolver-se no âmbito da obediência e da vida religiosa comunitária, tendo como base as nossas obras das quais é complemento. O Capítulo Geral exige que tal encargo seja confiado a irmãos escolhidos em base ao seu equilíbrio e seguro espírito salesiano e bem preparados para esta especialização nos diversos aspectos: técnico, pastoral e religioso (Atos do Capítulo Geral — pag. 166).

3 — Para os nossos contactos com o mundo externo sob qualquer aspecto são válidos dois critérios gerais:

Critério Negativo: ocorre evitar aquêles que contrastam com a nossa consagração religiosa. Neste caso a nossa presença no mundo torna-se contra-testemunho.

Critério Positivo: ocorre dar significado e valor de testemunho cristão a toda forma de presença e de contacto com o mundo. Estar presente como cristão, como religioso, como sacerdote. Os homens

do nosso tempo querem sentir-nos perto d'êles, no meio d'êles, mas portadores de valores próprios da nossa vocação.

4 — As visitas às famílias sejam feitas por aquêles que têm obrigação decorrente do officio pastoral e sempre conduzidas de tal forma que o salesiano se mostre como queria Dom Bosco: "Sempre sacerdote".

5 — Particular significado e efficácia apostólica deve resultar de nossos contactos com os professôres externos, que lecionam nas nossas escolas, sobretudo onde as circunstâncias imponham aos superiores e responsáveis a presença de elemento femino.

6 — A melhor garantia para nossa presença no mundo é dada pela plenitude com que vivemos nossa consagração religiosa. Quanto mais conformados ao Cristo pobre, casto, obediente, tanto mais sere-mos capazes de fazê-lo conhecido e amado pelos homens do nosso tempo.

FORMAÇÃO

No plano divino da formação a função da vocação eclesiástica e religiosa é essencial para o seu trabalho e santificação pessoal e para o apostolado.

A sociedade Salesiana sente o problema do crescimento quantitativo e qualitativo das vocações, problema aguçado pela crise de vocações em muitas nações e da esterilidade vocacional que parece ter atingido certas obras juvenis em outros tempos muito fecundas.

"Por outro lado, o interêsse pelas vocações é uma das finalidades mais importantes da Sociedade Salesiana: inspira-se num dos apóstolos mais tenazmente atuados por Dom Bosco pela palavra e pelas obras: baseia-se numa tradição salesiana — escrita e vivida — extremamente palpitante" (A. C. G., pág. 57).

Por estas razões o Encontro delibera uma atuação dos pontos seguintes para cuidar melhor da formação das vocações que a divina Providência envia à Igreja e à Congregação.

Procura das vocações

1 — O ambiente natural para o aparecimento, e portanto a busca das vocações, é o campo mesmo de nossas obras. Basta que cada salesiano lembre "que o exemplo da própria vida constitui a melhor propaganda do seu Instituto e o melhor convite para abraçar o estado religioso" (P. C. 24).

Na raiz de toda vocação, tôdas as pesquisas sempre encontraram o exemplo e a palavra luminosa e estimulante de uma pessoa consagrada cuja vida incarnava e relevava um ideal.

Nada, pois, pode atrair e fazer seguramente germinar a vocação divina mais do que o ambiente sereno de alegria, caridade e bom exemplo de uma Casa em que reina o espírito de Dom Bosco. Por isso o Capítulo Geral admoesta “Tôdas as Obras Salesianas devem ser uma sementeira de vocações” (A. C. G. pág. 60).

2 — A liberdade se manifesta como uma escolha no meio de tôda espécie de estímulos.

Por isso ao mesmo tempo que é obrigatório abster-se de pressões indevidas, seria lamentável que faltasse o interêsse e se recusasse encaminhar ao estudo e à descoberta da vocação os jovens que delas dessem sinais.

3 — Na seleção das vocações é necessário sobretudo ter presente seriamente “o ambiente cristão da família” (A. C. G. pág. 59).

Em particular, embora não tenhamos prevenção contra a pobreza que, aceita e vivida cristãmente, é uma insigne graça divina, um ambiente de miséria que esmaga o espírito e o corpo não parece possa ser ordinariamente apto para o florescimento da vocação ou à sua maturação tranqüila. Complexos de inferioridade, pobreza intelectual, traumas morais são insídias que ordinariamente a ameaçam em tais circunstâncias.

4 — Todo candidato, de modo particular o adulto, seja submetido a um exame psicológico, para se ter também sôbre êste aspecto garantia para a sua vocabilidade.

Tenha-se cautela com os neófitos, que não devem ser aceitos tão apressadamente depois da sua conversão nem sem uma consideração muito cuidadosa do ambiente familiar e social, donde provêm, e das decisões e diretivas que eventualmente as autoridades eclesiásticas podem ter emanado para êsses casos.

5 — O Salesiano encarregado de procurar as vocações (que se supõe esteja à altura de sua tarefa) se imponha a obrigação de conhecer pessoalmente a família e o ambiente da vida de cada candidato antes que êste seja aceito no aspirantado ou casa de orientação vocacional.

6 — Antes que o candidato seja admitido no aspirantado ou Casa de Orientação Vocacional, sejam procurados e examinados diligentemente os documentos prescritos e sejam tomadas tôdas as informações desejáveis.

Aspirantados

1 — Para aquêles meninos que muito jovens ainda para manifestar um sinal de inclinação para a vida religiosa ou sacerdotal, mas

tivessem todavia as qualidades, instituíam-se Escolas de Orientação Vocacional. Nessas escolas “por meio de uma formação religiosa especial e sobretudo através de apropriada direção espiritual” os jovens sejam preparados a “seguir a Cristo Redentor com ânimo generoso e coração puro”, (A. P. T. 3) para onde quer que Ele os chame. Insista-se, pois, na preparação, não para o sacerdócio, mas para a vida cristã e o apostolado.

2 — O aspirantado é para os jovens das escolas secundárias que já tenham manifestado inclinação para a vida sacerdotal e salesiana (A. C. G. págs. 52-68). Nele os jovens sejam ajudados mas sem pressão indevida para uma escolha livre e esclarecida do estado de vida que querem abraçar. Casa de Orientação Vocacional e Aspirantados não se devem distinguir por uma vida própria para noviços ou religiosos, mas antes por uma formação cristã mais cuidadosa e uma apropriada direção espiritual que entre outras coisas apresente com clareza o significado e o valor diferentes da vida leiga, religiosa ou sacerdotal.

3 — Em tôdas estas casas não se esqueça a necessidade de afastar os perigos que sejam demasiadamente graves para o caráter e a vontade ainda fracos dos jovens, mas se procure de maneira particular empenhá-los apostolicamente. Nada, de fato, serve tanto para afastar da atração da tentação, quanto o ideal apostólico profundamente vivido.

Esta iniciação ao apostolado, porém, deverá ser medida e proporcionada à idade, guiada por salesianos capazes, iluminados e sempre feita em grupo ou em equipe. Para isso servem as companhias e os grupos livres aos quais se devem imprimir direção e impulso apostólicos.

4 — As férias passadas em família não se prolonguem além de um mês. Instruam-se os jovens a fim de que possivelmente eles atuem algum apostolado mesmo durante êsse tempo. A parte de férias passadas em comunidade seja programada de modo a deixar tempo a iniciativas de caráter social ou apostólico.

5 — Esta visão pastoral da formação supõe uma razoável e prudente abertura das casas de Aspirantado e de Orientação Vocacional. Elas não devem ser ilhas nem centro de si mesmas. Devem manter contactos sadios com o mundo circunstante e preparar com as experiências necessárias e apostolado futuro, que para nós é de modo especial apostolado juvenil.

6 — A visão cristã da vida exige a união do religioso e do moral e a perfeição moral exige que se desenvolva o homem todo segundo as exigências de sua natureza e que se ponha a natureza a serviço da graça.

Esteja-se, pois, em guarda contra um sobrenaturalismo enganador, sem raízes, e, enquanto se educam os jovens à piedade, não seja minimizada a importância das virtudes naturais: a operosidade, o sentido da responsabilidade, a honestidade, o respeito pela palavra dada, a sinceridade, a coerência, uma sã independência de caráter, etc. Mais do que enraizar hábitos, ainda que necessários, tenha-se em vista fundamentar convicções profundas.

7 — “Pôsto que a educação do aluno dependa da sabedoria das leis e sobretudo da idoneidade dos educadores, os superiores e professos” das casas de formação “devem ser escolhidos entre os melhores elementos” de que dispõe a Inspetoria (O. T. 5).

São estas as casas que devem ser consideradas prioritárias na escolha dos educadores, seja no que tange a seus títulos de estudo, seja especialmente no que se refere à sua capacidade educativa e ao seu espírito religioso. Da observância desta regra depende o espírito religioso da Inspetoria e a eficácia educativa e apostólica de tôdas as suas Casas. Não observá-la, pois, por mais que se pretenda justificá-lo, é agir contra os mais profundos e reais interesses da Congregação e da Igreja.

Estudantados

1 — A vida religiosa, desenvolvimento e florescimento da consagração batismal, é essencialmente vida de fé, realização profética do futuro reino em que Deus será “tudo em todos”, testemunho da realidade da graça evangélica, proclamação da supremacia dos direitos de Deus (L. G.). Portanto a formação religiosa é essencialmente um exercício contínuo do espírito e da vida de fé sem a qual todo o resto perderia a sua razão de ser. Por isso, no Estudantado, não só a liturgia, as pregações, as conferências, as boas noites, mas também as aulas, as festas, tudo, enfim, tenha em vista o aprofundamento e o arraigamento nos clérigos da virtude da fé.

Também o zêlo apostólico deve ser compreendido e vivido como consequência da fé, para que êle não se torne simples ativismo ou proselitismo natural. O uso das técnicas humanas (pedagógicas, psicológicas e sociológicas) seja compreendido como função meramente instrumental ainda que necessária, pois a graça não destrói a natureza.

2 — A visão pastoral e apostólica tanto teórica como prática que deve permear tôda a formação do Salesiano caracterizam a vida dos estudantados filosóficos e teológicos (P. C. 48 — O. T. 4). Por isso com uma sábia graduação, assim como anteriormente nas casas de Aspirantado e de Orientação Vocacional sejam os jovens enca-

minhados para as várias formas de apostolado salesiano mais condizentes a eles, variando-as possivelmente para dar-lhes experiência mais completa.

3 — Continue-se a prudente abertura, seja teórica que prática, já mencionada a propósito das casas de Aspirantado e de Orientação Vocacional. “Para que a adaptação da vida religiosa às exigências de nosso tempo não permaneça meramente externa nem aconteça que, aquêles que por obrigação do próprio estado se dedicam ao apostolado externo, se sintam incapazes de executar a própria tarefa, sejam eles convenientemente informados segundo a capacidade intelectual e a índole pessoal de cada um a respeito dos costumes em voga na hodierna vida social e a respeito do modo de sentir e de pensar” (P. C. 18).

4 — As experiências apostólicas não afastem porém do estudo nem da formação espiritual que aliás devem ter, elas também, um endereço pastoral e preparar direta ou indiretamente, próxima ou remotamente ao apostolado. Estas experiências sejam sempre metódicamente programadas, preparadas também próximamente e guiadas por salesianos zelosos e capazes no trabalho específico que aí se realiza. Sejam, pois, sempre seguidas de uma reflexão comunitária que serve para avaliá-las.

5 — Seja afastado aquêles tipo burguês de férias que não está de acôrdo com a austeridade da vida religiosa. Segundo Dom Bosco, para o salesiano, são férias mudar de trabalho. Por isso, mesmo reconhecendo a necessidade de períodos de descanso, sejam programadas e organizadas cuidadosamente, atividades apostólicas de grupo, também durante as férias. A experiência ensina que são estas férias que dão a melhor satisfação e distensão dos jovens desejosos de apostolado.

6 — O Oratório, o centro juvenil, a catequese, sejam sempre o campo clássico para a formação apostólica. Entretanto, de acôrdo com as necessidades do ambiente, da maturidade dos clérigos e das responsabilidades especialmente durante as férias, se experimentem outras formas de apostolado ou de obras sociais, mas sem graves riscos: trabalho nas periferias, nos cárceres, nas missões, assistência a doentes, auxílio nas paróquias, etc.

7 — Sirvam de guia em tôdas as atividades apostólicas e na formação pessoal, também teórica, os seguintes princípios enunciados na “*Perfectae Caritatis*” para todos os religiosos: “Participem todos os Institutos da vida da Igreja; façam suas e favoreçam quanto puderem conforme a índole que lhes é própria, as iniciativas e as intenções da Igreja e as finalidades que elas se propõem nos diversos campos. Os institutos promovam em seus membros informação adequada

a respeito das condições dos homens e da época bem como a respeito das necessidades da Igreja de forma que possam julgar com sabedoria, à luz da fé, as circunstâncias do mundo do nosso tempo e cheios de zelo apostólico possam ajudar mais eficazmente os homens” (P. C. 2).

Tirocínio prático

1 — A finalidade do tirocínio é de “experimentar a vocação dos clérigos e coadjutores e formá-los e educá-los no espírito salesiano e aprendizagem do sistema preventivo, base de nossa pedagogia e de atender aos estudos profanos em vista da consecução de títulos (*Regulamento n.º 56*). Aparece, pois, bem evidente, que a finalidade do tirocínio consiste, em primeiro lugar, na busca do bem e na preparação do irmão e não nas vantagens e proveito do Instituto, no interesse do Instituto. (A. C. G. pág. 58). Este é o ponto essencial que deve ser compreendido e praticado. As determinações seguintes nada mais são que suas aplicações. Se isto não é compreendido e generosamente aceito e praticado, todo o resto é inútil.

2 — Os clérigos do tirocínio não devem ser mandados para as Casas, pelo fato delas necessitarem de pessoal, mas de acôrdo com o regulamento, (V. 56) somente para as Casas regularmente constituídas, de observância perfeita e de vida comum, em que possam ser devidamente assistidos e cuidados. Estas Casas devem ser, vez por vez, escolhidas e determinadas pelo Inspetor com seu Conselho (*Ibid.*). Não se deixe, pois, nunca, um tirocinante sozinho numa Casa (*Ibid.*).

3 — O Inspetor vele para que o horário e as tarefas atribuídas ao clérigo tirocinante sejam em função de sua formação. Se esta resultasse prejudicada pela permanência numa Casa, o Inspetor está obrigado, em consciência, a remediar a situação, também mandando o clérigo para outro lugar, se fôr necessário. (*Ibid.*).

4 — Chave de tudo é a pessoa do Diretor que deve ser mestre e pai, e continuador da obra do mestre do noviciado (Constituições n.º 183). Acompanhe, corrija o clérigo, eduque-o no uso do tempo livre, na oração, no estudo, na leitura de obras válidas e formativas. Não descuide o encontro semanal precrito, mas saiba usá-lo para um diálogo e um entendimento familiar. (*Ibid.*).

5 — Sejam realizados os três escrutínios anuais para cada clérigo de tirocínio (Regulamento 52), e o seu resultado seja comunicado tanto ao Inspetor quanto ao clérigo interessado, com prudência e caridade, mas com perfeita sinceridade. Nunca aconteça que, quando se devem tomar decisões dolorosas a respeito de um irmão,

êle possa acusar seus superiores de injustiça por não tê-lo anteriormente advertido claramente.

6 — Durante as férias, os clérigos tirocinantes sejam reunidos, por algumas semanas, em lugar ameno para um pouco de descanso. Nesse período tenham oportunidade de ouvir conferências de argumentos de seu interesse, e o Inspetor ou seu Vigário, procure viver com êles em fraterna e alegre vida de família. Os exames de tirocinio poderão ser prestados durante êsse tempo.

Os coadjutores

1 — O Capítulo Geral afirma solenemente que o Coadjutor é um elemento constitutivo da Sociedade Salesiana; “que religiosamente êle é igual ao sacerdote salesiano, e que pode exercer o mesmo apostolado do sacerdote, com exceção feita das tarefas sacerdotais (P.P. 65, 670 — Cfr. Constituições n.º 12).

O Concílio (P.C. 10) proclama a sua grande estima pela vocação religiosa laical e a declara um estado, em si completo, de profissão dos conselhos evangélicos”. Os salesianos, recordando o primado de D. Bosco na valorização da vocação do religioso leigo, estudem-na para compreendê-la e fazê-la compreender e amar pelos outros.

2 — Considerar o estado de coadjutor como uma fuga para aquêles que, não tendo os dotes humanos necessários, não podem aspirar ao sacerdócio, é contrário não sòmente à estima que devemos ter pela vocação do coadjutor, mas ao conceito mesmo da vocação divina.

3 — Providencie-se a qualificação técnica profissiona, cultural e religiosa dos coadjutores e se coloquem aquêles que sejam capazes, em posições de responsabilidade e nos Conselhos das Casas, para que a sua vocação possa ser sempre compreendida e estimada pelos salesianos e jovens. Isto vale de modo particular nas Casas de aspirantado para coadjutores, inspetoriais ou interinspetoriais. Em cada inspetoria haja um coadjutor com o encargo de promotor vocacional.

4 — Os coadjutores sejam colocados em tôdas as formas de apostolados salesianos, embora sem afastá-los das escolas de arte e ofícios que, no momento e nas circunstâncias presentes, representam contribuição específica na obra da Congregação entre as clases pobres.

As missões

O Concílio Vaticano II declara solenemente que “a Igreja peregrina é por sua natureza missionária, pois ela se origina da missão do

Filho e da missão do Espírito Santo, segundo os desígnios de Deus Pai (Ad Gentes 2). Também a Congregação Salesiana recolhendo o convite do Concílio, de conservar plenamente o espírito missionário dos institutos religiosos (Perfectae Caritatis 20), quer continuar tôda missionária. Ela “revive o ideal de D. Bosco que desejou fôsse a obra das missões a ânsia permanente da Congregação, de tal modo que formasse parte da sua natureza e do seu fim. (A. C. G. pág. 208).

A) *Formação dos irmãos indígenas*

1 — “Sem dúvida, a Igreja fixa raízes mais firmes em qualquer Sociedade, quando as várias comunidades de fiéis tiram de seus membros os próprios ministros da salvação, que na ordem dos Bispos, Presbíteros, Diáconos, servem a seus irmãos”. (Ad Gentes, 16). Tendo-nos alegrado pelo progresso feito até agora, pela Congregação na busca e formação de vocações indígenas, delibera-se intensificar ainda mais a campanha pelas vocações nas nossas Inspetorias do Oriente e consolidar, cada vez mais, as nossas Casas de formação com pessoal idôneo e preparado.

2 — Inculque-se o espírito missionário nos aspirantes e irmãos, com informações sôbre as nossas missões, com visitas a regiões missionárias, bem programadas e preparadas, especialmente, durante as férias. Sejam qualificados professores de missiologia, para os estudantes teológicos.

3 — A formação deve ter em vista, particularmente, o equilíbrio e a justa medida dos valores. Evitem-se, como contrários ao equilíbrio cristão, o nacionalismo exagerado, o regionalismo, favoritismo e uma certa ânsia de renovação litúrgica, eclesiástica e teológica que vai além dos limites da prudência. Infunda-se o apêgo e o amor a Dom Bosco e aos Superiores Maiores que o representam, a união com tôda a Congregação e a Igreja.

4 — Acelere-se a promoção de irmãos indígenas de modo que, quando haja entre eles pessoas aptas a exercer funções de responsabilidade, sejam preferidos aos estrangeiros, os quais demonstrarão o amor desinteressado que os levou a dedicar-se às missões, colaborando cordialmente com eles, assistindo-os e guiando-os até que a Igreja não se tenha firmado e estabelecido nessas regiões.

B) *Questões Missionárias*

5 — Seria uma visão errada da atividade missionária descuidar a pessoa do missionário, instrumento precioso e infelizmente raro e

de difícil substituição, na evangelização. Evite-se, pois, com todo cuidado, deixar num centro missionário, especialmente se muito extenso, um missionário sozinho, ou um sacerdote com um coadjutor só, especialmente se é môço. Procure-se, ao contrário, constituir equipes de missionários que, com a sua colaboração compensam a desvantagem de distritos missionários mais vastos. Favoreça-se com reuniões, conferências, etc., a atualização cultural e teológica do missionário que será tanto mais eficiente no seu trabalho, quanto mais esclarecida a sua vida intelectual. Tenha-se um cuidado especial da vida espiritual do missionário, dando-lhe a possibilidade concreta de participar dos Retiros mensais, especialmente dos trimestrais e ter frequentes vêzes, confessores experimentados, de outras Casas e Centros missionários.

6 — Depois de alguns anos de trabalho no centro missionário, é conveniente que o Salesiano volte por algum tempo ao convívio de uma Casa regular. Evitar-se-ão, para êle, o esgotamento físico, intelectual e o progressivo desajustamento à vida de comunidade; e para a missão, a rotina que leva a diminuir a intensidade do trabalho missionário.

7 — Tendo presente que “*Salus animarum suprema lex*”, os Inspectores se entendam fraternalmente entre si e com os Exellentísimos Ordinários, para intercâmbios de pessoal, necessários ou convenientes para as diversas regiões ou missões, Casas e mesmo Inspetorias.

8 — Para fazer frente às necessidades sempre crescentes de operários evangélicos e à crise de vocações que se abate sobre a Igreja, providencie-se a formação de Catequistas, e, se fôr necessário, fundando escolas para êles e se desperte nos cooperadores salesianos o anseio missionário e o desejo de apostolado dos leigos.

9 — Não se exagere a distinção real e necessária entre as obras da Congregação e as obras da missão, a ponto de descuidar estas últimas, seja na divisão do pessoal, seja na distribuição dos auxílios financeiros.

A Congregação Salesiana sempre que da Igreja aceita territórios e obras missionárias, assume sua inteira responsabilidade e obriga-se a fornecer o pessoal e os meios necessários para o seu desenvolvimento”. (A. C. G., pág. 200).

Por isso, as Inspetorias tenham presente o seu interesse missionário e evitem o desenvolvimento em linha única (edifícios ou escolas), porque tôda unilateralidade causa desequilíbrio e prejuízo à Igreja. As obras sejam reestudadas com vistas ao Evangelho e não se hesite em rever, ou mesmo até eliminar aquelas que apostôlicamente sejam supérfluas ou sejam causa de descompensações e desproporções.

Isso vale também para as obras diocesanas missionárias que não se devem deixar desenvolver por razões secundárias, (como a presença de um sacerdote que consegue angariar muito dinheiro) mas somente de acôrdo com o plano geral, que tenha presente as necessidades locais e a possibilidade, tanto da Diocese, como da Congregação, no espírito das disposições emanadas pela Igreja.

10 — As relações entre bispo, missionário e inspetor, são objeto de um decreto em preparação na Sagrada Congregação para a Evangelização. Essas relações, porém, não mudarão por decretos se não houver caridade recíproca que não é só sentimento mas esforço para compreensão e ajuda mútua.

Regra de ouro é “*Salus animarum, suprema lex*”, que é a lei da vida de todo sacerdote, tanto mais se é missionário. Preste-se atenção, porém, que esta lei é válida também quando se trata da alma, da vocação e dos deveres graves do missionário.

11 — O Missionário preste conta exata de tôda a sua administração, seja ao Bispo como ao Inspetor. O fato de êle receber dinheiro resultante de promoções pessoais, não lhe permite violar o voto de pobreza. E o fato de êle ser missionário residente numa Casa não erigida canonicamente não o isenta da autoridade do Inspetor. Esta, de fato, atinge tôda a sua pessoa e tôdas as suas ações sob o ponto de vista da vida religiosa. Assim como a autoridade do Bispo atinge tôda a sua pessoa e tôdas as suas ações sob o ponto de vista de apostolado sacerdotal e missionário. Releve-se ainda, da contabilidade um extrato financeiro que demonstre a contribuição que a Congregação, também através de promoções, consegue para as missões, mas não se tenham duas contabilidades separadas para as duas autoridades.

12 — Ao mesmo tempo que se agradece à Divina Providência que com tanta largueza providenciou às nossas necessidades através de doações, é imperativo e urgente não fechar os olhos aos graves perigos que isso pode acarretar, se não houver normas severas.

Recorde-se o dever de consciência, de respeitar as intenções dos doadores. Tenha-se presente que o dinheiro é recebido, não para si, mas para as obras. Quando o missionário muda de Casa, como qualquer outro religioso, não pode levar consigo dinheiro, ou objetos adquiridos com o dinheiro das doações.

Não se tenham contas particulares em Bancos, com uma só assinatura, mas tudo se faça de acôrdo com o Superior. Todo segrêdo é perigoso e indício de consciência pouco tranqüila.

Evite-se tôda transação ilegítima, que por uma soma de dinheiro pode pôr em perigo o bom nome próprio e da missão e causar pre-

juízos irreparáveis. Tenha-se presente que o dinheiro é um meio e não um fim.

13 — Pede-se às conferências inspetoriais que definam qual a destinação que se deve dar às ofertas, fruto de propaganda, quando o seu promotor é mudado de Casa.

PASTORAL JUVENIL

1 — Algumas recomendações abalizadas

A) Na querida audiência de 21 de maio de 1965, o Santo Padre nos disse: “escolhestes bem, continuai no entanto, aperfeiçoando-vos”. Certamente se referia ao nosso apostolado específico em favor da parcela mais eleita do rebanho de Cristo, a juventude.

B) Os Atos do XIX Capítulo Geral, nos dizem: “A Congregação Salesiana participa da Missão da Igreja, sobretudo pela sua ação educativa em favor da juventude e do povo, no espírito do seu Fundador, e segundo as exigências dos tempos e lugares. A fidelidade aos exemplos de Dom Bosco implica um rumo preferencial da ação educativa salesiana ao cuidado da juventude ‘pobre e abandonada’, ou em ‘perigo moral’, tendo por fim a sua integral formação humana e cristã, e também o fermento da possível vocação sacerdotal e religiosa”. (Atos do Cap. Geral, pág. 118).

C) O nosso caríssimo Reitor Maior assim se exprimiu numa conferência à Comunidade do Pontifício Ateneu Salesiano em outubro de 1965. Uma outra grande idéia: “O Capítulo quis reafirmar, documentando-nos e documentando a Congregação, a atualidade de seu apostolado específico que é o apostolado juvenil”.

Para sermos fiéis a estas altíssimas diretivas, propomo-nos dedicar estudo, pessoal e meios necessários para o aprofundamento do nosso Apostolado juvenil, revendo e repensando os métodos e as formas do nosso trabalho, para que correspondam sempre mais plenamente ao espírito de Dom Bosco, às esperanças da Igreja às exigências dos países em que trabalhamos.

Uma indispensável estrutura pedida pelo Cap. Geral para êste serviço de aprofundamento, de coordenação e de impulso nos vários setores da pastoral juvenil, é o centro Inspetorial de Pastoral Juvenil. As Inspetorias que ainda não tenham estabelecido ou nas quais êle seja pouco eficiente, providenciem de modo que possam dispor de um instrumento idôneo e necessário aos fins que se pretende alcançar.

2 — Catequese

No Oratório, na escola, no trabalho paroquial, em qualquer outra forma de atividade, o Salesiano lembrará sempre que trabalha “in aedificationem corporis Christi”, através da difusão da fé.

“Fides per auditum”. Como consequência, o primeiro dever do salesiano será a instrução religiosa de quantos, especialmente, jovens, entram na esfera de sua influência. “A Congregação Salesiana considera a catequese juvenil como sendo a primeira atividade de apostolado salesiano”. (A. C. G. pág. 218).

Empenho para o setor catequético:

A) Providencie-se a formação de irmãos nesta matéria, através de cursos, conferências e outras iniciativas oportunas.

B) Providencie-se a qualificação de alguns irmãos, particularmente capazes, nos Institutos de catequética, dirigidos pelos salesianos ou por outros institutos religiosos.

C) Destine-se numerário suficiente para a aquisição de subsídios para as Bibliotecas Catequéticas.

D) Cada irmão esteja sempre pronto a empenhar-se neste trabalho tão tipicamente apostólico e salesiano.

3 — Oratório

Lembramos as palavras do Reitor Maior a respeito do apostolado do Oratório, citadas, nos Atos do Capítulo Geral na pág. 399. O Oratório é atualmente a fórmula que bem corresponde a este empenho: chegar à juventude para a evangelizar, mas no nosso estilo, na disciplina e na obediência. Dom Bosco e as Constituições querem o Oratório junto de cada Casa; isto mostra a importância que a Congregação liga ao Oratório. A Casa junta é elemento providencial para o Oratório, fornecendo-lhe meios e pessoal. Dom Bosco não pode conceber uma Casa sem este pulmão; mas um pulmão deve ser vivo, deve respirar, não estar atrofiado. Países inteiros e inteiras gerações foram beneficiadas através do Oratório. (C. G., pág. 339).

Empenhos para o setor oratoriano:

A) O Oratório festivo ou cotidiano não somente é nossa obra primordial, mas também a fórmula mais feliz e eficaz de apostolado no meio dos jovens. Todavia, das estatísticas apresentadas neste encontro e pela experiência de todos os dias, sabemos que na prática esta obra é tratada como obra secundária e marginal. Os irmãos se

convençam da validade desta forma de apostolado e colaborem de boa vontade na Obra dos Oratórios Festivos.

B) O Conselho Inspetorial estude, de acôrdo com o Conselho da Casa, a maneira concreta de obter que cada Casa ou paróquia tenha ao lado o Oratório.

C) A importância e as dificuldades dêste trabalho entre os jovens, requerem que o salesiano escolhido para dirigi-lo, não sòmente seja zeloso, mas também capaz e bem atualizado nos métodos do apostolado juvenil.

D) Para que a obra do Oratório floresça, não basta que haja um salesiano encarregado. Ele deverá ter uma razoável possibilidade de iniciativas, tempo e meios necessários, ajuda de pessoal salesiano para animar as diversas atividades e, possivelmente, o prestígio que lhe pode advir por ser do Conselho da Casa.

E) Faça-se também o possível para que cada Oratório tenha locais próprios, indispensáveis às atividades, seja católicas, como formativas e recreativas. Considerar também estas despesas na planificação da Inspetoria ou da Casa é exigência da necessidade de um desenvolvimento harmônico — em sentido salesiano — das nossas obras.

F) O Oratório é uma atividade de tóda a Comunidade. Os irmãos sejam co-interessados na sua vida e se trate com freqüência dos seus problemas e da maneira de resolvê-los nas reuniões do Conselho. Elemento determinante para que êste interêsse seja vivo entre os irmãos é a atitude do Diretor da Casa com relação ao Oratório.

G) Para que o Oratório seja instrumento válido de apostolado, será necessário que não se limite só aos meninos, mas saiba atrair também os adolescentes, os jovens e os adultos.

H) Pelas mesmas razões êle não se limite só a atividades recreativas, mas desenvolva as estruturas de um verdadeiro instrumento de formação.

I) O Oratório é obra de massa, mas de massa organizada. Os jovens sejam, por isso, divididos em grupos de acôrdo com a idade e tais grupos tenham centro de interêsse, atividades e associações próprias.

J) A organização de tão variadas atividades próprias do Oratório, coloca o problema dos dirigentes. O Salesiano encarregado do Oratório, a exemplo de D. Bosco, aprenda a formar seus dirigentes e colaboradores entre os mesmos jovens do Oratório. Deverá também formar um grupo de cooperadores e cooperadoras que o liberem das

absorventes atividades materiais e organizativas, e colaborem na atividade própria do apostolado dos leigos. Para isso lembre-se que poderá encontrar elementos particularmente qualificados entre os ex-alunos.

K) Onde não seja possível, por razões sérias, abrir um Oratório ao lado do Instituto, considere-se a possibilidade de Oratórios volantes ou alguma outra forma de irradiação apostólica.

L) Tôda a Inspetoria se propõe a responder com generosa solicitude e sensibilidade salesiana ao convite do Reitor Maior que apresentando a todos os salesianos o Centenário da Basílica de Maria Auxiliadora, pediu a realização de um Centro Juvenil para cada Inspetoria, que responda plenamente às idéias do Capítulo Geral” (A. C. S. n.º 250, pág. 38 — Ed. Portuguesa).

4 — A escola

O Concílio Vaticano II reafirmou a validade da Escola Católica: “Portanto, nas atuais conjunturas, guarda a Escola Católica sua importância capital, pois pode contribuir tão decisivamente para realizar-se a missão do Povo de Deus, ajudando também o diálogo, entre a Igreja e a Comunidade de homens, em benefício de ambas as sociedades” (G. E., 8).

Mas também acrescentou a ela, fins específicos, que segundo o XIX Capítulo Geral, são condições indispensáveis para justificar nossa escola.

— Para que a nossa escola seja o apostolado católico e salesiano, que, só por si é suficiente para o justificar, requerem-se estas condições:

— que seja de inspiração totalmente cristã (aceitações, programas, ensino etc.);

— que goze de alto prestígio escolar e se imponha como uma escola de vanguarda, quer no plano didático, quer no organizativo;

— que não somente instrua, mas eduque e eduque cristãmente; deve mostrar-se apostolicamente eficaz, quer conduzindo a uma vida moral e religiosa coerente os “subdesenvolvidos morais” provenientes de ambiente em famílias laicas ou descristianizadas, quer formando um escol de cristãos capazes de fazer sentir a sua presença apostólica no mundo (A. C. G., pp. 122-123).

Compromissos para o setor escolar:

A) O Salesiano se convença do sentido apostólico que deve ser dado à nossa escola. Lembre as palavras de D. Bosco, que chegou

a afirmar que para nós, a escola “é um pretexto para ensinar o catecismo”. Considerem-se pois, a catequese e as lições de moral aos meninos não cristãos, como as matérias mais importantes.

B) O ensino da doutrina cristã (ou para os não cristãos, o ensino da moral) pela sua precedência sôbre os demais fins da escola, requer a presença e o empenho do salesiano. Para isso, se fôr o caso, seja liberado, e seja aliviado do ensino de outras matérias, para que possa dedicar-se com mais disponibilidade a esta forma de apostolado.

C) Procure-se não a educação da massa, mas o cuidado individual dos alunos, cuja alma o Senhor nos confia de modo todo particular. Por isso, os salesianos sejam solícitos pelo bem de cada um, prontos sempre a ouvir e ajudar seus alunos.

D) O XIX Capítulo Geral recomenda o colóquio pessoal com os alunos, como uma obrigação do Diretor. Esta obrigação poderá ser delegada também ao Catequista ou a outros sacerdotes; de acôrdo com o Inspetor (A. C. G. pág. 193) a organização da escola deve ser tal que se possa realizar êste programa tanto com os alunos internos como com os alunos externos. Isso se tornará possível e mais natural, se a escola fôr complementada com atividades para-escolares, associações várias e pos-escolares — onde os salesianos encontrarão variadas ocasiões para o seu trabalho sacerdotal e apostólico.

E) Quando as condições o permitirem, os professôres externos sejam inseridos na comunidade educativa, para que se tornem nossos colaboradores na formação dos jovens e na prática do sistema educativo de Dom Bosco.

Para isso servirão de auxílio as instruções pedagógicas, conferências do Diretor, retiros ou cursos de exercícios espirituais ou de atualização. Os professôres católicos sejam convidados a fazer parte da União dos Cooperadores Salesianos, e a levar, portanto, para a sua obra educativa o nosso espírito.

F) Tenha-se presente que uma das finalidades da nossa escola é também a formação de líderes entre os nossos alunos cristãos. As figuras de leigos como os Concílio, ou sairão de nossas escolas e organizações católicas, ou nunca serão uma realidade, com prejuízo grave para a Igreja local.

G) Dê-se preferência a escolas para meninos no período da pré-adolescência em diante, os quais, pelo fato de terem atingido os limiares da autodeterminação ou de uma certa maturidade, podem responder melhor aos nossos cuidados apostólicos. Entretanto, se as

condições locais aconselhem também cursos primários, tenham-se presentes êstes critérios:

— estejam separados quanto aos locais, pátios, aulas de brinquedos, e em geral para todos os serviços, dos cursos ginasiais.

— O pessoal salesiano não seja encarregado diretamente da assistência ou direção de tais cursos, mas tenha tão somente uma direção de cúpula, especialmente quando as classes fôsseem confiadas a professoras.

H) O *pré-primário* pode ser tolerado quando seja indispensável devido a particulares situações locais. Nesses casos, os critérios dados para os cursos primários devem ser aplicados e com maior razão ao jardim da infância.

CONCLUSÕES APROVADAS

Na reunião de Inspetores Salesianos da Europa — Oriente
Médio — África Central — Estados Unidos — Austrália

Como 16-23 de abril de 1968

I — Renovação da vida religiosa

1 — A Renovação da vida religiosa salesiana hoje, somente pode ser levada a efeito, por uma plena aceitação da mentalidade e da dinâmica do Concílio e do Capítulo Geral. Embora em situações diferentes, compreensíveis numa Congregação mundial como a nossa, onde quer que se tenha trabalhado, o resultado é animador. É, pois, necessário continuar a dar preferência a tôdas as iniciativas aptas a formar essa mentalidade (preparação de subsídios, organização de cursos, utilização de todos os canais ordinários da vida de comunidade, formação de peritos, etc.).

2 — O Concílio forneceu argumentos para valorizar novamente alguns conteúdos mais significativos da mensagem de D. Bosco, integrando-os num contexto eclesial mais adequado a nossos tempos e de acôrdo com as suas exigências. Entre êstes conteúdos podemos citar:

— a síntese vital de oração e de ação, presente no pensamento e coerentemente levada a efeito na vida de D. Bosco;

— a característica principal, na sua obra, do apostolado juvenil popular;

— a preferência pelas classes humildes, que o aproximavam da Igreja dos pobres;

— o sentido do diálogo que leva D. Bosco a basear sôbre a razão e o carinho (amorevolezza) sua missão educativa cristã; e o seu magistério de fundador de Congregações religiosas;

— a objetividade em captar os sinais dos tempos e as exigências dos lugares, para intervir com as atividades e as adaptações que as situações exigiam para o bem da Igreja...

3 — Confrontando a atualidade do carisma de D. Bosco, do qual a Igreja lhe confirma a validade, com a situação atual da Congregação e das obras nas quais êsse carisma hoje se encarna, constata-se que:

— muitas obras e atividades, em si válidas, são eficazes na medida em que a comunidade religiosa, responsável por elas, vive e realiza os valores conciliares e salesianos;

— à luz de tais valores deve-se ter a coragem de rever (redimensionar) o enquadramento e a estrutura de algumas outras obras para adaptá-las às exigências dos tempos e das situações e para superar dúvidas e incertezas justificáveis de irmãos, no que tange à sua eficácia e atualidade;

— para tais adaptações o XIX Capítulo Geral já indicou, com inteligente abertura e equilibrado realismo, orientações, métodos e caminhos, deixando porta aberta, com as necessárias garantias, também a novas experiências (cfr. o que se diz quando se fala da formação dos jovens, dos oratórios, das paróquias, cooperadores, ex-alunos, meios de comunicação social, apostolado familiar, catequese, operários...).

— portanto, é urgente e essencial pôr em ação o corajoso e estudado redimensionamento, pedido pelo Capítulo Geral, para vitalizar a prática religiosa e assegurar a eficácia pastoral do nosso trabalho.

II — Pastoral vocacional

Aspectos pastorais da formação salesiana

1 — Os participantes do encontro reafirmam a necessidade de uma convicção comum, que o viveiro natural das vocações salesianas, são as nossas obras. Onde não se verifica esta afirmação, é necessário examinar com cuidado, quais as causas, tendo presente que as vocações estão ligadas à eficiência da comunidade educativa. Além disso é necessário sensibilizar todos os salesianos no recrutamento, na descoberta e no cultivo das vocações que Deus não deixa de enviar à sua Igreja. Para êsse fim, se faz votos que seja realizado um curso de pastoral vocacional durante o estudo da teologia.

— Quanto ao recrutamento de vocações fora de nossas obras, ao mesmo tempo que se admiram os inumeráveis métodos e técnicas empregados em todos os países, os participantes do encontro solicitam que em tôda a parte, através de peritos, sejam aperfeiçoados cada vez mais os nossos métodos.

2 — A abertura sadia e prudente dos nossos aspirantados, pedido pelo XIX Capítulo Geral, já está sendo posta em prática de maneiras e graus diversos. Insista-se, de modo particular, na formação dos aspirantes ao apostolado, dentro e fora de casa. O interesse pelo apostolado é sinal de vocação e instrumento indispensável para a formação.

— Outras obras para os primeiros trabalhos vocacionais (tais como escolas de orientação apostólica, casas de vocações de adultos, etc...), sejam auxiliadas na medida em que cada situação o permite, ou aconselha.

— O cuidado precípua seja o de preparar e qualificar convenientemente o pessoal que deverá dirigir tanto estas instituições como os aspirantados.

3 — Tôda a formação do salesiano seja em função da pastoral de acôrdo com a prescrição do Concílio Vaticano II (O. T. 19; P. C. 18), com relação aos estudos dos clérigos, fazendo votos se possam receber brevemente as novas orientações para o *ratio studiorum*.

O exercício pastoral deverá acompanhar progressivamente, durante todo o tempo da formação, os irmãos, procurando, juntamente com a prática pastoral a sua plena maturidade humana, religiosa e apostólica. Muito se tem feito já neste campo; entretanto é necessário avançar, com prudência, mas corajosamente. Essas exercitações pastorais sejam feitas, sobretudo, em ambiente de apostolado salesiano, de acôrdo com as exigências locais. Nos estudantados e tempo de magistério, façam-se durante o ano escolar, sem prejuizo da seriedade dos estudos, e de maneira mais consistente no período das férias. Tôda ação pastoral deve ser programada, guiada, e avaliada, contando com assistência de irmãos experimentados.

O tirocínio prático faz parte do currículo formativo dos clérigos e dos irmãos coadjutores; o diretor da casa é responsável, como seu diretor espiritual, devendo guiá-los, ajudá-los e sustentá-los na vida religiosa e no trabalho pastoral.

4 — A qualificação religiosa e apostólica dos irmãos tem o seu fulcro e instrumento fundamental nas Casas de formação.

Portanto estas devem merecer o cuidado principal de todos e tenham o pessoal adequado.

Para êste fim, os Inspetores procurem aumentar o número de alunos bem selecionados para os cursos eclesiásticos e para o PAS, de acôrdo com as normas do plano quinquenal de qualificação, a fim de providenciar pessoal qualificado e bastante numeroso para tôdas as Casas de formação e particularmente para o PAS.

III — O salesiano coadjutor

A Assembléia dos Inspetores se ocupou seriamente dos problemas dos irmãos coadjutores:

1 — Reafirmou o princípio da presença essencial dos coadjutores, numa Congregação que se compõe de eclesiásticos e leigos. (Const. Art. 12).

2 — Pôs em relêvo a necessidade de que na sua formação se tenham presentes, com maior insistência as prospectivas dos documentos conciliares, acêrca da figura do leigo consagrado e das deliberações do XIX Capítulo Geral.

3 — Alegra-se pelos novos estudos que vão surgindo nas diversas conferências inspetoriais, para esclarecer melhor o currículo de formação dos coadjutores e sua inserção no quadro dos apostolados salesianos.

4 — Ao mesmo tempo propõe-se aprofundar — em vista do Capítulo Geral especial — a posição jurídica do coadjutor, de acôrdo com o espírito salesiano, para enquadrá-la plenamente nas prospectivas que vão amadurecendo neste período pos-conciliar.

5 — Constata a preocupante escassez de vocações de coadjutores em muitas regiões da Congregação. É um fenômeno que atinge todos os setores, razão pelo qual, a assembléia convida as Inspetorias a estudar as situações locais e recorrer a todos os meios, às técnicas e às motivações dos irmãos para resolver êsse problema;

6 — Finalmente tem conhecimento, com satisfação, da equiparação dos estudos de formação dos coadjutores com os dos clérigos, e convida a todos os superiores responsáveis a cuidar cada vez mais dêsse aspecto.

IV — Centros juvenis

O Centro Internacional de pastoral juvenil apresenta uma comunicação a fim de traçar a natureza e as finalidades dos centros juvenis. O Reitor Maior convida tôdas as Inspetorias a refletir sôbre o assunto. Trata-se de uma resposta salesiana às expectativas e exigências da juventude do nosso tempo. O processo já a caminho em várias nações, nos leva a verificar que se trata de uma fórmula válida, que se presta para muitas articulações para adaptar-se às exigências dos diversos lugares.

V — Estruturas da Congregação

O encontro dedica análise cuidadosa das estruturas da Congregação, votadas ad experimentum pelo XIX Capítulo Geral. Deteve-se sôbre as estruturas dos dicastérios do Conselho Superior e das fun-

ções dos Conselheiros Regionais, das conferências inspetoriais, do vigário inspetorial, do vigário das casas e dos conselhos particulares.

Pediu-se reforço para o escritório central das Missões para que possa ser um instrumento válido a serviço da atividade missionária da Congregação.

As experiências indicam que onde as estruturas foram levadas a sério, tornaram-se meio eficaz e efetivo de renovação. É necessária, pois, a sua complementação e funcionamento em tôdas as partes; assim será possível no próximo Capítulo Geral ajuizar mais objetivamente sôbre essas estruturas e traçar-lhes melhor as competências e a ação.

VI — Capítulo Geral especial

O encontro apresentou sugestões úteis à tempestiva preparação dêste Capítulo tão importante para a atualização da Congregação. Tendo presente que o seu escopo, de acôrdo com os documentos conciliares e pós-conciliares é a revisão e a adequação das Constituições às novas exigências da vida religiosa e apostólica, lembra a disposição conciliar sôbre uma sondagem séria da opinião de todos os irmãos a respeito dos temas a debater e uma preparação cuidadosa por parte das comissões de peritos.

A serenidade dos debates, a multiplicidade e diversidade das experiências notadas em tantas partes do mundo salesiano, a sinceridade com que foram apresentadas as situações religiosas e pastorais dos diversos países, permitiram medir a validade do espírito salesiano, sua adaptabilidade, ainda hoje, às exigências da Igreja no espírito da vocação juvenil e popular de Dom Bosco.

O encontro trouxe melhor compreensão entre as Inspetorias e confirma a fidelidade de todos ao espírito salesiano. O diálogo fraterno entre os Inspetores e com os Superiores Maiores, fortificou a caridade e a união dos corações e encontrou uma expressão cotidiana na concelebração.

O empenho de todos pelas Missões, a ajuda generosa de pessoal para a América Latina — como fêz notar o Reitor Maior — são uma prova dessa união de corações e da capacidade da Congregação de tornar-se presente eficazmente às necessidades mais urgentes da Igreja.

Terminado o encontro, dando início às celebrações centenárias da Basílica, o Reitor Maior, os Superiores e os Inspetores, levaram a Maria Auxiliadora, com os votos de uma grande parcela da Congregação Salesiana, o compromisso de uma fidelidade autêntica a Dom Bosco, pedindo a bênção materna sôbre seus propósitos, sôbre os irmãos e almas a êles confiadas.

CONCLUSÕES APROVADAS

Na reunião dos Inspetores Salesianos da América Latina

Caracas 5 — 12 de maio de 1968

RENOVAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA

Orientações Gerais

A Assembléia dos Inspetores, ao enfrentar o problema da renovação efetiva da vida religiosa na América Latina, considera como sendo fundamentais as seguintes orientações:

1 — A renovação de nossa vida religiosa está condicionada à *renovação de nossa ação apostólica*. A razão profunda desta afirmação renovadora se encontra na *natureza mesma* da vida religiosa nos Institutos dedicados à vida ativa das obras de apostolado (P.C. 8), pôsto que “tôda a vida religiosa de seus membros deve estar imbuída de espírito apostólico e tôda a ação apostólica informada de espírito religioso (P.C. 8), realidade esta que encontra um eloqüente testemunho no exemplo de nosso Pai e Fundador.

2 — Diante do problema da renovação de uma vida religiosa estreitamente unida à sua ação apostólica (problema que provoca incertezas por sua complexidade e amplidão), a Assembléia afirma que a *construção da verdadeira comunidade* levará paulatinamente e em forma positiva a uma renovação sempre mais eficaz e verdadeira.

Neste sentido a Assembléia destaca os seguintes pontos:

a) Insiste muito sôbre o aprofundamento de alguns aspectos da nossa vida de comunidade assinalados pelo XIX Capítulo Geral (A. C. G. 101-103).

b) Entre os elementos de renovação recalca principalmente o da renovação da Comunidade Orante.

c) Aponta a necessidade de formar comunidade em todos os níveis: no nível particular de cada casa, aberta à Igreja local; em nível de Inspeção, aberta à Conferência Nacional dos Bispos; em nível de integração latino-americana, aberta à CELAM; em nível de Congregação, aberta à Igreja universal.

d) Afirma também que, dada a sua urgência de uma evangelização para a numerosa juventude e povo, torna-se imprescindível que

os salesianos da América Latina dêem *prioridade e primazia à criação de comunidades inteiramente dedicadas à Pastoral* especialmente nos ambientes juvenis e populares.

3 — A Comunidade Salesiana da América Latina encontra-se em face de duas características típicas e bem marcadas em todo o continente:

— a preponderância numérica dos jovens;

— a necessidade inadiável de desenvolvimento das classes populares.

Portanto, como servidora do homem latino-americano, a Comunidade Salesiana dêste continente há de encontrar as *características peculiares de sua própria vida religiosa encarnada*, realizando e orientando tôda a sua ação apostólica ao serviço da *orientação cristã das grandes massas juvenis e à promoção e desenvolvimento das classes populares*.

Na linha do que foi dito anteriormente, a Assembléia assinala:

a) A necessidade de maior *unidade no espírito salesiano* para alcançar uma integração sempre maior, que consinta maior eficácia na consecução dos objetivos fixados. Esta unidade se impõe ainda mais, se se considerar a diversidade de situações não só em relação aos outros continentes, mas também entre nações, regiões e igrejas particulares, diferentes dentro do mesmo continente.

b) Salienta-se a feliz coincidência entre o carisma próprio da Congregação (pastoral juvenil e popular) e o que nesta hora caracteriza o continente: as grandes massas juvenis e a urgência da evangelização e desenvolvimento do povo.

Sugestões Práticas

Inspirando-se no Concílio Vaticano II, no XIX Capítulo Geral e no documento da Confederação Latino-Americana dos Religiosos, a Assembléia recomenda em particular, para uma renovação efetiva da vida religiosa:

1 — a construção da comunidade;

2 — o aprofundamento comunitário da vida de Fé;

3 — a reatualização dos valores da consagração religiosa.

1.º — A construção da Comunidade

O essencial da verdadeira comunidade religiosa é “a vivência de uma amizade autêntica e madura” entre os seus membros, vinculados por um compromisso comum, amizade “informada pela caridade que leva a uma profunda koinonía, penetrada pela presença de Cristo, fecunda em atividades de serviço para com os homens”.

Por isso, a Assembléia dos Inspetores:

1 — Insiste sôbre a necessidade de se ter em conta, para a formação das comunidades, a base natural que permita sua conformação normal, sua eficácia e sua permanência: por exemplo, a compatibilidade de caracteres, a sensata distribuição dos cargos, etc. Para isso lembram-se os princípios do diálogo, aplicados na designação das obediências e distribuição do pessoal; e, ao mesmo tempo, o dever que todo o Salesiano tem de se preocupar pela formação e aprimoramento de suas virtudes sociais, como: o respeito aos demais, a sinceridade, a franqueza, o sentido da colaboração, o estímulo mútuo e otimista, as autênticas manifestações de uma leal amizade fraterna.

2 — Quer, outrossim, que tôda a formação do pessoal, em suas várias etapas, esteja acompanhada por uma séria educação para a vida comum; e esteja animada pela experiência de uma sensível vida familiar e de um trabalho em equipe, que prepare, de fato, para as corresponsabilidades da comunidade educativa.

3 — Saliencia a importância primordial do princípio espiritual e carismático: a caridade salesiana e a vida interior e litúrgica, bases dinâmicas e criadoras de uma autêntica comunidade evangélica, que em tôdas as situações da vida dê testemunho, na Igreja, de fidelidade ao espírito de seu Fundador.

2.º — O Aprofundamento Comunitário da Vida de Fé

Em face do ateísmo invasor e do crescente processo de secularização, a juventude e o povo precisam receber de nós um claro testemunho do sentido de Deus e de um explícito e reconfortante diálogo com Ele. É necessário superar nas práticas de piedade e na liturgia uma impressão de “devocionismo” e de “ritualismo” que alheiam da vida real, manifestando uma desconexão entre as ocupações cotidianas e a vida de Fé. Essa desconexão é considerada pelo Vaticano II como um dos erros mais graves da época atual (G. S., 43).

A Assembléia dos Inspetores, advertindo a gravidade do perigo, recomenda:

a) Que sobretudo o Diretor e os Sacerdotes valham-se do ministério da Palavra para intensificar na Comunidade o exercício da Fé, ajudando os irmãos a descobrirem a presença de Deus Salvador nos acontecimentos concretos e nas pessoas que vivem ao seu redor.

b) Que os membros da Comunidade tenham uma clara vida de oração, sublinhando nela o dever social de mediação para a juventude e as massas populares. Os povos da América Latina precisam cotidiana e abundantemente da mediação de nossa oração.

c) Que haja periódicamente reuniões comunitárias para refletir sobre temas concretos de espiritualidade, exame evangélico da própria atividade e interpretação sobrenatural dos acontecimentos em que está envolvida a vida cotidiana.

d) Que se intensifique o interesse pela renovação litúrgica, sobretudo pela concelebração eucarística, considerada concretamente na Comunidade como o vértice e a fonte de toda a vida de Fé dos seus membros.

e) Que se insista na fidelidade às nossas práticas de piedade, dando nelas uma importância peculiar ao uso da Sagrada Escritura e insistindo em comunicar com maior facilidade aos irmãos o que se recebeu de enriquecimento espiritual na meditação pessoal.

f) Que se dê uma extraordinária importância aos “tempos fortes” de nossa vida espiritual, especialmente os diversos tipos de retiros espirituais.

g) Que se cuide com esmero particular da prática penitencial comunitária, não só dando importância ao sacramento da Penitência para a vida de fé, mas também dando valor de testemunho às prescrições de especiais renúncias próprias da tradição salesiana.

h) Que se intensifique a adesão pessoal e comunitária à Virgem Maria, Mãe de Deus, apresentada pelo Concílio em sua especial característica de tipo da Igreja e Auxílio do Povo de Deus. Na revitalização desta importante devoção, devemos ater-nos mais às riquezas marianas do ciclo litúrgico e ver na reza do rosário um instrumento especial de meditação mariana da História da Salvação.

3.º — A Reatualização dos valores da Consagração Religiosa

Conforme o Vaticano II, o que caracteriza e define a vida religiosa é a consagração, pelos votos, a uma “estreita imitação da *forma de vida* que o Filho de Deus tomou quando veio a este mundo para fazer a vontade do Pai (L.G., 44).

A Assembléa de Inspetores considera que essa consagração tem hoje duas razões de especial atualidade:

1 — A primeira razão refere-se ao Povo de Deus. Nêle todos são igualmente filhos de Deus Pai pelo Batismo. Tudo o que não se identifica com esta dignidade fundamental e filiação comum, deve considerar-se, não como privilégio, mas como serviço aos demais. Assim a nossa consagração religiosa é exigida hoje pelos nossos irmãos, e isso como um ministério (isto é, como um serviço sagrado) em favor de sua dignidade batismal.

2 — A segunda razão refere-se ao mundo. Não só as ideologias atuais mas também o próprio Concílio deram uma importância especial aos valores temporais; essa tendência concreta da hora exige, mais que nunca, o polo subsidiário da consagração religiosa, porque “não é possível transfigurar o mundo e oferecê-lo a Deus sem o espírito das bem-aventuranças (L. G., 31).

É, pois, hoje de especial atualidade conseguir realizar um autêntico testemunho de consagração religiosa. Para isso, devemos comprometer-nos em *três planos complementares*:

— O plano da “realidade objetiva”. É preciso que os religiosos sejam objetivamente imitadores pessoais de Cristo virgem, pobre e obediente, mesmo que vivam numa selva, desconhecidos pela opinião pública.

— O plano do “sinal”. É preciso renovar com urgência, e segundo as exigências da América Latina, o testemunho de manifestação para os demais do espírito das bem-aventuranças.

— O plano do “trabalho apostólico”. É preciso que seja sempre mais eficaz a atividade salvadora de nossa missão juvenil e popular.

A Assembléa dos Inspetores continua insistindo particularmente em obter que as nossas comunidades salesianas se renovem intensamente no plano do “sinal”, para manifestar melhor às juventudes e às massas populares latino-americanas a riqueza do espírito das bem-aventuranças.

Castidade

O voto de castidade — o que mais define a comunidade religiosa como tal — deve manifestar-se na comunidade salesiana com uma especial intensidade de alegre bondade e amor consagrado, que nos torne — como Dom Bosco — sinal de transfiguração eficaz na educação do amor humano que borbulha no coração dos jovens.

A Assembléia dos Inspetores da América:

1 — Faz notar que a conservação e desenvolvimento dêste dom do Espírito Santo é fruto de uma formação integral da pessoa, manifestação de um equilíbrio de comportamento e uma nobreza de caráter próprios da progressiva madureza psicológica e sobrenatural do indivíduo. A êsse respeito chama a atenção sôbre a árdua responsabilidade dos formadores do pessoal. A êles compete não descuidar nenhum dos fatores indispensáveis para realizar essa síntese de natureza e graça; síntese na qual se expressa, de forma excelente, o sinal proverbial da santidade salesiana.

2 — Quer também valorizar o aspecto comunitário da vida de família. Nêle se criam as condições sociais de alegria serena, de afeto recíproco, de confiança espontânea, de interêsse pelos compromissos efetivos. Com êle se realizam os ideais apostólicos comuns, aptos para a educação do coração e o estímulo fraterno na vida consagrada.

3 — Também apresenta, renovada, a idéia do trabalho, não só como meio ascético de sacrificio e como ocupação meritória, mas ainda como inteligente realização de si mesmo. Entendido dêste modo, o trabalho vivifica as próprias energias e aptidões, construtivamente, mesmo no plano simplesmente humano, e facilita o empenho de cumprir na vida de cada dia o compromisso sagrado da profissão religiosa.

4 — Ainda, a Assembléia ratifica, contra os riscos de um perigoso “psicologismo” ou de uma orientação individualista dos problemas nesta matéria, causa de falseamentos da personalidade religiosa, o primado da comunidade orante, e, segundo o texto da “*Perfectae Caritatis*”, acentua a necessidade de crer nas palavras do Senhor, de confiar no auxílio divino, na mortificação e guarda dos sentidos, sem presumir das próprias fôrças, e de “não deixar tampouco de lado os meios naturais que favorecem a saúde do espírito e do corpo” (P.C., 12).

Pobreza

O voto de Pobreza deve manifestar melhor nossa encarnação no mundo dos pobres por amor de Cristo. O desprendimento comunitário das comodidades supérfluas não deve aparecer como sinal de desprezo nem prescindência dos valores econômicos, como a castidade não é sinal de desprezo nem prescindência do sexual. Deve, ao invés, ser sinal de um ministério espiritual, que dá testemunho dos bens da ressurreição, que usa dos bens econômicos mas a serviço da juven-

tude pobre e abandonada e a serviço da promoção das massas populares subdesenvolvidas.

Hoje se requer na América Latina uma solicitude especial por êste sinal na Comunidade.

Por isso, a Assembléa dos Inspetores:

1 — Encarece a todos o valor pessoal e interior da Pobreza. Convida a todos a aceitarem com prazer o não dispor de dinheiro, a dependência de outros nas coisas pessoais, e o ter limitações e privações, na linha da participação do Cristo pobre.

Pense cada Irmão que sua pobreza pessoal é uma pedra indispensável para a construção da Comunidade pobre, que, reunida em Cristo, deverá ser sinal e testemunho.

2 — Na linha do Vaticano II, a Assembléa convida a todos os Salesianos das Inspetorias a valorizar e realizar o *trabalho como expressão de pobreza evangélica*. É pela entrega generosa de nossas vidas no trabalho salesiano que nós nos inserimos na história humana de Jesus que trabalhou com suas mãos, e na história dos trabalhadores e dos pobres de nosso continente.

Diante da tentação de “comodismo” e desamor à juventude, a Assembléa convida a todos a se renovarem no sereno, prazeroso e eficiente espírito de trabalho que nos legou Dom Bosco. Numa Igreja em estado de emergência, como a nossa, a todos nós se possa pedir um suplemento de trabalho para facilitar a especialização do pessoal e o sustento das obras essenciais.

3 — A Assembléa adverte que o testemunho comunitário de pobreza, exigido pela natureza da nossa consagração e tão inculcado pelo Concílio e pelo Capítulo, não terá ressonância na América Latina senão por uma marcada e intensificada entrega *ao serviço da juventude necessitada*.

Por isso, é necessário não só que com uma informação adequada tornemos conhecido o nosso trabalho em favor dos pobres; mas também é preciso que voltemos corajosamente ao trabalho entre a juventude pobre e abandonada, nos lugares em que êsse testemunho se haja obscurecido e a imagem da Congregação se haja deformado. Em nosso mundo subdesenvolvido, êsse testemunho é urgente, e nos obriga a uma esmerada e contínua revisão de nossos passos.

4 — A fim de realizar as normas do Concílio, que convida os religiosos à *solidariedade na Pobreza*, de forma que “as casas que têm mais ajudem as que têm necessidade”, e a que todos “comuniquem uns com os outros os bens temporais”, — esta mesma Assembléa propõe:

a) Que os Inspetores se esforcem em eliminar as diferenças estridentes entre as casas de uma mesma Inspetoria.

b) Sensibilizar mais os Salesianos, no sentido de que as casas não se administrem na linha de um capitalismo individualista, mas na linha de um inteligente espírito comunitário.

c) Que o Inspetor exija que as casas com maiores recursos econômicos sustentem alguma obra social. Isso demonstrará claramente nossa preferência pelas classes pobres, e servirá, ademais, para que os Irmãos da casa se sintam atraídos por um objetivo concreto de caridade fraterna.

d) Que se estude, com sinceridade e caridade, no âmbito da conferência inspetorial, a possibilidade de colaborar com dinheiro, pessoal especializado ou bôlsas, para ajudar as Inspetorias mais pobres do grupo, ou a outras mais necessitadas do continente.

e) Que, seguindo os passos da Igreja primitiva, ajude cada Inspetoria, embora em suas estreitezas e pobreza, ao Reitor-Mor e à Direção Geral dos Salesianos, na solução de seus problemas econômicos e como exercício de caridade salesiana.

5 — Pede que os Diretores e as comunidades sejam informados sôbre as condições econômicas da Inspetoria e das casas, sôbre o destino do dinheiro e sôbre a beneficência. Essa comunicação promoverá uma administração mais séria, suscitará nos Irmãos o espírito de responsabilidade, os ajudará a compreender melhor o valor do dinheiro e das coisas, e servirá para que participem da angústia e da insegurança da pobreza, que muitas vêzes são vividas sômente pelos superiores interessados.

6 — Roga se colabore com os organismos que trabalham pelo desenvolvimento dos povos latino-americanos e pela extirpação da miséria.

7 — Finalmente, pede que se esmere o Salesiano em não introduzir nas comunidades costumes ou atitudes que ofuscam a capacidade de sinal das mesmas ou que dão entrada a determinado con-fôrto e comodidades, que indicavam para Dom Bosco a ruína da Congregação.

Obediência

O voto de obediência, além de manifestar a realização de nossa personalidade numa entusiasta filiação ao Pai, deve fazer brilhar as vantagens de uma *comunidade corresponsavelmente compromissada*

numa missão. Hoje a juventude latino-americana de maneira tãda especial necessita aprender como se faz para amadurecer a liberdade sem frustraões e com plena solidariedade social.

Por isso, a Assembléia de Inspetores apresenta estas proposiões:

1 — Os bons resultados do *diálogo*, instaurado em forma mais viva depois do Capitulo Geral, nos levam a pedir a todos para fortalecerem êsse admirável instrumento da Comunidade Salesiana em todos os seus níveis. Isso servirá cada vez mais para que, sentindo-se todos corresponsáveis, nasça a obediência de convicção e a disciplina interior.

Recorde o Superior que no diálogo deve deixar-se guiar, tanto quanto os outros Salesianos, pelo desejo sincero de descobrir a verdade e de encontrar os sinais da vontade do Pai em cada situação importante.

2 — A Assembléia recomenda vivamente que se encarne na prática o *espírito das novas estruturas*. O fato de tornar realmente eficazes as atribuiões do Vigário inspetorial e dos demais membros do Conselho, como também as atribuiões do Vigário da casa e do Conselho de Ação, trará certamente um progresso na obediência, renovando as relações entre o Superior e os membros da comunidade.

A experiência ensina outrossim que os problemas da obediência diminuem — e até desaparecem completamente — quando se realiza a pleno a comunidade educativa, para cuja construção esta Assembléia convidou os Irmãos repetidas vêzes.

3 — Ao escolher os novos candidatos para o Conselho Inspetorial e para o Diretorado, tenha-se bem presente a sua capacidade de diálogo, recordando que o eleito deve, não samente conhecer o que Deus quer de cada Irmão mas também buscar a forma para transmitir isso ao Irmão no Espírito do Senhor.

4 — Na linha das nossas Constituiões, a Assembléia convida a todos os Irmãos que renovem, dentro do espírito de Dom Bosco, a sua vontade de serem *fiéis à Igreja e ao Papa*. Numa hora em que a confusão, o atrevimento e certo desvio de idéias perturba a Igreja de Deus, esta Assembléia pede a tãdas as comunidades que renovem seu espírito de obediência ao Papa e à Hierarquia, sendo autênticos colaboradores seus com uma obediência simples e firme.

5 — Exorta aos Irmãos que estudem sèriamente tãdas as orientaões até aqui propostas, e que as considerem como um guia concreto, recebido do Reitor-Mor e dos Inspetores para intensificar a aplicaão do XIX Capitulo Geral; exorta-os outrossim a renovarem-se

sempre mais generosamente na *fidelidade ao carisma de Dom Bosco*. Seu leal acatamento será uma concretização viva da obediência salesiana a Deus Pai na Igreja da América Latina.

FORMAÇÃO SALESIANA

A Assembléia dos Inspectores da América Latina considerou que o tema da "Formação Salesiana" ocupa um lugar de urgente atenção no trabalho de renovação da Congregação e que deve ser enfrentado com o novo espírito do Vaticano II.

Por isso, realizou seus debates tendo presente as grandes necessidades pastorais da juventude e das massas populares na América Latina de hoje, tendo presente a visão conciliar das vocações na organicidade da única missão do Povo de Deus, e tendo presente a fidelidade ao carisma particular que o Espírito Santo suscitou na Igreja através de Dom Bosco.

O tema foi considerado em seus dois pontos:

- a) Pastoral das vocações.
- b) Aspectos pastorais da Formação Salesiana.

A) *Pastoral das Vocações*

Acêrca dêsse argumento os Padres Inspectores deram somente algumas orientações gerais, deixando maiores possibilidades de elucidação do assunto aos Congressos regionais específicos, que se realizarão dentro de poucos meses. Convieram em afirmar:

1 — A Pastoral das vocações não é um apostolado independente e artificial, mas um aspecto constitutivo da mesma pastoral juvenil. Por isso, sua principal realização deverá encontrar-se no âmbito das nossas mesmas obras.

2 — Contribuirão para o reflorescimento desta pastoral:

- a) O testemunho vivo de uma comunidade salesiana alegre e empenhada;
- b) A audaz revisão de nossas obras juvenis, segundo as indicações do XIX Capítulo Geral;
- c) A coordenação dos esforços para uma especial educação dos jovens para a Fé e para a Diaconia;

d) A dedicação de algum salesiano na Inspetoria para promover a pastoral vocacional;

e) A criação de um centro de orientação vocacional, se ainda não existir.

3 — Urge criar a respeito disso um forte sentido de *corresponsabilidade* em todos os Salesianos, nos pais de família, nos cooperadores, nos ex-alunos e nos grupos apostólicos dos mesmos jovens.

O conhecimento, o trato e o cuidado da família dos candidatos têm peculiar importância.

4 — No centro desse trabalho apostólico deve estar a *educação da liberdade* em sua realidade progressiva e dinâmica, através de uma formação humana que leve a uma verdadeira maturidade intelectual e afetiva. Para isso, evitar-se-ão as artificialidades nas estruturas e cuidar-se-á do exercício da revisão de vida e da direção espiritual.

5 — Considera-se que os *aspirantados* são hoje plenamente válidos sempre que se renovem devidamente, de acordo com o desenvolvimento e as situações sócio-religiosas de cada região.

Ao experimentar novos caminhos de melhor realização, recomenda-se que se evitem experiências apressadas e imprudentes, sem esquecer que nesse campo, mais do que em qualquer outro, é necessário aplicar a orientação do Reitor-Mor: “Renovar sem destruir”.

Em última análise, o importante é melhorar a qualidade e aumentar o número dos noviços.

6 — Os Inspetores pedem, em particular, que se estude a reestruturação dos nossos *noviciados*, segundo a nova visão doutrinal do Concílio. Deseja-se que o Noviciado mantenha a intensidade de uma verdadeira formação para a vida consagrada salesiana e tenha maior elasticidade de estruturas e disciplina.

Para os nossos candidatos, o noviciado não deve ser fuga do mundo, mas aprendizagem para servi-lo salesianamente, e deve ser considerado como o primeiro ano de iniciação para uma formação posterior mais ampla.

7 — Nossa pastoral vocacional exige hoje, com extrema urgência, uma tarefa de incorporação do laicato adulto na missão juvenil e popular. Trata-se de um movimento de espiritualidade apostólica, que deve abrir nossa pastoral vocacional para incluir também a *formação de autênticos cooperadores*: fazendo assim funcionar o “salesiano externo”, sem o qual ficaria realmente mutilado o “salesiano interno”.

B) Aspectos Pastorais da Formação Salesiana

Acêrca dêsse argumento, analisou-se a centrabilidade do aspecto pastoral para uma revisão radical de todo o ciclo de formação.

1 — afirmou-se insistentemente que o aspecto pastoral não é algo de exterior, acrescentado artificialmente aos estudos, mas sim que é *elemento essencial na formação salesiana* e deve embeber todo o trabalho de amadurecimento da vocação e a maneira específica de focalizar êsses mesmos estudos.

Tratando de bosquejar o tipo de pastor que se quer alcançar com a formação salesiana, apresentou-se a figura concreta de Dom Bosco; alguns Inspetores reportaram-se à descrição formulada nas reuniões de Bogotá em maio de 1967.

2 — Em face da problemática atual acêrca da existência das casas de formação e depois de haver comparado demoradamente as desvantagens e as vantagens de tais institutos, recordou-se a afirmação conciliar de sua necessidade e se reconheceu a sua validade, sempre que se submetam a uma reestruturação profunda em vista de proporcionarem uma vida de comunidade mais familiar e uma adequada prática pastoral.

3 — Considera-se válida a conservação dos ciclos atuais de formação — chamados hoje “noviciado”, “filosofado” ou “Magistério dos coadjutores”, “tirocínio”, e “teologado”; — mas êstes deveriam chegar a constituir momentos integrativos de um currículo orgânico de Pastoral Juvenil.

Propõe-se uma revisão substancial dos programas de estudo de cada um dos ciclos na base de uma integração do saber filosófico e teológico, e deixando-se certa elasticidade na determinação do número de anos.

Possibilite-se que a etapa anterior ao “tirocínio” tenha duração suficiente para obtenção de algum título universitário, sem detrimento das exigências de estudo e da formação específica.

4 — Torna-se urgente a necessidade de todos os irmãos se irem formando numa autêntica *pastoral de conjunto*, segundo os meios adequados de cada país e as diretrizes e programas das respectivas conferências episcopais.

5 — Para que os nossos centros de formação salesiana sejam mais eficientes quanto ao nosso carisma salesiano, exorta-se que se aumentem os esforços de integração entre as diversas Inspetorias, e pede-se que as Conferências Inspetoriais estudem com urgência os passos concretos que se hão de dar.

Em casos específicos, aceita-se a possibilidade de integração nos estudos com comunidades de carismas afins e com os centros diocesanos. Tal integração deve ter presente a situação de cada país de acôrdo com o Conselho Superior.

6 — Fazem-se votos para que o noviciado possa entrar parcialmente na estruturação dos novos currículos de estudo, sem que com isso de desvie de sua principal função de formação religiosa salesiana.

7 — Propõe-se a constituição de uma comissão latino-americana para preparar uma contribuição específica para a nova "ratio institutionis" da Congregação; essa comissão tomaria em conta os trabalhos já realizados em reuniões de maio de 1967 em São Paulo e em Bogotá.

8 — Após haver examinado os problemas de formação durante o *tirocinio*, a Assembléia reconhece sua importância e validade, e se compromete a levar à prática em forma plena as deliberações do XIX Capítulo Geral.

9 — A Assembléia se compromete a permanecer unida na busca progressiva de soluções que robusteçam sempre mais a claridade e a eficácia de nosso carisma dentro da Igreja; seremos tanto mais úteis ao Povo de Deus quanto mais crescermos na fidelidade à vocação que o Espírito Santo nos outorgou na Igreja.

PASTORAL JUVENIL

A Assembléia dos Inspetores da América Latina reafirma a *centralidade da Pastoral Juvenil* no carisma salesiano e nos caminhos da renovação. Por isso, enquanto se compromete a empenhar-se nos programas de habilitação do pessoal nos setores da Pastoral Juvenil e a realizar as estruturas previstas nesses mesmos setores, proclama os seguintes princípios que deverão inspirar a ação de todos os irmãos neste campo:

1 — Tôda a Pastoral juvenil Salesiana deverá ter presente quatro dimensões que lhe são essenciais, a saber:

- a) Seu caráter eminente de serviço à Igreja (dimensão eclesial).
- b) Sua típica tonalidade salesiana (dimensão salesiana).
- c) Um alto sentido de competência profissionnal (dimensão pedagógica).

d) Uma atenção particular para os dados sociológicos que influenciam no rumo que se deve dar às obras atuais e que revelam os “sinais dos tempo” para as obras futuras (dimensão sociológica).

2 — A situação do mundo juvenil na América Latina exige de nós uma enérgica e rápida renovação de nossos compromissos educativos extra-escolares e um esforço de estudo e de imaginação criadora, em vista de uma autêntica expansão de nosso apostolado nessa direção.

Os oratórios, clubes e centros juvenis, o serviço catequético, os serviços psicopedagógicos de orientação, o apostolado pelos meios de comunicação social, a inserção nos movimentos juvenis já existentes, a promoção do povo através dos jovens, os pensionatos para operários e universitários, os centros de espiritualidade e muitas outras iniciativas, não só promoverão a penetração salesiana no mundo juvenil marginalizado, mas também nos darão uma Congregação atualizada e sensível à realidade da juventude latino-americana.

3 — Tendo presente a atual situação da Congregação na América Latina e guiados por um sadio realismo, vemos que é necessário comprometer-nos a fundo para realizar, a qualquer preço, a pastoralização de nossa escola.

Empenhar-nos-ão mais decididamente nesta tarefa urgente e séria as palavras do XIX Capítulo Geral: “para que o nosso ensino seja AUTÊNTICO APOSTOLADO CATÓLICO E SALESIANO, *único* motivo que o justifica, requerem-se estas condições:

— seja de inspiração integralmente cristã;

— goze de alto prestígio escolar e se imponha como escola de vanguarda;

— não se limite à instrução, mas eduque cristãmente. Deve mostrar-se apostolicamente eficaz, quer conduzindo a uma vida moral e religiosa coerente os “subdesenvolvidos morais”, quer formando elites de cristãos” (Atas do XIX Cap. Geral, págs. 122-123).

A urgência dessa pastoralização aparece ainda mais premente se pesarmos as graves palavras do Capítulo Geral, que chegam até à perspectiva de fecharmos obras não vitais, isto é, as que não reunirem as condições citadas acima (No mesmo lugar, pág. 123).

Ao invés, a realização dessa pastoralização dará alento e alegria renovada às nossas comunidades.

4 — A Assembléia declara também que, dado o caráter prioritário e urgente da pastoral juvenil, é necessário que definitivamente se constitua em tôdas Inspetorias a realidade do Delegado da Pastoral Juvenil, lamentavelmente inexistente em algumas das mesmas.

Declara, outrossim, que nesta hora da América Latina, que não admite “nem demoras nem esperas”, se impõe, em tôdas as Inspetorias, a criação do Centro Salesiano de Pastoral Juvenil, como órgão coordenador e propulsor da atividade salesiana mais importante no mundo de hoje.

Sôbre o Instituto Latino-Americano de Pastoral Juvenil

Diante da urgência de habilitar o pessoal salesiano na especialização que mais corresponde ao carisma de Dom Bosco, isto é, na Pastoral juvenil, e tendo presente que esta especialização se obtém mais adequadamente num Instituto situado na América Latina, desde que permite maior, compreensão e sensibilização quanto aos problemas da juventude latino-americana, a Assembléa dos Inspetores decide propor ao Conselho Superior a criação do INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE PASTORAL JUVENIL.

Para tal efeito, compromete-se a começar de imediato a preparação dos futuros professôres e realizar, mediante uma comissão “ad hoc”, os estudos sôbre o projeto, que deverá ser submetido à aprovação do Conselho Superior.

Promete ainda manter decidida e generosa colaboração, em professôres e alunos, em favor do Pontifício Ateneu Salesiano, nosso máximo centro de estudos.

A Assembléa de Inspetores manifesta enfaticamente a sua convicção de que o futuro Instituto Latino-Americano de Pastoral Juvenil constitui hoje um dos maiores serviços que podem ser prestados à Congregação e à Igreja na América Latina.

Sôbre o Segundo Noviciado

A Assembléa de Inspetores, atendendo ao desejo expresso por muitos Salesianos da América Latina, e considerando-o um meio eficaz para a renovação da vida religiosa, propõe ao Conselho Superior a realização do Segundo Noviciado, já auspiciado pelo Capítulo Geral, e nomeia Comissão integrada pelos Reverendíssimos Padres Cláudio Gasparri, Wolfgang Gruen, Fernando Peraza e José Vicente Henríquez para que estude as condições requeridas para sua pronta realização.

II. DISPOSIÇÕES E NORMAS

1 — **Rendiconto administrativo**

Está para terminar o primeiro semestre de 1968 e todos os Conselheiros Inspetoriais já deveriam ter examinado os Rendicontos Administrativos, preparados pelos Ecônomos Inspetoriais, sobre o movimento financeiro da Inspetoria, sua situação patrimonial e balanços dos gastos de cada Casa.

Faz-se notar mais uma vez a importância desta obrigação determinada pelo artigo 257 dos regulamentos e recomenda àqueles que ainda não o tivessem feito, não deixem passar mais tempo para transmitir esse Rendiconto regularmente assinado, ao Ecônomo Geral.

O excessivo atraso ou a compilação apressada ou pouco exata do Rendiconto, inutilizam a sua utilidade e o reduzem a pura formalidade.

2 — **Práticas para construção — Práticas econômicas**

Lembra-se aos interessados a obrigação de observar as prescrições sobre o processo e a documentação relativos às práticas para autorizações e licenças do Conselho Superior em matéria de construção e economia.

Mútuos, empréstimos, créditos, compras, vendas, aceitação de doações, inovações nas plantas, construções, devem ser tratados sempre junto ao Conselho Inspetorial, que para emitir seu parecer motivado, e, quando fôsse necessário, com votação, deve conhecer todos os elementos das operações em questão (finalidade, valor, juros, duração, possibilidade de amortização da dívida; finalidade, tipo, forma de garantia e possibilidade de amortização do mútuo; finalidade, valor ao menos aproximado, descrição e medida dos bens propostos para compra ou venda; projetos, relação, previsão de despesa e plano de pagamento das construções, etc.).

Está claro, que ao encaminhar o pedido de autorização ao Conselho Superior de uma destas operações é mister corroborá-lo com a ata do Conselho Inspetorial e com todos os outros dados acima relacionados.

III. COMUNICACÕES

1 — **Novos bispos**

O Revmo. Senhor Padre Miguelangelo Aleman, salesiano, foi nomeado bispo titular de Puppi para administrador apostólico “sede plena” da Diocese de Viedma (Argentina).

O Revmo. Senhor Padre André Rúbio, salesiano, foi promovido a bispo titular de Foro Trajano e destinado ao mesmo tempo para Bispo Auxiliar de S. Excia. Revma. D. Carlos Parteli, Bispo coadjutor de S. Emcia. Revma. o Sr. Cardeal Antônio Maria Barbieri, Arcebispo de Montevidéu (Uruguai).

2 — **Novo Inspetor**

Padre Fernando Peraza, para a Inspetoria de Bogotá (Colômbia).

3 — **Conselheiros Regionais**

Os “grupos de Inspetorias” constituídos de acôrdo com prescrições do XIX Cap. Geral, para maior uniformidade e brevidade de denominações, foram chamados “Regiões” e seus conselheiros, “Conselheiros Regionais”.

IV. ATIVIDADE DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

Dois acontecimentos centralizaram maior interesse da Congregação, durante os últimos 3 meses: A Celebração do Centenário da Basílica de Maria Auxiliadora em Turim, e os três Encontros Continentais de Inspetores, realizados respectivamente em Bangalore (Índia) Como (Itália), Caracas (Venezuela).

As crônicas do centenário tiveram ampla divulgação no Boletim Salesiano, e o mesmo Reitor Maior, referindo-se a essas comemorações, faz notar, em outro lugar dos "Atos", o significado espiritual das manifestações que se realizaram na Basílica de Maria Auxiliadora.

Igualmente o Reitor Maior se refere ao desenvolvimento dos três Encontros Continentais de Inspetores, comentando-lhes os temas, as discussões e as conclusões. Para a sua relação, assim como, para a crônica externa desses encontros, pode-se ver ampla relação feita no Boletim Salesiano.

Tendo como pano de fundo estes fatos de maior importância e de maior interesse, continuou a atividade ordinária dos Superiores Maiores, e em redor deles, a atividade das Inspetorias.

O Prefeito Geral Pe. Fedrigotti, tomou especial interesse pelas missões e expedição de voluntários para a América Latina.

O Catequista Geral, Padre M. Bellido, presidiu dois importantes encontros sobre aspirantados. O primeiro em Madrid, de 3 a 8 de março, para todos os aspirantados da Península Ibérica, com a presença de cerca de 70 irmãos das Casas de formação e dos Inspetores. A situação feliz destas Inspetorias florescentes de promissoras vocações, favoreceu um estudo profundo da preparação dos aspirantes à vida salesiana, à luz dos decretos conciliares, das determinações do Capítulo Geral e do espírito salesiano.

Outro encontro teve lugar em Bangalore, sede do novo estudantado Teológico para todas as Casas de formação da Índia, de 26 a 28 de abril. Também aqui os Inspetores estavam acompanhados pelos diretores e numerosos salesianos e se tratou, de maneira especial, da situação dos Aspirantados. Além do tema geral da formação se considerou seriamente o problema da organização dos estudos particularmente difíceis na Índia, devido à diversidade das línguas e progra-

mas. Um dos resultados do encontro, entre outros, foi o projeto de um novo Aspirantado de caráter missionário em Bombaim.

Padre Bellido teve ocasião de visitar diversas Casas de Formação e em toda parte pôde verificar uma messe de boas e numerosas vocações indígenas, garantia para as obras salesianas florescentes na Índia.

O Ecônomo Geral Padre Pilla, dando prosseguimento às iniciativas dos anos anteriores na Itália e nas Américas, realizou mais duas reuniões de Ecônomos Inspetoriais. A primeira realizada em Calcutá, de 5 a 7 de fevereiro, para todas as Inspetorias do Extremo Oriente, com exceção da Austrália; a segunda em Madrid, de 11 a 13 de março, para as Inspetorias da Península Hibernica.

O Padre Piannazzi, Conselheiro encarregado da formação do pessoal, visitou os diversos estudantados da Índia, do México e da Itália. Nos encontros dos Inspetores apresentou uma comunicação sobre o plano quinquenal para Casas de Formação e sobre o Pontifício Ateneu.

Atualmente seus maiores cuidados são a preparação da "Ratio Studiorum" dos nossos estudantados. A Comissão Internacional já adrede constituída, continuou suas reuniões de estudo e as conclusões provisórias já foram remetidas aos Inspetores, para que as examinem, façam suas observações e as remetam ao Conselheiro da Formação.

Os trabalhos da Comissão têm em vista traçar as linhas gerais da reforma dos estudos para que eles correspondam às exigências da espiritualidade salesiana e da pastoral juvenil, e se tornem instrumentos aptos, não para uma formação genérica, mas para uma formação sacerdotal, especificamente salesiana.

As conferências inspetoriais, com a colaboração de peritos dos estudantados, deverão, futuramente, aplicar e adaptar às situações locais, os princípios gerais da reforma, tendo presente, quando fôsse necessário, as diretrizes das conferências episcopais.

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil, Padre Scrivo, cuidou particularmente da preparação dos encontros dos Inspetores. Realizou dias de estudo sobre problemas da pastoral juvenil em Quito (de 29 de abril a 1.º de maio), em Bogotá (de 1 a 3 de maio), em Medellín (4 de maio). Tomaram parte, diretores, conselheiros e catequistas, com grande representação também de Filhas de Maria Auxiliadora. Em Bologna, de 3 a 6 de junho, presidiu, com o Padre Giovannini, a Consulta Nacional de Párcos da Itália. Foram tratados os seguintes temas:

- 1) A colaboração dos leigos na vida paroquial;
- 2) Os jovens, hoje, na paróquia.

Integraram a discussão dos temas, visitas de estudos a algumas paróquias urbanas, e uma mesa redonda, da qual participaram, com os párcos, peritos e representantes de vários grupos e de várias categorias paroquiais.

Finalmente de 17 a 20 de junho, participou da Consulta Nacional de Pastoral Juvenil da Espanha, realizada no Tibidabo (Barcelona), a fim de programar as atividades juvenis de 1968-69, com especial referência aos Círculos Juvenis.

O Conselheiro para os Apostolados Sociais, acompanhou, nos últimos meses, a preparação e o desenvolvimento da celebração do centenário da Basílica de Maria Auxiliadora.

Os Conselheiros Regionais estiveram empenhados na preparação dos Encontros de Inspetores nos setores de sua competência, continuando ao mesmo tempo as visitas às diversas Inspetorias.

Alguma vez, de acordo com as exigências, realizaram encontros isolados com os Conselhos Inspetoriais, com os diretores e com outros grupos particulares de irmãos. Outras vezes fizeram uma visita mais minuciosa, a todas as Casas da Inspetoria, atendendo a todos os irmãos.

O Padre Castillo, responsável pela Argentina, Uruguai, Paraguai, Perú, Chile e Bolívia, manteve breve contacto com os Conselhos Inspetoriais do Perú, do Uruguai e do Paraguai, visando, sobretudo os problemas de Redimensionamento. Em seguida visitou todas as Casas da Inspetoria de Buenos Aires, tomando particular interesse pela Patagônia e Terra do Fogo, onde visitou todos os centros das missões. De todas as reuniões realizadas, durante a sua permanência na Argentina, a mais importante foi a dos delegados da Pastoral Juvenil da conferência do Plata (Argentina, Uruguai), que deu início a um trabalho programado dos centros de Pastoral Juvenil de cada Inspetoria.

O Padre Garneró, encarregado das Inspetorias do Brasil, da Colômbia, da Venezuela e do Equador, visitou as Casas de Formação das Inspetorias da Colômbia, realizando diversas reuniões do pessoal dos Estudantados e dos Conselhos Inspetoriais. Passou em seguida às Inspetorias brasileiras de Manaus e Recife onde manteve encontros com os Conselhos Inspetoriais e os Diretores. Finalmente visitou todas as Casas da Inspetoria de Belo Horizonte, encerrando-a com a reunião dos Diretores, dos Conselhos Inspetoriais e representantes das diversas atividades apostólicas (Pastoral Juvenil, Apostolados Sociais, Meios de Comunicação Social).

O Padre Giovannini encarregado das Inspetorias da Itália, visitou a Inspetoria Vêneta de São Marcos e a Inspetoria Adriática. No mês de janeiro promoveu dois encontros de estudo para os encarregados dos Aspirantados em Como, de 8 a 12 de janeiro e em Pacognano de

15 a 18, respectivamente para as Inspetorias do Norte e do Sul da Itália. De 1.º a 4 de maio, se realizaram em Roma (Sagrado Coração) quatro dias de estudo para pregadores de Exercícios Espirituais. Peritos de renome e pregadores das Universidades Pontifícias de Roma, juntamente com alguns dos nossos irmãos, apresentaram os princípios teológicos e as normas pastorais que devem inspirar os Exercícios Espirituais.

Foram estudados os métodos dos Exercícios Espirituais, das disposições gerais do homem para a vida espiritual, a história da salvação e a nossa participação na vida de Cristo. Foram, em seguida, debatidos problemas particulares, por exemplo: como apresentar os Novíssimos e as realidades terrenas; o pensamento de Dom Bosco sobre os Exercícios Espirituais e a vitalidade de idéias e de ação da Congregação salesiana. Finalmente foram apresentados, à luz do Concílio, os temas da vida religiosa de hoje, desenvolvendo particularmente o que se refere à vida comum e aos votos.

A iniciativa que mereceu o máximo apoio dos participantes, faz parte do esforço da Congregação para tornar cada vez mais válidos os instrumentos da formação espiritual dos irmãos e a renovação em si mesma.

Foi promovido também, entre as Inspetorias da Itália, uma pesquisa sobre a vida comunitária, com remessa de questionários a todos os irmãos, a fim de obter o seu parecer sobre a situação religiosa atual e ouvir suas propostas de renovação. Uma comissão de teólogos examinará as respostas dos irmãos colhendo as orientações para elaborar um documento sobre a vida religiosa.

De 3 a 16 de junho, como dissemos acima, o Padre Giovannini presidiu a Segunda Consulta Nacional das paróquias salesianas da Itália.

O Padre Segarra visitou tôdas as Casas das duas Inspetorias espanholas de Bilbao e Zamorra. Além das reuniões ordinárias locais e inspetoriais, realizou-se em Madrid um Encontro de Irmãos Coadju-tores com representação de tôdas as Inspetorias da Espanha e de Portugal, para o estudo da Formação dos mesmos Coadju-tores.

Foi aprovado um documento para os irmãos da Conferência Ibérica.

O Padre Ter Schure, responsável pelas Inspetorias da Europa Central e do Congo, fêz visita à Inspetoria francesa de Lião. No final da visita presidiu ao Encontro de todos os diretores e delegados, de todos os diversos ramos de atividades de cada Casa. Semelhante encontro favoreceu o intercâmbio das idéias e de experiências muito úteis sobre a vida religiosa, e das atividades apostólicas, nas nossas comunidades. Presidiu igualmente a V.ª Conferência Inspetorial de

língua Alemã em Mônaco, de língua francesa em Paris e de língua flamenga em Haia.

As conferências trataram da formação religiosa.

No mês de abril o Padre Schure visitou as Casas da Africa do Norte, e no mês de maio viajou para Tchecoslováquia.

O Padre Tohill encarregado dos países de língua inglesa e da Asia, além dos encontros particulares das diversas Casas de sua região, realizou uma visita mais detalhada de tôdas as obras e dos Irmãos da Inspetoria de Madras (Índia) e da Inglaterra. Em Madras presidiu o Encontro dos Catequistas e dos Conselheiros.

V. DOCUMENTOS

Carta de sua Eminência o Cardeal A. J. Cicognani, Secretário de Estado, de SS. Paulo VI ao Reitor Maior no Centenário da Basílica de Maria Auxiliadora.

SECRETARIA DE ESTADO
DE SUA SANTIDADE
N.º 114344

Cidade do Vaticano, 28 de maio de 1968

Revmo. Senhor,

Prestes a completar um século de consagração da Basílica de Maria Auxiliadora em Turim, o Sumo Pontífice se alegra em unir-se à benemérita Sociedade Salesiana, que com espírito de humildade e sincera alegria se prepara a dar relêvo a êste acontecimento com solenes celebrações.

Esta comemoração se impõe pelo título de necessário reconhecimento à Rainha do Céu que quis cercar de predileções particulares êsse templo, abrindo nele uma fonte rica de graças, e tornando-o testemunho vivo de seu misericordioso auxílio.

Se a festiva ocorrência constitui uma suave evocação de Maria Santíssima, por parte de todos aquêles que gostam de invocá-la com o formoso título de Auxílio dos Cristãos, ainda mais o será para os filhos de Dom Bosco, espalhados por todo o mundo. Os cem anos do querido santuário, não sòmente lembrarão os momentos mais importantes e sagrados da vida da Congregação, mas serão ainda um convite a recordar os motivos que levaram o Santo Fundador a ligar intimamente sua incipiente família ao nome e à proteção dAquele que êle havia sempre proclamado inspiradora de tôdas as suas obras.

Justamente, porque desde então, o santuário de Maria Auxiliadora não cessou de ser o centro espiritual dos Salesianos e ponto ideal de encontro com a Mãe Celeste, a celebração do próximo Centenário adquire um significado que supera o aspecto puramente comemorativo do acontecimento.

Exprime o empenho dêsse Instituto de revigorar-se nas fontes de sua espiritualidade, de manter-se fiel às suas mais genuínas tradições; e acima de tudo, de consolidar os vínculos de sua pertença a Maria, para com a qual a inteira Congregação Salesiana se reconhece devedora da sua assistência e pujante vitalidade.

Por êsses motivos, o Augusto Pontífice formula prazerosamente seus votos pelo feliz êxito das celebrações; e ao mesmo tempo que invoca amplo e perene o patrocínio da Virgem sôbre filhos tão devotos, deseja que os frutos das mesmas solenidades sejam salutar incremento de piedade mariana em todos os ramos da grande família salesiana.

Até que seus membros souberam inspirar os seus sentimentos, o seu zêlo e sua vida de acôrdo com a imagem e os exemplos de Maria Santíssima, jamais seará nela a fonte de generosidade e dedicação, de interioridade e de fervor, de santidade e de graça, que até aqui animou os salesianos no mundo, e por seu intermédio trouxe tão preciosos serviços à Igreja.

A êsses votos e orações aprez-se o Santo Padre unir a sua Bênção Apostólica, que de coração envia ao Senhor e a tôda a sua Congregação.

Aproveito, com prazer, destas circunstâncias, para confirmar-me com sentimentos de elevado e religioso obséquio

de Vossa Senhoria Revma.

Devmo. no Senhor

A. J. Cardeal Cicognani

O "CREDO" DO POVO DE DEUS

Profissão de fé proferida pelo Santo Padre Paulo VI no encerramento do "Ano da Fé".

Veneráveis Irmãos e caros Filhos

Terminamos com esta Liturgia solene a celebração do XIX centenário do martírio dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e damos assim, também, por encerrado o "Ano da Fé": Nós o dedicamos à comemoração dos Santos Apóstolos, para testemunhar a nossa vontade inquebrantável de fidelidade ao Depósito da Fé que êles nos transmitiram, e para fortalecer o nosso desejo de a viver na atual conjuntura histórica, em que a Igreja, peregrina no meio do mundo, se encontra.

Sentimo-nos no dever de agradecer públicamente a todos aquêles que responderam ao nosso convite, conferindo ao "Ano da Fé" uma

plenitude magnífica, mediante o aprofundamento da adesão pessoal à Palavra de Deus, mediante a renovação, nas diversas comunidades, da profissão de fé, e mediante o testemunho de uma vida autenticamente cristã. Aos nossos Irmãos no Episcopado, de modo muito especial, e a todos os fiéis da Santa Igreja Católica, nós queremos exprimir o nosso reconhecimento e dar-lhes a nossa Bênção.

Parece-nos que também devemos cumprir o mandato conferido por Cristo a Pedro, de quem nós somos o Sucessor, embora o último na ordem dos méritos, a saber: de confirmar na fé os nossos irmãos. Côncio da nossa fraqueza humana, mas com tóda a fôrça que tal mandato imprime no nosso espírito, nós vamos fazer uma profissão de fé, recitar um “Credo”, que sem ser uma definição dogmática pròpriamente dita, repete substancialmente, com alguns desenvolvimentos exigidos pelas condições espirituais do nosso tempo, o “Credo” de Nicéia, o “Credo” da imortal Tradição da Santa Igreja de Deus.

Fazendo-o, nós estamos conscientes da inquietação que agita certos meios modernos, em relação à fé. Eles não se eximem ao influxo do mundo em profunda transformação, no qual tantas certezas são postas em causa ou em discussão. Nós vemos mesmo que católicos se deixam dominar por uma espécie de sêde da mudança e da novidade. A Igreja, sem dúvida, tem sempre o dever de continuar o seu esforço para aprofundar e apresentar de um modo sempre mais adaptado às gerações que se sucedem, os insondáveis mistérios de Deus, ricos para todos de frutos de salvação.

Mas, é preciso, ao mesmo tempo, ter o maior cuidado, ao cumprir o dever indeclinável de investigação, de não atentar contra os ensinamentos da doutrina cristã. É que isso seria, então, causar a perturbação e a perplexidade em muitas almas fiéis, como infelizmente se pode verificar nos dias de hoje.

A êste respeito, importa salientar que, além daquilo que se pode observar e cientificamente verificar, a inteligência que Deus nos deu atinge o *que* é, e não sòmente a expressão subjetiva das estruturas e da evolução da consciência; e, por outro lado, importa salientar também que o papel da interpretação — da hermenêutica — é de procurar compreender e deduzir, respeitando a palavra pronunciada, o sentido de que um texto é veículo, e não de recriar, de algum modo, êsse sentido, a nível de hipóteses arbitrárias.

Mas, acima de tudo, nós colocamos a nossa inquebrantável confiança no Espírito Santo, alma da Igreja e na fé teologal, sôbre a qual assenta a vida do Corpo Místico. Nós sabemos que as almas esperam a palavra do Vigário de Cristo e nós procuramos corresponder a esta expectativa com as instruções que damos regularmente. Hoje, porém, é-nos proporcionado o ensejo de pronunciar uma palavra mais solene.

Neste dia, escolhido para o encerramento do “Ano da Fé”, nesta festa dos Bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo, nós quisemos render ao Deus Vivo a homenagem de uma profissão de fé. E, como outrora o Apóstolo Pedro, em Cesaréia de Felipe, tomou a palavra, em nome dos Doze, para confessar com verdade, prescindindo das opiniões humanas, o Cristo Filho de Deus Vivo, assim também hoje, o seu humilde Sucessor, Pastor da Igreja universal, eleva a sua voz, para prestar, em nome de todo o Povo de Deus, um firme testemunho à Verdade divina, confiada à Igreja para que ela a anuncie a tôdas as Nações.

Quisemos que a nossa profissão de fé fôsse bastante completa e explícita para responder, de uma maneira apropriada, à necessidade de luz que tantas almas fiéis sentem, que experimentam todos aquêles que, no mundo, seja qual fôr a família espiritual a que pertençam, estão numa situação de procura da Verdade.

Para glória do Deus Santíssimo e de Nosso Senhor Jesus Cristo, confiando na ajuda da Santíssima Virgem Maria e dos Bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo, para utilidade e edificação da Igreja, em nome de todos os Pastôres e de todos os fiéis, nós vamos pronunciar agora esta profissão de fé, em plena comunhão espiritual com todos vós, queridos Irmãos e Filhos.

PROFISSÃO DE FÉ

Creemos em um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, criador das coisas visíveis, como este mundo, onde se desenrola a nossa vida passageira; Criador das coisas invisíveis, como os puros espíritos, que também são denominados Anjos; e Criador, em cada homem, da alma espiritual e imortal.

Creemos que este Deus único é absolutamente uno na sua essência infinitamente santa, assim como em tôdas as suas perfeições, na sua onipotência, na sua ciência infinita, na sua providência, Ele mesmo e no seu amor. Ele é *Aquêle que é*, como, na sua vontade revelou a Moisés; Ele é *Amor*, como o apóstolo São João nos ensinou; de tal maneira que estes dois nomes, Ser e Amor, exprimem inefavelmente a mesma divina realidade daquêles que se quiz dar a conhecer a nós e que, “habitando numa luz inacessível”, é, em si mesmo, acima de todo o nome, de tôdas as coisas e de tôda a inteligência criada. Só Deus pode dar-nos o conhecimento exato e pleno de si mesmo, revelando-se como Pai, Filho e Espírito Santo, eterna Vida, de que nós somos chamados a participar, aqui na terra, na obscuridade da fé, e, depois da morte, na Luz eterna. As relações mútuas que constituem eternamente as três Pessoas, que são, cada uma delas, o único e mesmo Ser divino, são a bem aventurada

vida íntima de Deus três vêzes santo, infinitamente acima de tudo o que podemos conceber à maneira humana. Entretanto, rendemos graças à Bondade divina pelo fato de numerosísimos crentes poderem dar testemunho conosco, diante dos homens, da Unidade de Deus, embora não conheçam o mistério da Santíssima Trindade.

Creemos, portanto, no Pai que gerou eternamente o Filho; no Filho, Verbo de Deus, que é eternamente gerado; no Espírito Santo, Pessoa incriada, que procede do Pai e do Filho, como seu eterno Amor. Assim, nas três Pessoas divinas, “coaeternae sibi et coaequales”, superabundam e consumam-se na superexclência e glória próprias do Ser incriado, a vida e a felicidade de Deus perfeitamente uno, e sempre “deve ser venerada a Unidade na Trindade e a Trindade na Unidade”.

Creemos em Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o Filho de Deus. Ele é o Verbo eterno, nascido do Pai antes de todos os séculos e consubstancial ao Pai, “homousios to Patri”, e por Ele tudo foi feito. Ele se encarnou por obra do Espírito Santo no seio da Virgem Maria e se fez homem. Portanto, é igual ao Pai, segundo a divindade, e inferior ao Pai segundo a humanidade, e é uno, Ele próprio, não por uma impossível confusão de naturezas, mas pela unidade da pessoa.

Ele habitou entre nós, cheio de graça e de verdade. Ele anunciou e instaurou o Reino de Deus e nos fez conhecer nêlo o Pai. Deu-nos o seu mandamento nôvo de nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou. Ensinou-nos o caminho das Bem-aventuranças evangélicas: pobreza em espírito, mansidão, sofrimento suportado com paciência, sede de justiça, misericórdia, pureza de coração, vontade de paz, perseguição suportada pela justiça. Padeceu sob Pôncio Pilatos, Cordeiro de Deus que carregou sôbre si os pecados do mundo: morreu por nós na Cruz, salvando-nos com o seu sangue redentor. Foi sepultado e, por seu próprio poder, ressuscitou ao terceiro dia, elevando-nos por meio de sua Ressurreição à participação da vida divina, que é a vida da graça. Subiu ao céu e virá de nôvo, mas desta vez com glória, para julgar os vivos e os mortos: cada um segundo os seus méritos, — os que corresponderam ao Amor e à Misericórdia de Deus, indo para a vida eterna; os que os recusaram até ao fim, indo para o fogo que não se extinguirá jamais.

E o seu Reino não terá fim.

Creemos no Espírito Santo, que é Senhor e que dá a vida; que é adorado e glorificado com o Pai e com o Filho. Foi Ele que nos falou por meio dos profetas; Ele nos foi enviado por Jesus Cristo, depois da sua Ressurreição e da sua Ascensão ao Pai. Ele ilumina, vivifica, protege e conduz a Igreja; Ele purifica os seus membros se estes não se furtam à ação da graça, que penetra no mais íntimo da

alma, torna o homem capaz de responder ao apêlo de Jesus, “sêde perfeitos, como também o vosso Pai celestial é perfeito” (Mt 5,48).

Creemos que Maria é a Mãe sempre Virgem do Verbo Encarnado, nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, e que, em razão desta eleição singular, ela foi, em consideração dos méritos do seu Filho, resgatada de maneira sublime, preservada de tôda a mancha do pecado original, e repleta do dom da graça, mais do que tôdas as outras criaturas.

Associada por um vínculo estreito e indissolúvel aos mistérios da Encarnação e da Redenção, a Santíssima Virgem Maria, a Imaculada, foi, no termo de sua vida terrestre, elevada em corpo e alma à glória celeste e configurada ao seu Filho ressuscitado, antecipando a sorte futura de todos os justos. Creemos que a Santíssima Mãe de Deus, Nova Eva, Mãe da Igreja, continua no céu a desempenhar o seu papel materno, em relação aos membros de Cristo, cooperando para o nascimento e desenvolvimento da vida divina nas almas dos resgatados.

Creemos que em Adão todos pecaram; isto significa que a falta original, cometida por êle, fêz com que a natureza humana, comum a todos os homens, caísse num estado em que arrasta as conseqüências desta falta e que não é aquêle em que ela se encontrava antes, nos nossos primeiros pais, constituídos em santidade e justiça, e em que o homem não conhecia o mal nem a morte. É a natureza humana assim decaída, despojada da graça que a revestia, ferida nas suas próprias forças naturais e submetida ao domínio da morte, que é transmitida a todos os homens, e é neste sentido que cada homem nasce em pecado. Professamos, pois, com o Concílio de Trento, que o pecado original é transmitido com a natureza humana, “não por imitação, mas por propagação” e que, portanto, êle é “próprio de cada um”.

Creemos que Nosso Senhor Jesus Cristo, pelo sacrifício da Cruz, nos resgatou do pecado original e de todos os pecados pessoais, cometidos por cada um de nós, de modo que, segundo a frase do Apóstolo: “onde abundou o pecado, aí também superabundou a graça”.

Creemos num só Batismo, instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo para a remissão dos pecados. O Batismo deve ser administrado mesmo às criancinhas que não foram ainda capazes de cometer algum pecado pessoal, a fim de que, tendo nascido privadas da graça sobrenatural, renasçam “da água e do Espírito Santo” para a vida divina em Jesus Cristo.

Creemos na Igreja una, santa, católica e apostólica, edificada por Jesus Cristo sôbre esta pedra que é Pedro. Ela é o Corpo Místico de Cristo, sociedade visível instituída com órgãos hierárquicos e comunidade espiritual simultâneamente; Igreja terrestre, Povo de Deus em peregrinação aqui na terra e Igreja comulada de bens celestes; germe e primícias do Reino de Deus, por meio da qual continuam,

ao longo da história humana, a obra e as dores da Redenção; e que aspira pela sua realização completa, para além do tempo, na glória. No decurso do tempo, o Senhor Jesus edifica a sua Igreja pelos sacramentos que emanam da sua Plenitude. É por êles que a Igreja faz com que os seus membros participem no mistério da Morte e da Ressurreição de Cristo, na graça do Espírito Santo que lhe dá vida e ação. Ela é, portanto, santa, não obstante compreender no seu seio pecadores, porque ela não possui em si outra vida senão a da graça: é vivendo da sua vida que os seus membros se santificam; e é subtraindo-se à sua vida que êles caem em pecado e nas desordens que ofuscam o brilho da sua santidade. É por isso que ela sofre e faz penitência por estas faltas, tendo o poder de curar delas os seus filhos, pelo Sangue de Cristo e pelo dom do Espírito Santo.

Herdeira das promessas divinas e filha de Abrão segundo o Espírito, por aquêle Israel de que ela conserva com amor as Escrituras e do qual ela venera os Patriarcas e os Profetas; fundada sôbre os Apóstolos e transmitindo de geração em geração a sua palavra sempre viva e os seus poderes de Pastôres no Sucessor de Pedro e nos Bispos em comunhão com êle; perpétuamente assistida pelo Espírito Santo, ela tem o encargo de conservar, ensinar, explicar e difundir a Verdade que Deus revelou, de maneira ainda velada pelos Profetas e plenamente pelo Senhor Jesus. Cremos em tudo o que está contido na Palavra de Deus, escrita ou transmitida, e que a Igreja nos propõe para acreditarmos como divinamente revelado, seja por uma afirmação solene, seja pelo magistério ordinário e universal. Cremos na infalibilidade de que goza o Sucessor de Pedro, quando ensina "ex cathedra", como Pastor e Doutor de todos os fiéis, e que o Colégio dos Bispos possui também, quando com êle exerce o magistério supremo.

Creemos que a Igreja, fundada por Jesus Cristo e pela qual Êle orou, é indefectivelmente una, na fé, no culto e no vínculo da comunhão hierárquica. No seio desta Igreja, a rica variedade dos ritos litúrgicos e a diversidade legítima dos patrimônios teológicos e espirituais e das disciplinas particulares, longe de prejudicarem a sua unidade, manifestam-se grandemente.

Reconhecendo também a existência, fora do organismo da Igreja de Cristo, de numerosos elementos de verdade e de santificação, que lhe pertencem como coisa própria e tendem à unidade católica, e crendo na ação do Espírito Santo, que suscita no coração dos discípulos de Cristo o amor por esta unidade, nós temos a esperança de que os cristãos, que não estão ainda em plena comunhão com a única Igreja, se reunirão um dia num só Rebanho e com um único Pastor.

Creemos que a Igreja é necessária para a salvação, pois Cristo, que é o único Mediador e Caminho de salvação torna-se presente para nós

no seu Corpo que é a Igreja. Mas, o desígnio divino da salvação estende-se a todos os homens; e aquêles que, sem culpa da sua parte, ignoram o Evangelho de Cristo e a sua Igreja, mas procuram a Deus sinceramente, e, sob o influxo da graça, se esforçam por cumprir a sua vontade, reconhecida nos ditames da própria consciência, num número que só o mesmo Deus conhece, podem obter a salvação.

Creemos que a Missa, celebrada pelo sacerdote que representa a pessoa de Cristo, em virtude do poder recebido pelo sacramento da Ordem e oferecida por êle em nome de Cristo e dos membros do seu Corpo Místico, é o sacrifício do Calvário, tornado sacramentalmente presente sôbre os nossos altares. Creemos que, como o pão e o vinho consagrados pelo Senhor, na Última Ceia, foram mudados no seu Corpo e no seu Sangue, que iam ser oferecidos por nós na Cruz, assim também o pão e o vinho consagrados pelo sacerdote se mudam no Corpo e no Sangue de Cristo glorioso que está no céu; e creemos que a misteriosa presença do Senhor naquilo que continua a aparecer aos nossos sentidos do mesmo modo que antes, é uma presença verdadeira, real e substancial.

Cristo não pode estar assim presente, neste Sacramento, senão pela mudança no seu Corpo da realidade mesma do pão e pela mudança no seu Sangue da realidade mesma do vinho, permanecendo apenas inalteradas as propriedades do pão e do vinho, que os nossos sentidos percebem. Esta mudança misteriosa é denominada pela Igreja, de modo muito apropriado, "transubstanciação". Tôda a explicação teológica que procura alguma compreensão dêste mistério deve, para estar de acôrdo com a fé católica, admitir que na própria realidade objetiva, independentemente do nosso espírito, o pão e o vinho cessaram de existir, depois da consagração, de tal modo que estão realmente diante de nós o Corpo e o Sangue adoráveis do Senhor Jesus, sob as espécies sacramentais do pão e do vinho, conforme Êle assim o quis, para se dar a nós em forma de alimento e para nos associar à unidade do seu Corpo Místico.

A única e indivisível existência do Senhor glorioso que está no céu, não é multiplicada, mas torna-se presente pelo Sacramento, em todos os lugares da terra onde a Missa é celebrada. E permanece presente, depois do sacrifício, no Santíssimo Sacramento, que está no Sacrário, coração vivo de cada uma das nossas igrejas. E é para nós um dulcíssimo dever honrar e adorar, na sagrada Hóstia, que os nossos olhos vêem, o Verbo Encarnado, que êles não podem ver e que, sem deixar o céu, se tornou presente no meio de nós.

Confessamos que o Reino de Deus, começado aqui na terra na Igreja de Cristo, não é dêste mundo, cuja imagem passa; que o seu crescimento próprio não pode ser confundido com o progresso da civilização e da ciência ou da técnica humanas; mas consiste em co-

nhecer sempre mais profundamente as insondáveis riquezas de Cristo, em esperar sempre mais ardentemente os bens eternos, em responder sempre mais decididamente ao Amor de Deus, em distribuir sempre mais largamente a graça e a santidade entre os homens. Mas, é este mesmo Amor que leva a Igreja a preocupar-se constantemente pelo verdadeiro bem temporal dos homens. Não cessando de recordar aos seus filhos que eles não possuem aqui na terra morada permanente, insistentemente os incita a contribuir, cada um segundo a sua vocação e os seus meios, para o bem da cidade terrestre, a promoverem a justiça, a paz e a fraternidade entre os homens e a proporcionarem ajuda aos seus irmãos, principalmente aos mais pobres e aos mais infelizes. A grande solicitude da Igreja, Espôsa de Cristo, pelas necessidades dos homens, pelas suas alegrias e esperanças, pelas suas penas e esforços, não é senão a expressão do seu ardente desejo de lhes dar a sua presença, para iluminá-los com a luz de Cristo e reuni-los todos nêle, seu único Salvador. Tal solicitude não significa absolutamente que a Igreja se conforme com as realidades dêste mundo, ou que perca o ardor da expectativa do seu Senhor e do Reino eterno.

Creemos na vida eterna. Creemos que as almas de todos aquêles que morrem na graça de Cristo, quer se devam ainda purificar no Purgatório, quer sejam recebidas por Jesus no Paraíso, no mesmo instante em que deixam os seus corpos, como sucedeu com o Bom Ladrão, formam o Povo de Deus, para além da morte, a qual será definitivamente vencida no dia da Ressurreição em que estas almas se reunirão aos seus corpos.

Creemos que a multidão das almas que já estão reunidas ao redor de Jesus e de Maria, no Paraíso, formam a Igreja do céu, onde, na eternidade feliz, vêem a Deus como Ele é e onde são também, em graus diversos, associadas aos santos Anjos no govêrno divino exercido por Cristo glorioso, intercedendo por nós e ajudando a nossa fraqueza com a sua solicitude fraterna.

Creemos na comunhão de todos os fiéis de Cristo: dos que ainda peregrinam sôbre a terra, dos defuntos que ainda estão em purificação e dos bemaventurados do céu, formando todos juntos uma só Igreja. E cremos que nesta comunidade o amor misericordioso de Deus e dos seus santos está sempre pronto para ouvir as nossas orações, como Jesus nos disse: "Pedi e receberéis". Assim, com fé e com esperança, nós aguardamos a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir.

Bendito seja Deus, três vêzes Santo. Amém.

Vaticano, Basílica de São Pedro, 30 de junho de 1968.

PAULO VI

Mensagem do Santo Padre Paulo VI aos Sacerdotes no encerramento do “ANO DA FÉ”.

O primeiro lugar no coração do Pai.

A vós Sacerdotes da Santa Igreja Católica, a vós Filhos, entre todos caríssimos, que a Sagrada Ordenação torna nossos Irmãos e nossos Colaboradores no Ministério da Salvação, como o sois dos vossos respectivos Pastores, a vós queremos hoje endereçar, diretamente, uma palavra, na hora em que se encerra o ANO da FÉ, em comemoração do 19.º Centenário do martírio dos dois Apóstolos Pedro e Paulo. Uma palavra breve e simples mas diretamente a vós. Há muito tempo que a temos no coração; como vosso Irmão, desde sempre, isto é, desde quando a nós também coube a dita misteriosa de ser ordenado Sacerdote e experimentar a nova, profunda solidariedade com todos os colegas eleitos para personificar o Cristo no nosso dom à vontade do Pai, à santificação, à guia, ao serviço dos Fiéis, à relação de salvação com o mundo. Nunca faltou em nós a comunhão de reverência, de simpatia, de fraternidade convosco, Sacerdotes. Depois, quando a Santa Igreja nos chamou para o exercício de funções pastorais, como Bispo primeiro e como Papa depois, o pensamento do Clero se transformou em nós numa instância interior contínua, repleta de estima, de solicitude, de caridade. Entristecemos-nos muitas vezes conosco mesmos por não ter falado suficientemente convosco, de vos ter manifestado com maior frequência, com sinais mais patentes, os sentimentos que o Espírito do Senhor colocava e coloca ainda hoje no nosso coração por vós; um sentimento que parte do coração e arrasta consigo todos os outros pensamentos e sentimentos que o Nosso Ministério faz brotar na nossa consciência; acima de tôdas as coisas, com tôdas as coisas, na linha da caridade, vós Sacerdotes, com os vossos Bispos e nossos Irmãos, ocupais o primeiro lugar.

Saudação aos dispensadores diretos dos mistérios de Deus.

É por isso que hoje vos dirigimos a palavra. Não é uma encíclica que vos dirigimos, não é uma instrução, não é um ato dispositivo canônico. É uma simples efusão do coração”. *Os nostrum patet ad vos... cor nostrum dilatatum est* (2 Cor. 6,11). Esta ocorrência centenária da memória dos Apóstolos que com a mensagem evangélica e com o próprio sangue alicersaram a Igreja Romana, obriga-nos a abrir-vos, por um momento, o Nosso coração.

Com grande admiração, com grande afeição. Conhecemos a vossa fidelidade a Cristo, à Igreja. Conhecemos o vosso empenho, o vosso

trabalho. Conhecemos a dedicação ao vosso apostolado. Conhecemos também o respeito e o reconhecimento que despertam em tantos fiéis o vosso desprendimento evangélico, a vossa caridade apostólica. Conhecemos também os tesouros da vossa vida espiritual, do vosso colóquio com Deus, do vosso sacrifício com Cristo, os vossos anseios de contemplação unida à atividade. Conhecemos tudo isso. Somos levados a repetir, de cada um de vós, as palavras do Senhor no Apocalipse: "*Scio opera tua, et laborem, et patientiam tuam*" (2,2). Quanta emoção, quanta alegria nos proporciona êste espetáculo! Quanto reconhecimento! Nós vos agradecemos e vos abençoamos, em nome do Cristo, por aquilo que sois, por aquilo que realizais na Igreja de Deus. Sois com os vossos Bispos, os operários mais válidos da Igreja, suas colunas, os mestres e os amigos, os dispensadores diretos dos mistérios de Deus (cfr. *I Cor 4,1; 2 Cor 6,4*). Desejávamos comunicar-vos esta plenitude do nosso coração, para que cada um de vós saiba e se sinta apreciado e amado; e cada um de vós se alegre por estar em comunhão conosco no grande plano e no duro esforço do apostolado.

Um serviço que participa do poder do Sacerdócio de Cristo.

Esta não é uma visão míope e irênica. Junto de tantos sacerdotes que encontram no seu Ministério a serenidade e a alegria, cuja voz não se ouve, tão clamorosamente como outras vozes, sabemos que há não poucas situações dolorosas. Há, numa parte do Clero, uma inquietação, uma incerteza a respeito da mesma condição eclesial. Julga-se marginalizada pela moderna evolução social.

Certamente os sacerdotes não estão ao abrigo das repercussões da crise de transformação que sacode o mundo de hoje. Como todos os seus irmãos na fé, êles conhecem também horas negras no seu caminho para Deus. Além disso, êles sofrem por causa da maneira muitas vêzes parcial com que são interpretados e injustamente generalizados certos fatos da vida sacerdotal. Pedimos, pois, aos sacerdotes que se lembrem que a situação de todo cristão e em particular do sacerdote será sempre uma situação paradoxal e incompreensível aos olhos de quem não tem fé. É, portanto, para um aprofundamento da própria fé que a situação atual deve convidar o sacerdote, isto é, a uma consciência sempre mais clara daquilo que êle é, dos poderes de que está revestido, da missão que lhe foi confiada. Queridos Filhos e Irmãos, nós pedimos ao Senhor que nos torne hábeis e dignos de levar a vós um pouco de luz, um pouco de conforto.

A todos os sacerdotes, pois, dizemos: Não duvideis nunca da natureza do vosso sacerdócio ministerial o qual não é um ofício ou

um serviço qualquer em benefício da comunidade eclesial, mas um serviço que participa de maneira totalmente particular, mediante o Sacramento da Ordem com caráter indelével, do poder do sacerdócio de Cristo (*Lumen gentium*, 10 e 28).

Testemunho de um amor que chega até à Cruz.

Podemos, pois, colocar em evidência algumas dimensões próprias do sacerdócio católico. Em primeiro lugar, a dimensão sagrada. O sacerdote é o homem de Deus, é o ministro do Senhor; êle pode realizar atos que transcendem a eficácia natural, porque opera "*in persona Christi*"; passa através da sua pessoa uma virtude superior da qual êle, humilde e glorioso, em determinados momentos se torna instrumento válido; é veículo do Espírito Santo. Uma relação única, uma delegação, uma confiança passa entre êle e o mundo divino.

Todavia o sacerdote não recebe êste dom para si, mas para os outros; a dimensão sagrada está totalmente ordenada para a dimensão apostólica, isto é, para a missão e Ministério sacerdotais.

Nós o sabemos: O sacerdote é o homem que não vive para si, mas para os outros. É o homem da comunidade. Êste é o aspecto da vida sacerdotal melhor compreendido hoje. Há quem encontre nisso a resposta às questões agressivas acêrca da sobrevivência do sacerdócio no mundo moderno, a ponto de se perguntar se o sacerdote ainda tem sua razão de ser. O serviço que êle presta à sociedade, especialmente à sociedade eclesial, justifica amplamente a existência do sacerdócio. O mundo necessita dêle. A Igreja necessita dêle. E nesta afirmação vemos desfilar no nosso espírito tôdas as necessidades humanas. Quem não necessita do anúncio cristão? Da fé e da graça? De alguém que se lhe dedique com desprendimento e com amor? Que limites não atinge a caridade pastoral? E onde menor se manifesta o desejo desta caridade, não é talvez maior a sua necessidade? Eis: As missões, a juventude, a escola, os doentes, e com mais premente apêlo hoje o mundo do trabalho constituem uma urgência contínua sôbre o coração sacerdotal. Duvidaríamos nós ainda de não encontrar um lugar, uma função, uma missão na vida moderna? Talvez tenhamos que dizer: Como atender a quantos necessitam de nós? Como cobrir com nosso sacrifício pesosal o aumento dos nossos deveres pastorais e apostólicos? Nunca, talvez, como agora a Igreja teve consciência de ser traço indispensável de salvação, nem no passado foi tão grande como agora o dinamismo da sua "*dispensatio*"; e nós nos iludimos supondo a possibilidade de um mundo sem Igreja, e de uma Igreja sem Ministros preparados, especializados, consagrados. O sacerdote é, de per si, o sinal do amor de Cristo para com a

humanidade, o testemunho da medida total com que a Igreja procura realizar aquêlê amor que chega até a cruz.

Dimensão místico-ascética de perfeita união com o Espírito Santo.

Da consciência viva de sua vocação, da sua consagração como instrumento de Cristo a serviço dos homens, nasce no sacerdote a consciência de uma outra dimensão, a místico-acéstica que qualifica a sua pessoa. Se todo cristão é Templo do Espírito Santo, qual será o colóquio interior da alma sacerdotal com o Hóspede presente, que o transfigura, o inquieta, o inebria? São para nós Sacerdotes estas palavras do Apóstolo "*Habemus... thesaurum istum in vasis fictilibus, ut sublimitas sit virtutis Dei et non ex nobis*" (2 Cor 4,7). Filhos e Irmãos sacerdotes: Como se afirma, como se alimenta em nós esta consciência? Como arde em nós a lâmpada da contemplação? Como nos deixamos atrair por êste íntimo ponto focal da nossa personalidade para afastar-nos, por isso, da pressão de ocupações exteriores, por alguns momentos para um colóquio interior? Temos conservado o gôsto pela oração pessoal, pela meditação? Pelo Breviário? Como poderemos dar à nossa atividade o máximo rendimento, se não sabemos haurir da fonte interior, do colóquio com Deus, as melhores energias que sòmente Êle pode dar? E onde está a razão primeira e a força suficiente do celibato eclesiástico, senão na exigência e na plenitude da caridade derramada nos nossos corações consagrados ao único amor e ao serviço total de Deus e do seu plano de salvação?

Dedicação à Igreja na memória dos Apóstolos

Mas as estruturas, dizem alguns, não são aptas a realizar efetivamente esta dedicação fecunda e elevante. Aqui está a quarta dimensão do sacerdócio: a dimensão eclesial. O Sacerdote não é um solitário; é membro de um corpo organizado, a Igreja Universal, a diocese, e no caso típico, diríamos superlativo, a sua paróquia. É a Igreja tóda que deve adaptar-se às novas exigências do mundo: a Igreja, depois do Concílio está tóda ela empenhada nesta renovação espiritual e de organização. Ajudemo-la com a nossa colaboração, com a nossa adesão, com a nossa paciência. Irmãos e Filhos caríssimos, confiai na Igreja. Amai-a muito. É o objeto direto do amor de Cristo: *dilexit Ecclesiam* (Eph. 5,25). Amai-a também nas suas limitações e com os seus defeitos. Não, certamente, pelas limitações e pelos defeitos e talvez, quem sabe, pelas culpas: mas porque só amando-a poderemos curá-la e fazer resplandecer a sua beleza de Espôsa de Cristo.

É a Igreja que salvará o mundo, a Igreja que é a mesma hoje como o foi ontem, como o será amanhã e que sempre encontra, guiada pelo Espírito e com a colaboração de todos os seus filhos, a força para renovar-se, para rejuvenescer, para dar uma resposta nova às necessidades sempre novas.

Pensemos, pois, em tantos sacerdotes preocupados, no esforço metódico de crescimento espiritual no estudo da palavra de Deus, na fiel e reta aplicação da reforma litúrgica, na ampliação do serviço pastoral em favor dos humildes e dos ávidos de justiça social, na educação do povo para a paz e a liberdade, na aproximação ecumênica dos irmãos Cristãos separados de nós, no cumprimento humilde e cotidiano dos deveres que lhes foram atribuídos e sobretudo no amor irradiante a Nosso Senhor Jesus Cristo, a Maria Santíssima, à Igreja, a todos os homens. E nos sentiremos nós mesmos consolados e edificados.

E é com êste sentimento no coração, caríssimos Sacerdotes, estejais vós perto ou longe que, na memória dos Santos Apóstolos e Mártires Pedro e Paulo, nós vos saudamos e vos abençoamos a todos.

Da Basilica Vaticana, 30 de junho de 1968.

VI. SALESIANOS DEFUNTOS

Coad. Antonio Aparicio

★ 25.1.1877, † Campo Grande (Brasil) 4.12.1967 com 90 anos de idade e 66 de profissão.

Irmão fiel a Dom Bosco e à sua vocação. A música o animou durante toda a sua vida salesiana e foi intérprete do sentimento com que desenvolveu o seu serviço ao Senhor.

Coad. Pedro Aprile

★ 20.4.1911, † em Piossasco (Itália) 16.3.1968 com 56 anos de idade, 26 anos de profissão.

Generoso no seu humilde trabalho de sapateiro foi um coad. precioso nos nossos aspirantados da Inspetoria Geral. Foi um bom religioso e nos últimos anos suportou resignadamente a doença com que o Senhor quis purificar a sua alma.

Sac. Esilarato Atzori

★ 19.12.1893, † em Caracas (Venezuela) 23.4.1968 com 74 anos de idade, 53 de profissão e 43 anos de sacerdócio. Foi diretor 10 anos.

Foi salesiano sempre sorridente, de poucas palavras e muita caridade. Demonstrou sua dedicação à Congregação como Conselheiro e Professor na Crocetta, como Diretor no Piemonte e como Superior das obras salesianas na Cirenáica. Destinado à Venezuela, foi primeiro ecônomo inspetorial e depois por 18 anos Confessor no Santuário de Maria Auxiliadora sem faltar nem sequer um dia, diretor espiritual procurado por várias obras de apostolado. A sua morte foi acompanhada com sentido pesar pelos irmãos e amigos.

Coad. Terésio Carlos Berbero

★ 11.2.1887, † em Buenos Aires (Argentina) a 10.2.1968 com 81 anos de idade, 59 de profissão.

Desde 1909 estava encarregado da livraria e isso lhe proporcionou grande popularidade no ambiente católico da cidade. Nesse cargo soube desenvolver um apostolado variado, sobretudo em favor das

vocações e divulgação da boa imprensa. Entre os fregueses recolheu muitas bôlças de estudo para sacerdotes. Em seus últimos anos desenvolveu grande propaganda em favor da construção do templo de Sta. Catarina.

Coad. Francisco Xavier Beyer

★ 23.1.1903, † em Sunbury (Austrália) em 12.4.1968 com 65 anos de idade, 43 anos de profissão.

Foi para a Austrália com os primeiros salesianos alemães e lá permaneceu durante 41 anos, sem nunca mais voltar à sua pátria. Nos últimos 20 anos sofreu muito por doenças diversas e somente Deus sabe os seus sofrimentos: entretanto nunca deixou escapar uma palavra de queixa. Era um irmão sempre delicado, paciente, pontual, generoso. Religioso exemplar e homem de Deus.

Sac. José Bokor

★ 22.2.1897, † em Bratislavia (Slováquia) 8.4.1968 com 71 anos de idade, 52 de profissão e 43 de sacerdócio. Foi 12 anos diretor e 12 inspetor.

Foi um dos primeiros salesianos que em 1924 de Perosa Argentina (Turim) transplantaram a obra de Dom Bosco na Eslováquia. A estima de que gozava junto às autoridades, e ao povo, e o afeto que lhe dedicavam os jovens lhe mereceram dos superiores a eleição para primeiro inspetor dos salesianos na Eslováquia. Consagrou a incipiente inspetoria a Maria Auxiliadora e foi por ela tão sensivelmente ajudado que pôde fundar uma casa nova todos os anos. Infelizmente, com o nôvo rumo que as coisas tomaram, as 13 casas foram nacionalizadas e os irmãos — mais de 250 — foram fechados num campo de concentração. O padre Bokor foi o primeiro que suportou o doloroso calvário e com maior provação, mas suportou todos os sofrimentos físicos e morais com coragem heróica oferecendo-os pela Igreja do silêncio, pelos irmãos e seus companheiros de perseguição. Sua sepultura foi a glorificação da fiel testemunha de Cristo, do salesiano intergêrrimo e do sacerdote bom e inesquecível.

Sac. Dino Cavallini.

★ 7.1.1910, † em La Spezia, (Itália) 12.5.1968, com 58 anos de idade, 40 anos de profissão e 32 de sacerdócio. Foi 20 anos diretor e 1 inspetor.

A morte repentina cortou-lhe as atividades de apóstolo e educador. Com seu caráter cordial e franco havia conquistado o afeto e a confiança das inúmeras falanges de jovens por êle formados à vida cristã nos anos de direção das casas e de importantes escolas profissionais como um Instituto Rebaudengo e o Instituto Agnelli de Turim.

Na direção dessas escolas se especializara nos problemas de caráter profissional e pusera generosamente à disposição dos Supe-

riores a sua capacidade. Um autêntico espírito religioso e um grande amor a Dom Bosco guiaram e fecundaram tôdas as suas atividades.

Sac. Martin Cazzaniga.

★ 30.9.1896, † em Buenos Aires (Argentina) 29.1.1968 com 71 anos de idade, 51 de profissão e 45 de sacerdócio.

Organista da Basílica de Maria Auxiliadora de São Carlos contribuiu durante muitos anos ao esplendor das funções religiosas e das celebrações do colégio Pio IX que era o centro vital da Inspeção de Buenos Aires. Em 1952 começou o seu longo martírio causado pela doença de Parkinson. Foi para todos o exemplo de resignação e paciência, oferecendo o seu sofrimento pela perseverança dos salesianos e aumento das vocações. Atendeu ao ministério das confissões até que pôde, especialmente aos jovens do colégio que o estimavam e desejavam a sua direção espiritual.

Cigo. Estevam Cukla.

★ 8.2.1946, † em Córdoba (Argentina) 28.2.1968, com 22 anos de idade e 4 de profissão.

A Congregação alimentava ótimas esperanças, quando um trágico acidente lhe cortou a vida numa estação de férias dos clérigos. Frequentava com proveito o curso de letras. Piedoso, observante, trabalhador e de grande espírito apostólico, prometia tornar-se um ótimo sacerdote salesiano.

Sac. Roberto Cuttier.

★ 4.6.1907, † em Puerto Casado (Paraguai) 14.10.1967 com 60 anos de idade e 41 de profissão e 30 de sacerdócio.

Trabalhou em diversos colégios e depois nas missões com uma simplicidade que não deixava transparecer o seu verdadeiro valor. O amor à vida de piedade foi uma de suas características e deixou no seu ministério a impressão de um homem de Deus, preocupado tão somente em levar almas a Cristo. Granjeou simpatia de todos especialmente dos meninos, muitos dos quais êle encaminhou para o aspirantado.

Sac. Estevam Czerw.

★ 4.10.1900, † em Zamosc (Polônia) 16.1.1968 com 67 anos de idade, 37 de profissão e 39 de sacerdócio.

Sac. José Deane.

★ 15.11.1921 † em Londres (Inglaterra) 6.4.1968 com 46 anos de idade, 28 de profissão e 19 de sacerdócio.

Figura de sacerdote manso e sereno. Onde trabalhou — na Índia, como zeloso missionário e em Turim, como secretário de um superior

do Conselho Geral, — soube granjear estima e bem querer com a sua bondade e seu espírito profundamente religioso. Conservou a mesmo serenidade também nos longos e dolorosos períodos de doença em vários hospitais, edificando a todos.

Sac. José D'Hollander.

★ 25.6.1920, † em Brussel (Bélgica) 20.3.1968, com 47 anos de idade, 26 de profissão e 17 de sacerdócio.

Sua simplicidade e cordialidade, seu bom coração e a sua generosidade humilde, oculta, mas completa, tornaram-no professor e educador estimado de todos. Sua maior alegria era ver-se cercado de meninos. Seu amor por eles o levavam a sacrificar-se durante as férias nas colônias de Antwerpen e Oud-Heverlee. Durante os últimos meses de sua longa doença, única tristeza era não poder estar com os meninos.

coad. Nicolau Donno.

★ 27.3.1898, † em Ypacarai (Paraguai) 31.10.1967 com 69 anos de idade e 39 de profissão.

Sac. João Faccaro.

★ 25.4.1880, † em Turim, aos 16.3.1968, com 87 anos de idade, 69 de profissão e 64 de sacerdócio. Foi 3 anos diretor.

Passou quase toda a sua vida entre as casas de Valsálce e São João Evangelista, deixando nas numerosíssimas gerações de alunos a memória inesquecível de autêntico e santo filho de Dom Bosco. Professor culto e preparado em letras clássicas, dedicou-se ao seu dever de professor e ao sagrado ministério. Durante 40 anos foi assíduo, dedicado e procurado diretor de almas na igreja de São João Evangelista. Sua bondade, sua gentileza e paciência, reflexo de uma alma de profunda vida interior, criavam em torno de sua pessoa um clima de serenidade e de fé que levava à prática do bem e contribuíam muito a tornar a Congregação salesiana amada e estimada.

Sac. José Fernando.

★ 7.3.1909, † em Montevideo (Uruguai) 21.2.1968, com 58 anos de idade, 39 de profissão e 30 de sacerdócio.

Foi aluno dos “Talleres Dom Bosco” onde sentiu o chamamento do Senhor à vida salesiana. E totalmente salesiano foi sempre o seu campo de ação: os jovens. Pode-se dizer que viveu literalmente para eles. Grande e profunda sua devoção a Maria Auxiliadora. Deus lhe concedeu uma nova missão nos últimos anos de sua vida: o sofrimento. Recebeu-o como a sua cruz, com ânimo sereno, das mãos do Senhor.

Sac. Cláudio Fontana.

★ 4.6.1916, † em Puerto Madryn (Argentina) 15.2.1968, com 51 anos de idade, 25 de profissão e 18 de sacerdócio. Foi 3 anos diretor

Entrou para a Congregação Salesiana já adulto, mas soube assimilar perfeitamente o espírito de Dom Bosco. Foi zeloso diretor e pároco e trabalhou particularmente em prol das vocações que sabia atrair à Congregação com seu espírito humilde e simples.

Sac. Antônio Gavinelli.

★ 27.11.1885, † em Bologna (Itália) 31.5.1968, com 82 anos de idade, 64 de profissão e 55 de sacerdócio. Foi 6 anos diretor.

Sua atividade se prende sobretudo à divulgação do culto ao Sagrado Coração, cujo templo em Bologna o teve como Reitor durante 35 anos. Seu zelo sacerdotal encontrou um ótimo instrumento em suas mãos de exímio organizador e isso lhe atraiu muita estima nos ambientes eclesiásticos e civis. Deve-se a êle o fato de, o templo do Sagrado Coração, ter-se tornado centro de muitas iniciativas espirituais e materiais que lhe permitiram construir diversas obras na cidade e na periferia, como por exemplo, a Paróquia Dom Bosco, atendendo às zonas particularmente necessitadas de assistência juvenil e não juvenil. Escondia sob uma personalidade aparentemente reservada um coração muitíssimo sensível para com todos. Cultivou firme e fielmente a mais genuína tradição salesiana.

Sac. Francisco Gaffney.

★ 8.3.1906, † em Cheam (Inglaterra) 12.6.1968, com 62 anos de idade, 40 de profissão e 30 de sacerdócio. Foi um ano diretor.

Homem de grande coração e afeiçoadíssimo à Congregação, amigo de todos e extremamente delicado no seu modo de agir; exerceu êstes seus dotes como professor e pároco durante muitos anos. Sua figura paterna e simpática, seu exemplo luminoso e vida sacerdotal e apostólica deixaram uma lembrança imorredoura no coração de quantos tiveram o privilégio de o conhecer. Seu desaparecimento foi pranteado por tôda a Inspetoria e grande círculo de alunos e amigos.

Coad. Filipe Gomez

★ 23.6.1891, † em Buenos Aires (Argentina) 12.5.1968, com 76 anos de idade, 50 de profissão.

Depois de exercer durante vários anos o ofício de porteiro no noviciado de Bernal, passou para o colégio Pio IX como encarregado dos operários. Em 1930 foi-lhe confiada a livraria "Dom Bosco". Adquiriu prestígio merecidamente pela sua bondade, sabedoria e prudência com que aconselhava a quantos recorriam a êle para indicações bibliográficas e outras necessidades quaisquer.

Sac. Frederico Gorla.

★ 9.2.1904, † em Cumiana (Itália) 16.5.1968, com 64 anos de idade, 46 de profissão e 37 de sacerdócio.

Os irmãos admiravam nele a observância fiel e quase escrupulosa das Regras, sinal de sua fidelidade e generosidade para com Deus. Atendeu com dedicação absoluta durante muitos anos à tarefa delicada da administração do Boletim Salesiano. Nos anos passados entre os Aspirantes de Ivrea, Castelnuovo, Bagnolo e Cumiana se dedicou nas aulas e no confessionário ao cuidado das vocações com zêlo incansável, com perseverança e firmeza; sempre exato, humilde e piedosamente eficiente.

Sac. João Hefter.

★ 4.3.1903, † em Callao (Peru) 20.11.1967, com 64 anos de idade, 40 de profissão e 34 de sacerdócio. Foi 16 anos diretor.

Diretor de diversas casas e depois pároco de Callao foi exemplo vivo do bom pastor que dedica tóda sua vida ao bem das almas. O grande pôrto de Callao era parte de sua paróquia e tóda a população o estimava grandemente porque a sua caridade não tinha limites. Morreu ensinando a doutrina cristã que fôra sempre a sua paixão. Seu entêrro constituiu-se uma apoteose nunca vista em Callao, especialmente composto de gente humilde, que era a sua parcela predileta.

Coad. Lisardo Herrero.

★ 5.5.1898, † em Villena (Espanha) 7.3.1968, com 69 anos de idade, 46 de profissão.

Trabalhou com grande zêlo durante tóda a vida salesiana lecionando e cuidando dos centros "Domingos Sávio" e dos Ex-alunos dos colégios da região do Oriente. Suas características, sinceridade e jovialidade a par da sua incansável atividade, lhe granjearam a estima de quantos dêle se aproximaram. Trabalhou até poucos minutos antes de sua morte. Pode-se dizer que tombou no trabalho.

Coad. Francisco Kammermeier.

★ 20.10.1895, † em Benediktbeuern (Alemanha) 1.2.1968, com 72 anos de idade e 41 de profissão.

Vocação adulta, camponês de origem, foi à Venezuela onde se tornou muito útil nas escolas agrícolas. Adoeceu e depois de 10 anos voltou para sua pátria tendo recebido o encargo de ecônomo das casas de Bamberg, Marienhausen e Benediktbeuern. Trabalhador incansável. Sempre disposto também nas ocupações mais humildes, é o tipo do coadjutor que tanto serviço pode prestar nos interesses materiais das nossas casas.

Sac. Carlos Klaus.

★ 4.10.1903, † em Civitavecchia (Itália) 21.1.1968, com 64 anos de idade, 40 de profissão e 33 de sacerdócio.

Saiu da Alemanha em 1927 e foi para Venezuela onde permaneceu 20 anos. Em 1948, a obediência o destinou para a Espanha e em seguida à Inspeção Romana. Trabalhou sobretudo no ministério pastoral como confessor com fé e dedicação também no meio de graves dificuldades. Subiu o calvário regenerador do sofrimento rezando e sofrendo pelas vocações.

Sac. Luiz Lagutaine.

★ 4.1.1925, † em Milão (Itália) 7.6.1968, com 43 anos de idade, 26 de profissão e 17 de sacerdócio.

Foi educado numa família distinta e religiosa que deu outro filho para a ordem dos Dominicanos. Sua característica foi um grande zelo pelo trabalho pastoral que o empenhava muito também durante os estudos de arquitetura que não pôde completar. Aceitou consciente e com fé o supremo sacrifício.

Coad. Edelmiro Lopez.

★ 20.8.1893, † em Santa Cruz Tererife (Espanha) 27.3.1968, com 75 anos de idade e 49 de profissão.

Mestre de música e professor, foi sempre salesiano exemplar, humilde, culto e um trabalhador incansável. Nos últimos anos suportou com grande espírito de fé e resignação os pesados sofrimentos com que Deus o quis provar indo ao encontro da morte serenamente.

Sac. Clemente Lussiana.

★ 1.2.1883, † em Turim (Itália) 2.3.1968, com 85 anos de idade, 67 de profissão e 55 de sacerdócio. Foi 6 anos diretor.

O padre Lussiana faz parte daquela inesquecível família de salesianos que em Valsálce, junto da tumba de Dom Bosco formaram numerosas turmas de jovens irmãos para a Congregação.

Distinguiu-se sempre por uma bondade gentil e sorridente, pelos cuidados sacerdotais de seu apostolado e generosa diligência em todos os seus trabalhos. Foi também por muitos anos inegalável Diretor de Oratório. Os jovens a quem deu profunda formação espiritual tratando-os com bondade cordial mas acostumando-os a um forte sentido de responsabilidade, permaneceram-lhe afeiçoadíssimos. Os irmãos lembram-no como figura das características da segunda geração salesiana.

Coad. José Marzio.

★ 10.4.1911, † em Caselette (Itália) 21.4.1968, com 57 anos de idade e 36 de profissão.

Salesiano de índole forte como o demonstrava o seu físico robusto. Passou os primeiros 10 anos de vida religiosa no país de Jesus na Palestina e os demais em várias casas da Inspetoria Central. Em princípio deste ano foi surpreendido por uma doença insidiosa contra a qual a ciência se demonstra ainda impotente. Embora forte e robusto demonstrou-se admirável diante da realidade, cheio de confiança em Deus, dizendo-se feliz por morrer salesiano e grato aos irmãos que o assistiram até à morte.

Coad. Lourenço Meindl.

★ 11.1.1883 e † em Burghausen (Alemanha) 12.2.1968, com 85 anos de idade e 45 de profissão.

Começou o aspirantado na casa de Burghausen para onde voltou depois do noviciado lá permanecendo até à morte. Era mestre sapaiteiro, mas quase nunca exerceu o officio.

Era coadjutor da antiga estrutura como o havia imaginado Dom Bosco, trabalhador, sereno, religioso.

Coad. Pedro Miele.

★ 6.7.1891 e † em Juazeiro (Brasil) 14.10.1967, com 76 anos de idade e 44 de profissão.

Sac. Mário Mondelli.

★ 9.11.1901, † Nave (Itália) 29.3.1961, com 66 anos de idade, 20 de profissão e 42 de sacerdócio.

Sacerdote zelosíssimo na diocese de Lodi. Ordenara-se sacerdote para levar o Evangelho à América Latina onde se demonstrou verdadeiro apóstolo na Argentina primeiro e no Paraguai depois. Obrigado pela doença a voltar para a Itália, continuou a preocupar-se pela Inspetoria do Paraguai procurando-lhe benfeitores e ofertas. Característica do padre Mondelli foi a sua extraordinária jovialidade, fruto de alegria interior que multiplicava a eficácia de sua palavra e do seu exemplo acima de tudo na direção das almas.

Cigo. Nov. Francisco Ottocento.

★ 20.7.1951, † em Latiana (Itália) 27.3.1968, com 16 anos de idade e alguns dias de profissão in articulo mortis.

Cigo. Francisco Ottocento.

★ 12.12.1898, † em Buenos Aires (Argentina) 6.2.1968, com 69 anos de idade e 49 de profissão.

O trabalho escondido e sacrificado deste bom irmão se revelou mui claramente nos últimos anos. Embora portador de grave doen-

ça cardíaca, dedicou-se com entusiasmo ao Oratório Festivo e à Escola Paroquial. Sempre pronto para qualquer trabalho assim como para fazer vibrar a sua bela voz nas funções religiosas. Deixa-nos o exemplo de uma doação total ao Senhor e de ardoroso apostolado salesiano.

Coad. João Paredes.

★ 26.5.1889, † em Guayaquil (Equador) 27.4.1968, com 78 de idade e 47 de profissão.

Religioso humilde e bom passou a vida salesiana unido sempre com Deus com uma piedade simples e fervorosa. Estava sempre disposto para qualquer ocupação, como alfaiate, provedor, roupeiro, sacristão, porteiro.

Sac. Juliano Pincepoche.

★ 23.12.1882, † em Marans (França) 10.12.1967, com 85 anos de idade, 66 de profissão e 58 de sacerdócio. Foi 2 anos diretor.

Don Rua lhe havia dito: “Não temas... chegarás aos 80 anos”. A profecia foi além do previsto. Deixe-nos o exemplo de uma vida de sacerdote bom e fiel. Apesar de seu temperamento forte, podia dizer no fim de toda sua vida com simplicidade e humildade: “Penso que nunca arranjei inimigos”.

Clgo. Domingos Sávio Reis.

★ 5.11.1940, † em Puerto Madryn (Argentina) 15.2.1968, com 27 anos de idade e 9 de profissão.

Filho de família patriarcal (16 irmãos), foi educado desde pequeno na escola de Dom Bosco. Aprendeu a amar os mais pobres e a trabalhar com alegria em favor do Oratório Festivo.

Sac. Estevan Saldivar.

★ 11.11.1911 † em Concepción (Paraguai) 3.9.1967 com 55 anos de idade, 38 de profissão e 23 de sacerdócio.

Coad. Fernando Schiappacase.

★ 14.9.1909, † em General Piran (Argentina) 1.2.1968, com 58 anos de idade e 42 de profissão.

Sac. Emanuel Sicker.

★ 25.12.1876, † em Guatemala (Guatemala) aos 11.5.1968, com 91 anos de idade, 73 de profissão e 66 de sacerdócio. Foi 37 anos diretor.

Com a morte do padre Sicker desaparece o salesiano mais antigo e mais benemérito da obra salesiana na República da Guatemala. Depois do noviciado em Ivrea e o Estudantado em Valsálce, foi para a América.

Durante quase 30 anos empregou suas jovens energias nas Inspeções da Argentina, Peru e Equador. Aos 50 anos, na plenitude da maturidade e eficiência, foi enviado para a América Central com a missão de iniciar a obra salesiana em Guatemala. Nessa missão gastou seus últimos 40 anos de vida. Deve-se ao seu zelo o florescer das obras salesianas nas 6 casas da Guatemala. Pregador estimadíssimo e solicitado Diretor espiritual, gozava da estima das autoridades e da população. Tudo isso ficou evidente no dia de seus funerais.

Sac. José Spadavecchia.

★ 11.9.1877, † em Avellaneda (Argentina) 16.10.1967, com 90 anos de idade, 73 de profissão e 63 de sacerdócio.

Sac. João Tedeschi.

★ 3.7.1888, † Soverato (Itália) 25.4.1968, com 79 anos de idade, 62 de profissão e 43 de sacerdócio. Foi 11 anos diretor.

Alma simples, trabalhador incansável, entregue totalmente ao bem dos outros, cativou a simpatia dos irmãos e dos jovens aos quais dedicou sempre o tesouro de sua cultura excepcional e seu coração bom e generoso. Foi o professor excelente, diretor dos estudos de qualidades não comuns, que lhe mereceram a medalha de ouro do Ministério da Educação.

Sac. Luiz Terrone.

★ 10.6.1875, † em Turim (Casa Mãe) 26.4.1968, com 92 anos de idade, 75 de profissão e 70 de sacerdócio. Foi 48 anos diretor e 25 mestre dos noviços.

Em novembro p.p. havia celebrado seus setenta anos de sacerdócio, no altar de Nossa Senhora Auxiliadora, assistido pelo mesmo Reitor Maior que fôra seu noviço. Apagou-se com a serenidade dos patriarcas, depois de repetir várias vezes: “Espero a minha hora. Ela deve chegar também para mim”.

Salesiano desde 1893, doutor em filosofia, e teologia pela Universidade Gregoriana, depois de alguns anos de magistério, teve a direção de várias casas do Piemonte, do Veneto, do Lácio, da Sicília, e da Áustria. Entretanto seu apostolado específico foi o de mestre dos Noviços em sete casas de formação, onde preparou centenas de salesianos.

Em 1935 o Reitor Maior, Padre Pedro Ricaldone, o chamou para junto de si, como seu colaborador. Ao ministério da palavra e da ação, o Padre Terrone soube aliar o da pena, produzindo obras ascéticas, apologéticas e recreativas. Seus escritos salesianos interpretaram autenticamente o espírito de D. Bosco. Sereno, otimista, capaz de compreender a realidade da vida e dos homens, genial no seu

pensamento e nas suas iniciativas, procurou animar sempre quantos dele se aproximaram e soube adaptar-se a tôdas as cousas boas dos tempos novos. Teve um espírito genuinamente salesiano e bem pode ser denominado um dos “clássicos” da Salesianidade.

Coad. Antônio Tronza.

★ 21.2.1903, † em Roma (Itália) 21.12.1967, com 64 anos de idade e 34 de profissão.

Estava no Instituto Pio IX desde 1934, encarregado da administração das oficinas.

Neste delicado e difícil officio demonstrou sempre e diante de todos, ser verdadeiro religioso e ter com o seu máximo interesse, o interesse da casa e da Congregação que amava profundamente. Abatido pelo enfarte em 1964, recebeu o sofrimento com profunda resignação cristã, vendo nela a mão de Deus que o purificava e o chamava para a missão do sofrimento.

Sac. Salvador Trovato.

★ 15.9.1906, † em Catania (Itália) 27.2.1968, com 61 anos de idade, 44 de profissão e 35 de sacerdócio.

Salesiano de sólida formação, mostrou-se sempre fiel às Regras e a Dom Bosco. Atraía as simpatias dos jovens, dos alunos e Oratorianos e dos seus pais pela sua simplicidade, bondade, serenidade e alegria. Trabalhou com espírito de sacrificio e abnegação, nunca se poupando; deixa grande tristeza e um exemplo luminoso de salesiano.

Sac. João Trussardi.

★ 12.12.1904, † em Bologna (Itália) 19.2.1968, com 63 anos de idade, 36 de profissão e 28 de sacerdócio.

Coad. Inácio Urtassun.

★ 4.7.1875, † em Madrid (Espanha) 30.4.1968, com 92 anos de idade e 70 de profissão.

Entrou como aspirante aos 18 anos de idade na casa de Sarriá (Barcelona), onde ainda se falava da visita de Dom Bosco. Lá se consolidou sua vocação e aprendeu a amar ternamente a Maria Auxiliadora. Foi sempre fiel na observância religiosa e no amor ao trabalho. Nos dias de festa era uma delícia vê-lo como sabia entreter os meninos do Oratório. Depois de receber o Viático, dirigiu palavras de perdão e reconhecimento aos irmãos que o assistiam.

Coad. Rafael Venture.

★ 23.1.1884, † em Bologna (Itália) 19.3.1968, com 84 anos de idade e 61 de profissão.

Passou quase 56 anos de sua vida religiosa na casa de Bologna deixando uma lembrança viva de observância, de amabilidade, de nobre exatidão no cumprimento do dever, entendido como elevação es-

piritual. No ofício de encadernador foi um grande mestre e teve altas distinções artísticas na Itália e no estrangeiro. Quis sempre que tôdas as altas honorificências e numerosos prêmios fôsem para a escola e não para a sua pessoa, dando sempre admirável exemplo de modéstia e humildade. Dom Bosco queria irmãos assim nas suas escolas profissionais.

Sac. Luiz Vizollo.

★ 6.4.1872, † em Marsalla (Itália) 23.5.1968, com 96 anos de idade, 73 de profissão e 64 de sacerdócio.

Era o irmão mais velho da Inspetoria. Todos o procuravam como confessor para receber o perdão e uma palavra boa e esclarecida. Alma simples e transparente, amava a Congregação de Dom Bosco com afeto sincero e entusiasta. Suportou com edificante resignação os sofrimentos da última doença, oferecendo-os pelas vocações da Congregação.

Sac. José Walter.

★ 13.4.1907, † em Wurzburg (Alemanha) 17.2.1968, com 60 anos de idade, 42 de profissão e 34 de sacerdócio.

Sac. Henrique Willems.

★ 15.10.1911, † em S. Georges-sur-Meuse (Bélgica) 10.6.1968, com 56 anos de idade e 33 de profissão.

Uma deformação óssea congênita impediu que o padre Willems desempenhasse um apostolado variado e funções diversas na Congregação. Foi entretanto exemplo de assistente salesiano, sobretudo dos menores mais pequeninos. Quando a ciência médica, depois de muitas intervenções lhe havia restituído a mobilidade dos membros, um ataque cardíaco lhe tirou a vida em poucas horas. O padre Willems percebeu a morte aproximar-se. Pediu os sacramentos e com confiança e serenidade esperou o encontro do Senhor.

Sac. Constantino Zajkowski.

★ 6.10.1878, † em Rio Grande (Brasil) 7.3.1968, com 89 anos de idade, 69 de profissão e 63 de sacerdócio. Foi 10 anos diretor.

Vida longa e admirável, empregada totalmente no serviço da Congregação. Missionário no Brasil, por muitos anos zelosíssimo confessor, trabalhador incansável, sacerdote exemplar, religioso de observância intensa e piedade edificante. Verdadeiro apóstolo da devoção a Nossa Senhora. Tudo sofria e fazia pelas vocações.

2° elenco 1968

N.	COGNOME E NOME	DATA DI NASCITA	ISPETTORIA	LOCALITÀ E DATA DI MORTE	ETÀ
37	Coad. APARICO Antonio	25-1-1877	Campo Grande	Campo Gr. (Brasil)	4-12-1967 90
38	Coad. APRILE Pietro	20-4-1911	Centrale	Piossasco (Italia)	16-3-1968 56
39	Sac. ATZORI Esilarato	19-12-1893	Venezuela	Caracas (Ven.)	23-4-1968 74
40	Coad. BARBERO Teresio C.	11-2-1887	Buenos Aires	Bs. Aires (Argent.)	10-2-1968 81
41	Coad. BEYER Franc. Sav.	23-1-1903	Australia	Sunbury (Austr.)	12-4-1968 65
42	Sac. BOKOR Giuseppe	22-2-1897	Slovacchia	Bratislava (Slov.)	8-4-1968 71
43	Sac. CAVALLINI Dino	7-1-1910	Ligure	La Spezia (Italia)	12-5-1968 58
44	Sac. CAZZANIGA Martin	30-9-1896	Buenos Aires	Bs. Aires (Arg.)	29-1-1968 71
45	Ch. CUKLA Stefano	8-2-1946	Rosario (Arg.)	Córdoba (Argent.)	28-2-1968 22
46	Sac. CUTTIER Roberto	4-6-1907	Paraguay	Puerto Casado (P.)	14-10-1967 60
47	Sac. CZERW Stefano	4-10-1900	Kraków (Polonia)	Zamosc (Polonia)	16-1-1968 67
48	Sac. DEANE Giuseppe	15-11-1921	Centrale	Londra (Inghilt.)	6-4-1968 46
49	Sac. D'HOLLANDER Gius.	25-6-1920	Belgio N.	Brussel (Belgio)	20-3-1968 47
50	Coad. DONNO Nicola	27-3-1898	Paraguay	Ypacarai (Par.)	31-10-1967 69
51	Sac. FACCARO Giovanni	25-4-1880	Subalpina	Torino - S. Giov.	16-3-1968 87
52	Sac. FERRANDO Giuseppe	7-3-1909	Uruguay	Montevideo (Ur.)	21-2-1968 58
53	Sac. FONTANA Claudio	4-6-1916	Rosario	Puerto Madryn (Arg.)	15-2-1968 51
54	Sac. GAFFNEY Francesco	8-3-1906	Inglese	Cheam (Inghilt.)	12-6-1968 62
55	Sac. GAVINELLI Antonio	27-11-1885	Lombarda	Bologna (Italia)	31-5-1968 82
56	Coad. GÓMEZ Filippo	23-8-1891	Bs. Aires	B. Aires (Argent.)	12-5-1968 76
57	Sac. GORIA Federico	9-2-1904	Centrale	Cumiana (Italia)	16-5-1968 64
58	Sac. HEFTER Giovanni	4-3-1903	Perù	Callao (Perù)	20-11-1967 64
59	Coad. HERRERO Lisardo	5-5-1898	Valencia (Sp.)	Villena (Spagna)	7-3-1968 69
60	Coad. KAMMERMEIER Francesco	20-10-1895	München (Ger.)	Benediktbeuern (Ger.)	1-2-1968 72
61	Sac. KLAUS Carlo	4-10-1903	Romana	Civitavecchia	21-2-1968 64
62	Sac. LAGUTAINÉ Luigi	4-1-1925	Subalpina	Milano	7-6-1968 43
63	Coad. LOPEZ Edelmiro	20-8-1893	Córdoba (SP)	Santa Cruz de Tenerife (Spagna)	27-3-1968 75
64	Sac. LUSSIANA Clemente	1-2-1883	Subalpina	Torino-Valsalice	2-3-1968 85
65	Coad. MARZIO Giuseppe	10-4-1911	Centrale	Caselette (Italia)	21-4-1968 57
66	Coad. MEINDL Lorenzo	11-1-1883	München (Ger.)	Burghausen (Germ.)	12-2-1968 85
67	Coad. MIELE Pietro	6-7-1891	Recife (Bras.)	Juazeiro (Brasil)	14-10-1967 76
68	Sac. MONDELLI Mario	9-11-1901	Lombarda	Nave (Italia)	29-3-1968 66
69	Ch.n. OTTOCENTI Francesco	20-7-1951	Romana	Latina (Italia)	27-3-1968 16
70	Coad. PAGLIOLICO Giovanni	12-12-1898	Bs. Aires (Arg.)	Bs. Aires (Arg.)	6-2-1968 69
71	Coad. PAREDES Giovanni	26-5-1889	Quito (Equatore)	Guayaquil (Equat.)	27-4-1968 78
72	Sac. PINCEPOTCHE Giuliano	23-12-1882	Paris	Marans (Francia)	10-12-1967 85
73	Ch. REIS Domenico Savio	5-11-1940	Belo Horizonte	Puerto Madryn (Arg.)	15-2-1968 27
74	Sac. SALDIVAR Stefano	11-11-1911	Paraguay	Concepción (Parag.)	3-9-1967 55
75	Coad. SCHIAPPACASSE Ferd.	14-9-1909	La Plata (Arg.)	General Pirán (Arg.)	1-2-1968 58
76	Sac. SICKER Emanuele	25-12-1876	Centro America	Guatemala	11-5-1968 91
77	Sac. SPADAVECCHIA Gius.	11-9-1877	La Plata (Arg.)	Avellaneda (Arg.)	16-10-1967 90
78	Sac. TEDESCHI Giovanni	3-7-1888	Napoletana	Soverato (Italia)	25-4-1968 79
79	Sac. TERRONE Luigi	10-6-1875	Centrale	Torino-Oratorio	26-4-1968 92
80	Coad. TRONZA Antonio	21-2-1903	Romana	Roma	21-12-1967 64
81	Sac. TROVATO Salvatore	15-9-1906	Sicula	Catania (Italia)	27-2-1968 61
82	Sac. TRUSSARDI Giov.	12-12-1904	Lombarda	Bologna (Italia)	19-2-1968 63
83	Coad. URTASUN Ignazio	4-7-1875	Madrid (Sp.)	Madrid (Sp.)	30-4-1968 92
84	Coad. VENTURI Raffaele	23-1-1884	Lombarda	Bologna (Italia)	19-3-1968 84
85	Sac. VIZOLO Luigi	6-4-1872	Sicula	Marsala (Italia)	23-5-1968 96
86	Sac. WALTER Giuseppe	13-4-1907	München (Ger.)	Würzburg (Germ.)	17-2-1968 60
87	Sac. WILLEMS Enrico	15-10-1911	Belgio Sud	St-Georges-sur-Meuse (Belgio)	10-6-1968 56
88	Sac. ZAJKOWSKI Costantino	6-10-1878	Porto Alegre	Rio Grande (Brasil)	7-3-1968 89

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Moóca, 766 (Moóca)
Fone: 33-5459 — P. A. B. X.
Caixa Postal, 30 439
SÃO PAULO
B R A S I L

